

IVANY MAGALHÃES DA SILVA

**MATERIALIDADE DISCURSIVA: os processos de constituição de memória
e o letramento digital**

Sinop
2018

IVANY MAGALHÃES DA SILVA

**MATERIALIDADE DISCURSIVA: os processos de constituição de memória
e o letramento digital**

Trabalho de Conclusão apresentado ao Programa de Pós-graduação Profissional em Letras – PROFLETRAS – da Universidade do Estado de Mato Grosso, *campus* universitário de Sinop, como requisito para obtenção do título de mestre em Letras.

Área de concentração: Linguagens e Letramentos

Orientadora: Profa. Dra. Tânia Pitombo de Oliveira

Sinop
2018

CIP – CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

S586m SILVA, Ivany Magalhães da.
Materialidade Discursiva: os Processos de Constituição de Memória e o Letramento Digital / Ivany Magalhães da Silva - Sinop, 2018.
158 f.; 30 cm.(ilustrações) Il. color. (sim)

Trabalho de Conclusão Final - Curso de Pós-graduação Stricto Sensu (Mestrado Profissional) Profletras, Faculdade de Educação e Linguagem, Câmpus de Sinop, Universidade do Estado de Mato Grosso, 2018.
Orientador: Tânia Pitombo de Oliveira

1. Linguagem. . 2. Análise de Discurso. 3. Memórias. . 4. Letramento Digital.. I. Ivany Magalhães da Silva.
II. Materialidade Discursiva: os Processos de Constituição de Memória e o Letramento Digital: .

CDU 81

IVANY MAGALHÃES DA SILVA

MATERIALIDADE DISCURSIVA: os processos de constituição de memória e o letramento digital

Trabalho de Conclusão apresentado ao Programa de Pós-graduação Profissional em Letras – PROFLETRAS – da Universidade do Estado de Mato Grosso, *campus* universitário de Sinop, como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras, julgado pela Banca composta dos membros:

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Tânia Pitombo de Oliveira
Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT/Sinop
(Presidente)

TITULARES

Profa. Dra. Sandra Luzia Wrobel Straub
Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT/Sinop

Profa. Dra. Cristiane Dias
Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP/Campinas

SUPLENTES

Profa. Dra. Solange Fortilli
Universidade do Estado do Mato Grosso do SUL– UFMS/ Três Lagoas

Profa. Dra. Cláudia Landim Negreiros
Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT/Sinop

Aprovada em: 06 de fevereiro de 2018.

Local da defesa: Auditório CEI – *Campus* Universitário de Sinop –
Universidade do Estado de Mato Grosso

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à Joalice e Nelson,
meus pais, que me ensinaram a sonhar.

AGRADECIMENTOS

Ao Eterno, pelas graças concedidas nesse percurso de dois anos.

Ao meu marido, Judiney Filippi, pelo apoio incondicional.

Aos jovens: Priscila, Melissa, Felipe, Pedro, Amanda, João, Natália, Lucas, Ana Paula, Carolina, Maurício, Natanael, Andrey, Matheus: in memoriam, Raynara, Eduarda, Kauê, Hian, Emanuela, Rafaela, Isadora, Guilherme, Yuri, Jefferson, Pérolla, Aray, Ryan, Brumell, Desirêe, Giulia, Milene, Duanny e Michel que me animam a prosseguir.

Às três mosqueteiras Elisangela, Rosana e Lidiane pelo amor envolvido.

Aos homens, Márcio, Sílvio, Álvaro, Edmar e Felipe pela segurança que me transmitem.

À minha querida avó, Mariana Magalhães.

Aos tios: Celso, Ernesto, Carlos, César, Pedro, Eurides, Milton, Lola, Tetê, Neta, Eliete, Dina, Nice, Aderceny, Chica, Dejanira, Brancão e Branquito.

As meus amigos, em particular, Cleiton, Isaac, Adevanir, Giovania, Reinaldo, Kátia, Rita, Sadi, Luciana, Vanessa, Maria Aparecida, Luana, Calíope, Pedro, Victória, Bárbara, Aurieta, e Claricindo, Lula, Suzete, Suely, Aldo: in memoriam, Ingrid, Seu Bento, Benedito, Lourival, Antônia, Mônica, Liana, Dona Ana, Regina, Izenil e Vilela, Nei e Marlene, Lindomar e Fabriela e Eliana pelo apoio de uma vida inteira.

À minha orientadora, professora doutora Tânia Pitombo de Oliveira, por toda dedicação dispensada.

Às professoras doutoras Cristiane Dias e Sandra Luzia Wrobel Straub, pelas contribuições no exame de qualificação.

Aos amigos da turma 3 do ProfLetras, UNEMAT de Sinop –MT, que com gentilezas me sustentaram. Especialmente, à Simone por seus cuidados com a turma, à Elizandra, Gorette, Isabel, Patrícia, Juliane e Jacilda por estarem sempre comigo.

À CAPES, pela concessão da bolsa de estudos através do Programa de Pós graduação - ProfLetras.

Aos doutores do Programa ProfLetras, meu sentimento de gratidão por tudo que ensinaram.

À professora Diane Maria Loch que, muito carinhosamente, me cedeu suas aulas.

Aos pais dos alunos por aceitarem e cooperaram na realização do projeto.

Aos alunos do 7º ano A, pela coparticipação nesse trabalho.

À direção do Instituto Presbiteriano de Educação Simonton, especialmente, Maria Aparecida Simão e reverendo doutor Marcos dos Anjos.

Aos pais e alunos do IPES que tiveram paciência com minhas ausências escolares.

A nação Nambikwara que nos recebeu e contou suas memórias.

Ao pioneiro Nivaldo Bertotto e família por compartilhar suas memórias.

Ao Diretor da Escola Municipal Eneli Firmo Bandeira Scapinello, Alessandro de Oliveira Lima e a coordenadora Cleide Viana, por ter dado todas as condições para a realização do projeto.

À Nelci Rauber, Secretária Municipal de Educação, por ter autorizado a realização do projeto na escola.

O presente contém todo o passado.

Antônio Gramsci

RESUMO: A realidade das escolas inseridas nas regiões do agronegócio é muito particular, pois os sujeitos que a compõem, especialmente, os alunos, são de diferentes localidades do país. São crianças à mercê de safras e entressafras, que vão e vem quase sem possibilidade de fixar raízes devido à falta de uma política pública de manutenção dessas famílias no município. Mas quem são esses sujeitos? De onde vêm? Que histórias carregam consigo? Em que os relatos de memórias poderão contribuir para o letramento digital dessas crianças? No intuito de responder essas inquietações foi pensada esta proposta de cunho intervencionista que se inscreve nos estudos da linguagem, sob a perspectiva teórico-analítica da Análise de discurso materialista histórica em que foram analisadas as condições de produção, as posições-sujeitos e os processos de constituição de memórias nos relatos produzidos pelos alunos do 7º ano do Ensino Fundamental, turma E, da Escola Municipal Eneli Firmo Bandeira Scapinello, no Município de Sapezal-MT. E de que forma a contação de memórias contribuíram para o letramento digital dos sujeitos da pesquisa. Na consecução da proposta, utilizamos o método pesquisa-ação, adotamos a sequência didática básica com as atividades distribuídas em dez módulos, desenvolvidos durante o segundo semestre de 2017. O gênero escolhido para a sequência didática foi o relato e suas variadas realizações discursivas: entrevista, diário, documentário, fotos, cartas, poemas, e música, contos e trechos de romance. E para o letramento digital foram desenvolvidas atividades com os programas *Microsoft Word*, *Excel* e *Power Point* e rede social *Facebook*, na produção de *posts*, gráficos, tabelas, filmes e apresentações. Finalizamos o trabalho com a compreensão de leitura de hipertexto e para produto final, elaborou-se uma página *web* para registro de todas as atividades. Na fundamentação: Orlandi (1997, 2015); Marcuschi e Xavier (2009); Gomes (2001); Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004); Rojo (2009, 2013); Rojo e Barbosa (2015); Straub (2012); Dias e Couto (2011) Koch e Elias (2015) e Thiollent (2011). A análise dos dados apresenta recortes dos relatos de memórias produzidos pelos alunos em que foram analisados os elementos textuais e discursivos das condições de produção, das posições-sujeitos e das formações discursivas em que os discentes estão inscritos. Todo o trabalho foi construído com leitura e produção textual, aliados ao laboratório de informática, os quais contribuíram para o processo de autoria e letramento digital dos alunos envolvidos na pesquisa.

Palavras-chave: Linguagem. Análise de Discurso. Memórias. Letramento Digital.

SUMMARY: The reality of the schools inserted in the agribusiness regions is very particular, since the subjects that compose it, especially the students, come from different localities of the country. They are children at the mercy of crops and off season, who come and go almost without possibility of establishing roots due to the lack of a public policy of maintenance of these families in the municipality. But who are these folks? Where do they come from? What stories do they carry? How can the memory reports contribute to the digital literacy of these children? In order to respond to these concerns, this interventionist approach was conceived, which is inscribed in the studies of language, under the theoretical-analytical perspective of historical materialist discourse analysis, in which the conditions of production were analyzed, the subject-positions and the processes of constitution of memories in the reports produced by the students of the 7th grade of Elementary School, class E, of the Municipal School Eneli Firmo Bandeira Scapinello, in the Municipality of Sapezal-MT. And in what way the reporting of memories contributed to the digital literacy of the subjects of the study. In the achievement of the proposal, we used the research-action method, we adopted the basic didactic sequence with the activities distributed in ten modules, developed during the second semester of 2017. The sort chosen for SD was the story and its various discursive accomplishments: interview, diary, documentary, photos, letters, poems, and music, short stories and excerpts of romance. And for digital literacy activities were developed with the programs Microsoft Word, Excel and Power Point and social network Facebook, in the production of posts, charts, tables, films and presentations. We finished the work with the understanding of reading of hypertext and for final product, a webpage was elaborated to register all the activities. In the grounds: Orlandi Eni P. (1997, 2015); Marcuschi and Xavier (2009); Gomes (2001); Dolz, Noverraz and Schneuwly (2004); Rojo (2009, 2013); Rojo and Barbosa (2015); Straub (2012); Dias and Couto (2011) Koch and Elias (2015) and Thiollent (2011). The analysis of the data presents clippings of the reports of memories produced by the students in which we analyze the textual and discursive elements of the conditions of production, the subject positions and the discursive formations in which the students are enrolled. All the work was built with reading and textual production, associated with the computer lab, which contributed to the process of authorship and digital literacy of the students involved in the research.

Keywords: Language. Discourse Analysis. Memoirs. Digital Literacy.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1. Sequência didática	37
Imagem 2. Relato de memória 01	47
Imagem 3. Relato de memória 02	47
Imagem 4. Fragilidade da memória	48
Imagem 5. Memória e escrita	48
Imagem 6. Poema	49
Imagem 7. Momento de leitura	50
Imagem 8. Origem dos alunos	50
Imagem 9. Recorte 01	52
Imagem 10. Recorte 02	52
Imagem 11. Recorte 03	53
Imagem 12. Recorte 04	54
Imagem 13. Recorte 05	54
Imagem 14. Recorte 06	54
Imagem 15. Recorte 07	55
Imagem 16. Recorte 08	56
Imagem 17. Relato de impressões do vídeo sobre Oscar Schmidt 01	58
Imagem 18. Relato de impressões do vídeo sobre Oscar Schmidt 02	58
Imagem 19. Simulação de entrevista	59
Imagem 20. Estudo da estrutura da entrevista	60
Imagem 21. Recorte de uma entrevista	60
Imagem 22. Gravação de relato	61
Imagem 23. Contação de história 01	62
Imagem 24. Contação de história 02	62
Imagem 25. Leitura das memórias do senhor Nivaldo Bertotto	63
Imagem 26. Coleta de dados	64
Imagem 27. Pesquisa cultural	65
Imagem 28. Tabela de origens	65
Imagem 29. Gráfico de origens	66
Imagem 30. Recorte de entrevista produzida pelos alunos	67

Imagem 31. Relatos de memórias	68
Imagem 32. Alunos gravando vídeo-memórias	68
Imagem 33. Recortes de vídeo-memórias	69
Imagem 34. Aluno produzindo no <i>Power Point</i>	69
Imagem 35. Relatos sobre letramento digital	70
Imagem 36. Leitura de textos.....	71
Imagem 37. Exibição de vídeos	72
Imagem 38. Recortes de relatos	73
Imagem 39. Relatos de experiências marcantes	74
Imagem 40. Dançando o siriri	75
Imagem 41. Foto com o grupo É bem Mato Grosso	75
Imagem 42. Relato de experiência	76
Imagem 43. Momento interdisciplinar	77
Imagem 44. Tabela de usuário	77
Imagem 45. Porcentagem e gráfico de setor.....	78
Imagem 46. Usos do <i>Facebook</i> 01	78
Imagem 47. Usos do <i>Facebook</i> 02	78
Imagem 48. Contratempo do letramento digital	79
Imagem 49. Recorte de verificação de aprendizagem	80
Imagem 50. A dança da festa da Menina Moça	81
Imagem 51. Momento de interação	82
Imagem 52. O pajé Valdemar Nambikwara	82
Imagem 53. Relato de experiência com os Nambikwara	83
Imagem 54. Recorte de respostas	84
Imagem 55. Relato de experiência de hipertexto	85
Imagem 56. Relato de experiência no laboratório UAB	85
Imagem 57. Na sala dos professores	86
Imagem 58. <i>Print</i> de postagem dos alunos	87
Imagem 59. Convite	88
Imagem 60. Cardápio.....	88
Imagem 61. Evento de finalização do projeto.....	90

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	16
1.1.1 AD: uma tessitura de três teares.....	16
1.1.2 A produção de sentidos	17
1.1.3 O silêncio e a linguagem.....	18
1.1.4 Discurso e interdiscurso.....	18
1.1.5 O sujeito e a posição-sujeito	20
1.1.6 A formação discursiva	21
1.1.7 A materialidade do discurso e memória.....	22
1.1.8 Os multiletramentos	23
1.1.9 Noções de hipertexto	25
1.2.1 O relato de memória	28
1.2.2 O <i>Facebook</i> na escola	29
1.2.3 A pesquisa-ação.....	30
1.2.4 A sequência didática	31
2. APRESENTAÇÃO DAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS	33
2.1.1 Apresentação do <i>lócus</i> em que se realizou o projeto pedagógico.....	33
2.1.2 Os sujeitos da pesquisa	34
2.1.3 O primeiro contato.....	34
2.1.4 As nações indígenas em Sapezal.....	34
2.1.5 A sequência didática	36
2.1.6 Relato da sequência didática	45
3 EFEITO DE FECHO	91
REFERÊNCIAS	93
APÊNDICE	95

INTRODUÇÃO

A produção deste relato é um dos requisitos para a conclusão do curso de pós-graduação do Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) campus de Sinop. Esta proposta contém sugestões para professores de Língua Portuguesa que queiram trabalhar com “um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito”, (DOLZ, NOVERRAZ E SCHNEUWLY, 2004, p. 97).

Para este trabalho foram selecionados gêneros escritos e orais que pertencem à categoria do relatar: relato de memórias, entrevista, diário, documentário, fotos, cartas, poemas, música, contos e trechos de romance nos quais foram analisados, seguindo a linha teórica da Análise de Discurso Materialista Histórica, em suas condições de produção e a posição-sujeito. Para além do letramento de gêneros, foi proposto o letramento digital com os programas de *Microsoft Word*, *Microsoft Power Point*, *Facebook* e noções de hipertexto com os gêneros digitais; tabelas, gráficos e *posts*. A esse respeito, Rojo (2015, p. 116) declara que “são as novas formas e estruturas dos textos orais e escritos na atualidade”.

Nesse sentido, foram realizadas as práticas de leitura e escrita de textos multimodais em várias situações de uso tanto no ambiente físico quanto no virtual. E para finalização deste letramento, todas as atividades desenvolvidas estão disponibilizadas na página *Web* <http://memoriando.com.br> para que professores, alunos e comunidade tenham acesso e possam, também, colaborar fazendo postagens no *site*.

Tudo isso, só foi possível porque a Escola Municipal Eneli Firmo Bandeira Scapinello, Sapezal - Mato Grosso, recebeu no começo do ano de 2017 do Programa Nacional de Tecnologia Educacional (ProInfo) um (01) laboratório de informática com vinte e cinco computadores (25) com acesso à internet, com um atraso de mais de 20 anos, pois segundo Straub (2011, p. 43),

As políticas públicas voltadas para a informática na educação, nesse período, se desenvolvem com abrangência restrita, ou seja, a política estabelecida abrange apenas alguns níveis de ensino e um número pequeno de escolas públicas. Em 1997, surge o ProInfo como política pública para atender as escolas públicas do país, que se apresenta como programa de governo com a finalidade de introduzir e disseminar a tecnologia de informática e de telecomunicações na educação básica da rede pública. Este Programa é desenvolvido pelo Ministério da Educação (MEC), através da Secretaria de Educação a Distância (SEED), numa parceria com os governos estaduais, por meio das Secretarias Estaduais de Educação (SEED) e Conselhos Estaduais de Educação (CONSEDE), e com os governos municipais, junto das Secretarias Municipais de Educação (SMED) e União de Dirigentes Municipais de Educação (UNDIME).

Fato que motivou a elaboração de sequências didáticas que promovessem o letramento digital de trinta e quatro (34) alunos de uma turma (7º Ano E) do período vespertino.

Assim, a escola cumpre o papel de principal agenciadora dos múltiplos letramentos proporcionando aos alunos espaços e novas formas de aprendizagens aliadas ao trabalho com gêneros textuais e tecnologias. Fazendo com que os alunos se tornem pessoas capazes de criar, interagir com as novas tecnologias de forma mais crítica e autônoma.

Situando o leitor, compreende duas frentes: o letramento de gênero e letramento digital; sendo a primeira, com ênfase no relato de memórias, por escolha dos alunos que em sua maioria são migrantes numa cidade jovem de apenas 21 anos de emancipação e estão em plena formação identitária. Por isso, a relevância em relatar as memórias familiares dos alunos e dos povos que compõem o município de Sapezal.

Na segunda, a importância de letrar os alunos no ambiente digital e contribuir para que se tornem cidadãos capazes de navegar e trabalhar no ciberespaço.

Esta pesquisa é de cunho intervencionista com o método da pesquisa-ação proposto por (THIOLLEN, 2011, p. 99) que compreende “[...] o trabalho de campo como a compreensão da situação, a seleção dos problemas, a busca de soluções internas, a aprendizagem dos participantes, todas as características qualitativas da pesquisa-ação não fogem ao espírito científico”.

Isto significa dizer que o papel do professor não é mero observador, mas sim, do mediador, que, conjuntamente, com os alunos, numa atitude responsiva é capaz de propor soluções aos problemas de ensino-aprendizagem dos discentes.

Seguindo os pressupostos da sequência básica foram desenvolvidas atividades distribuídas em onze módulos, durante o primeiro e segundo semestres de 2017.

O trabalho de conclusão está distribuído em cinco capítulos sendo. O primeiro capítulo apresenta a corrente teórica de Análise de Discurso Materialista Histórica, abordando os conceitos de sujeito, condições de produção, posição-sujeito, memória discursiva e a o papel da memória postulados por Orlandi (1997, 2015) e Dias e Couto (2011).

O segundo capítulo conceitua gênero, letramento, letramento digital, hipertexto e suas implicações no ensino de linguagem sob as perspectivas de Rojo (2009, 2013); Rojo e Barbosa (2015); Gomes (2011) e Straub (2012).

A metodologia, no terceiro capítulo, apresenta os pressupostos teóricos de com a sequência didática de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), e a pesquisa-ação de cunho intervencionista de Thiollent (2011), demonstrando como foi realizada a proposta de intervenção com turma.

No quarto capítulo, foram feitas às análises dos textos impressos e digitais produzidos pelos alunos sob o viés da Análise de Discurso, considerando a importância do letramento digital nesse processo.

E por fim, no último capítulo, as considerações finais que avaliam a pesquisa desenvolvida apresentando como produto a página *web* construída para registrar todos os trabalhos desenvolvidos pelos alunos.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1.1 Análise do Discurso: uma tessitura a três teares

A linha teórica proposta não discute língua ou gramática, para a Análise do Discurso interessa a linguagem como prática discursiva e suas condições de produção. É com esse enfoque que a Análise do Discurso de orientação francesa (AD), estruturada por Michel Pêcheux e outros (a partir do final da década de sessenta na França), que segundo Orlandi (2015, p. 18) a AD,

[...] questiona e se articula com três áreas do conhecimento: o materialismo histórico, apoiada na releitura que Althusser elaborou dos textos de Marx; a Linguística, como teoria dos mecanismos sintáticos dos processos de enunciação; e a Teoria do Discurso, como teoria da determinação histórica dos processos semióticos.

A análise do discurso de vertente francesa vinculada ao materialismo de Karl Marx percebe a linguagem como matéria que regula as relações humanas. Nesse sentido a AD está voltada para o material linguístico e de como a linguagem se constitui em sociedade. Tenciona entender como os discursos se constroem, de que forma falam sobre a história e quais as condições de produção em que se efetivam, portanto não cabe ao analista produzir intervenção e sim identificar as incongruências, mas sem reerguê-las. Cabendo a um cada a partir da reflexão ressignificar ou não sua prática ou história de vida.

Nesse sentido, a AD “[...] procura compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e sua história”, segundo (ORLANDI,2015, p.13), ou seja, sua capacidade de significar e significar-se.

Assim, a linguagem é vista como mediadora entre o sujeito e a realidade que o cerca, esse sujeito é marcadamente ideológico e histórico porque está inserido num determinado lugar e tempo no qual através do discurso se posicionará perante o discurso do outro.

Esse sujeito, não é livre, pois está condicionado pela história e ideologia, no entanto, não é totalmente assujeitado, sendo que pode assumir diferentes posições numa situação discursiva, fazendo adesão a este ou aquele discurso, essas posições-sujeitos são assumidas de forma inconscientes.

Esse arbítrio contraditório que o sujeito possui é determinado por certa formação discursiva. “Considerando que o discurso é heterogêneo, dividido em consciente e inconsciente, o sujeito do discurso pode ocupar pela formação discursiva vários lugares sociais - mãe, professora, mulher.” (ORLANDI, 2015, p. 47). É do lugar social que ocupa que a pessoa é interpelada em sujeito. Este fala sempre de um lugar-social que determina o lugar-discursivo.

O sujeito se movimenta no espaço entre o lugar-social e lugar-discursivo. Aquele é legitimado pela prática discursiva, por conseguinte, pela inscrição do sujeito num lugar discursivo. Por outro lado, o lugar discursivo só existe porque há uma determinação do lugar social que impõe a sua inscrição em determinado discurso. Assim o lugar social da “mãe” condiciona o que ela pode ou não dizer. Porém é o enunciar desse dizer pelo sujeito, o lugar discursivo, que legitima o lugar social.

1.1.2 A produção de sentidos

Na produção de sentido é preciso preencher algumas condições de produção para que o discurso signifique, só pode enunciar um discurso pedagógico quem tem autoridade para fazê-lo, porque o sentido é produzido dentro de um contexto de quem fala, para quem fala, quando fala, de que posição fala e qual propósito da fala. Desse modo, para a AD, o conceito de sujeito é sempre de sujeito discursivo que sofre a determinação do lugar social que ocupa, da ideologia e da história.

Mesmo com toda essa subordinação, o sujeito mantém a ilusão de que é responsável pelo seu dizer, em razão disso a AD assegura que o sujeito se constitui pelo esquecimento, isto é, ele tem a ilusão de que é dono de seu dizer, é a fantasia adâmica, com bem pontua Orlandi (2015, p. 33) ao afirmar que,

[...] dizer não é propriedade particular. As palavras não são nossas. Elas significam pela história e pela língua. O que é dito em outro lugar também significa em “nossas” palavras. O sujeito diz, pensa que sabe o que diz, mas não tem acesso ao controle sobre o modo pelo qual os sentidos se constituem nele.

Assim, *como os galos que lançam gritos a outros galos para tecer a manhã* é o discurso para AD, isto é, tudo já foi dito antes participa do processo de constituição dizer atual. Mas isso não se realiza harmonicamente, pois os conflitos se dão na e pela linguagem, resultantes de diferentes condições de produção de sentidos. Se inserir no universo-língua é estar negociando, permanentemente, um conflito interno e com o outro. A linguagem não diz tudo, não é transparente. A má interpretação acontece o tempo todo, porque não se consegue transpor tudo aquilo que é pensado, parafrasear é necessário no tecer do discurso.

A linguagem para AD não é, ela está, é contextual, está na história, ideologia e na organização social de um povo. Todos são sujeitos do discurso e cada um interpreta a realidade de uma maneira diferente e peculiar. Todos são reféns das condições de produção.

1.1.3 O silêncio e a linguagem

E nesse interagir há também o não-dizer, ou seja, o silêncio que é conceito fundamental para AD. (ORLANDI, 1997, p. 33) explica que “[...] o silêncio é. Ele significa, Ou melhor: no silêncio, o sentido é”. Estar calado pressupõe pensamento, introspecção, devaneio ou imaginação. Ainda, conforme (ORLANDI, 1997, p. 38) “O silêncio media as relações entre linguagem, mundo e pensamento, resistindo à pressão de controle exercida pela urgência da linguagem e significando de outras e muitas maneiras”.

A linguagem e o silêncio se materializam em dadas condições de produção que pensadas em sentido estrito, dão conta do contexto imediato da enunciação; pensadas em sentido amplo, incluem o contexto sócio-histórico e ideológico. As condições de produção, em um sentido amplo, dão conta não apenas do contexto sócio-histórico, mas também do imaginário produzido pelas instituições, sobre o já-dito, sobre a memória.

Como tudo já foi dito, o esquecimento é constitutivo da linguagem. Aquilo que já foi dito pode ser repetido de inúmeras maneiras.

1.1.4 Discurso e interdiscurso

A reprodução e ressignificação é uma constante na tessitura do discurso, os novos sentidos não advêm das novas palavras em si, mas de suas condições de produção, isto é, do contexto.

Em contrapartida, o sentido não está garantido no discurso produzido, a comunicação depende da interpretação. As palavras, além de não possuir dono, são sociais, isto quer dizer que se a linguagem não é transparente, o sentido também não é. Assim como uma onda, a esse movimento da linguagem dá-se o nome de interdiscurso que é a relação do discurso com outros discursos. A língua não é de ninguém, sendo de todos, se constrói no oceano das condições de produção.

Desse modo, o conceito de interdiscurso se opõe ao de intradiscurso. Este se relaciona com o eixo da constituição, “[...] um eixo vertical onde teríamos todos os dizeres já ditos – e esquecidos que representam o dizível” (ORLANDI, 2015 p. 30). E, com o eixo horizontal – o intradiscurso –, associa-se a ideia de formulação, “[...] isto é, aquilo que estamos dizendo naquele momento dado, em condições dadas” (ORLANDI, 2015, p. 31). Assim, toda a enunciação se encontra no cruzar de dois eixos: o da memória (constituição) e o da atualização do já-dito (formulação).

E por isso, os dizeres carregam consigo suas condições de produção, ou seja, o valor histórico e ideológico do momento de produção que pode mudar no espaço-tempo do dizer. Para exemplificar, a expressão Lava-Jato que na atualidade tem outra significação associada à corrupção.

O Interdiscurso é propriamente essa associação entre palavras e sentidos que podem ser ativados na memória, mostrando que a memória não é individual e sim coletiva. Nomes como Operação Lava Jato, Operação Arca de Noé ganharam outros sentidos, que quando escrita ou pronunciadas ativarão na memória coletiva uma teia de significados. Desse modo, o interdiscurso é a teia, trama do discurso.

Nesse tecer constrói-se o texto que é articulado por várias formações discursivas dos mais diversos campos do saber. O texto é uma rede que no fiar de seus entrecruzamentos faz-se a construção de sentido e de outros sentidos. O texto como materialização do discurso não tem como escapar de sua natureza histórica, uma vez que a linguagem é ideológica e social.

1.1.5 O sujeito e a posição-sujeito

Imerso a tudo isso se encontra o sujeito que é permeado pela subjetividade da linguagem, mesmo que esta linguagem seja clara, sistêmica e ordenada, ela significa diferentemente em diferentes sujeitos em diferentes contextos. Eis o conflito, pois o dizer é passível de equívocos, porque é moldado por uma ideologia que se faz tão presente do esquecimento, mas que se mostra no ato falho, no lapso, no deslize, no silêncio, trazido á tona pelo inconsciente. O existir é opaco.

Desse modo, o sujeito se revela na incongruência, com aquilo que não foi dito, por aquilo que foi silenciado, o acaso revela o sujeito.

Para AD, o sujeito não é livre e sofre determinações da história e da ideologia, mas não é também totalmente assujeitado porque pode assumir diferentes posições dentro de um determinado lugar discursivo. Em dados momentos, adere a um discurso; noutros, a outros discursos, esse movimentos se dão de maneira inconsciente e aleatória. Parece contraditório, mas o discurso é perpassado pela heterogeneidade. A posição-sujeito se origina exatamente na adesão deste ou daquele ponto de vista, ou seja, o sujeito pode ocupar diferentes posições no discurso.

Todo o universo é linguagem e o sujeito é aquilo que fala e ouve. E esse chamado à existência estabelece a multiplicidade como regra. A posição-sujeito nunca é única e sim múltipla, pois no momento da enunciação várias formações discursivas se fazem presente.

O sujeito estará sempre em construção, ou seja, nunca terminado, pronto ou acabado. Ele será sujeito de acordo com as condições de produção. Isto é, multifacetado, podendo no decorrer de um dia assumir várias identidades com papéis sociais muitos diferentes como do caso da mulher que poder ser esposa, mãe, professora, amiga. A autorização para assumir essas

identidades é dada pelo discurso. É um despir e vestir personas num movimento infinito da linguagem, mesmo depois de morto, o discurso dá papel social ao sujeito. Se um morto voltar do cemitério não seria aceito, pois já não haveria outros papéis sociais para ele no mundo dos vivos.

1.1.6 A formação discursiva

De acordo com Orlandi, (2015, p. 41), uma formação discursiva “[...] se define como aquilo que em uma formação ideológica dada – ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura dada – determina o que pode e deve ser dito” O que importa dizer que os sentidos são sempre definidos ideologicamente, pois pode ser afirmado que a ideologia recorta o interdiscurso, definindo regiões de memória, ou seja: os sentidos não estão predeterminados na língua, mas se encontram constituídos nas e pelas formações discursivas.

O que por sua vez, cria-se a ilusão do dizer para ser entendido, mas o sentido não está no falar, o que há é um efeito de sentido, porque a linguagem não carrega o sentido. Este afeta, diferentemente, diferentes sujeitos de acordo com a possibilidade de interpretação e de construção dessa interpretação, com base no contexto e repertório.

Cada sujeito é afetado de forma diferente pela linguagem e somente irá interpretar de acordo com a ideologia na qual está inserido. Muitas vezes, ao assistir um filme, a pessoa não consegue se comover ou se identificar com aquela ou esta cena, significando que esse sujeito-telespectador não compartilha das mesmas condições de produção da interpretação do sentido daquela cena do filme.

Quando se lê um texto é um efeito de sentido, dependendo da formação discursiva de cada um. A subjetividade do sujeito não permite que os sentidos de um texto sejam compreendidos da mesma forma. A dificuldade de leitura de um texto é um efeito de sentido. Machado de Assis escreveu para quem? Quantos na época e hoje estavam aptos a lerem sua obra? Esse é o problema

da recepção tratado pelo professor Mantovani¹ em sala. O texto é difícil para quem? Há o protótipo do leitor, ou seja, a dificuldade de leitura da apreensão e compreensão da leitura está intrínseca ao contexto. É preciso saber quem é o leitor esperado. O texto não é difícil para todos, depende da perspectiva adotada que pode estar relacionada com questões históricas, morais, ideológicas, classe social, religiosa ou cultural. Esta afeta a maneira como a língua chega a cada sujeito falante.

O sentido da palavra não está no dicionário. Na verdade, o que se denomina sentido é o efeito da interação com os textos mediada pela ideologia. Dependerá da perspectiva ideológica adotada para a interpretação do sentido.

O efeito de sentido possui nuances que só compartilhando da ideologia, da formação discursiva é que se pode chegar a uma interpretação similar, porém nunca igual. Segundo (ORLANDI, 2015, p. 46), o trabalho da ideologia na ordem do discurso é o de “produzir evidências, colocando o homem na relação imaginária com suas condições materiais de existência”. Ao mesmo tempo em que produz evidências, a ideologia, enquanto estrutura-funcionamento, “dissimula sua existência a partir de seu próprio funcionamento” (ORLANDI, 2015, p. 46), criando assim a ilusão da transparência dos sentidos a partir do apagamento da determinação da formação discursiva (enquanto instância ideológica de produção de sentidos) e mesmo do interdiscurso (enquanto instância de memória do já-dito). Portanto, conforme a mesma autora (2015, p. 47). “[...] a ideologia não é ocultação, mas função necessária entre língua e mundo”.

E por fim, a questão da análise dos dados pelo viés da AD que será dado por (ORLANDI, 2015, p. 60), o analista “[...] coloca-se em uma posição deslocada que lhe permite contemplar o processo de produção de sentidos em suas condições”. Dessa forma, o que está em jogo são as pistas, deslizos deixados pelo sujeito que podem ser passíveis de análise.

1.1.7 A materialidade do discurso e memória

¹ Anotações de aula. Curso: Literatura e Ensino, disciplina ministrada no ProfLetras em 2017, pelo prof. Dr.º. Antonio Aparecido Mantovani. IEL/UNEMAT.

Para a AD, de acordo com Orlandi (2015, p. 63),

[...] considera-se que a melhor maneira de atender à questão da constituição do corpus é construir montagens discursivas que obedecem a critérios que decorrem de princípios teóricos da análise de discurso, face aos objetivos da análise.

E neste sentido, busca-se o mapeamento das regularidades de produção discursivas presentes nas produções textuais dos alunos. Desse modo, o discurso materializa-se nos relatos de memórias.

O registro de memória é um ato de escrever refletindo sobre o próprio processo histórico de constituição de sujeito. Toda palavra é sempre parte de um discurso. E todo discurso se delinea na relação com outros: dizeres presentes que se alojam na memória. (ORLANDI, 2015, p. 41). Assim, a concepção de memória está intimamente ligada à produção discursiva, ao saber adquirido pela relação direta com o outro, com a história, com a cultura e a ideologia, sustentada pela linguagem, pelo dizer, e pelas diversas ações comunicativas.

1.1.8 Os multiletramentos

Entre os muros da escola devem ser mobilizadas as novas formas de produção, circulação e recepção de discursos da contemporaneidade, e sendo a principal agente de letramento a que os alunos têm acesso, não pode se furtar de integrar, nas suas práticas escolares, o uso de novas e complexas tecnologias.

Conforme observa (ROJO, 2009, p. 107), “[...] os letramentos multissemióticos são exigidos pelos textos contemporâneos, ampliando a noção de letramentos para o campo da imagem, da música, das outras semioses, que não somente a escrita”. O conhecimento e as capacidades relativas a outros meios semióticos estão ficando cada vez mais necessários à linguagem, tendo em vista os avanços tecnológicos, as cores, os sons, etc. que estão disponíveis na tela do computador, em muitos materiais impressos que está transformado o letramento tradicional em um tipo de letramento insuficiente para dar conta dos letramentos necessários para agir na vida contemporânea.

A tecnologia digital inseriu o conhecimento e a informação em uma rede globalizada, e transformou o papel do professor. Segundo Kleiman (2006, p. 82-83), ele é um agente de letramento, ou seja, “[...] um mobilizador dos sistemas de conhecimento pertinentes, dos recursos, das capacidades dos membros da comunidade que estão em rede e isso transformou a prática do professor.” Então, como pensar numa proposta de letramento digital, já que, o ciberespaço é infinito em possibilidades de ensino e aprendizagem? Ensinar a linguagem por meio dos gêneros textuais é uma saída para essa questão. Mas o que é gênero textual?

Segundo (BAKHTIN,2003, p.107), gênero é toda produção textual, seja oral ou escrita, que se baseiam em formas-padrão relativamente estáveis de estruturação de um todo. (p. 107). No mesmo sentido, Marcuschi (2005, p. 19), afirma os gêneros textuais como “[...] entidades sóciodiscursivas e formas de ação social incontornáveis de qualquer situação comunicativa”. Deste modo, os gêneros textuais surgem para atender às necessidades de comunicação das pessoas, são formas moldadas pelo contexto histórico e social das diversas esferas da comunicação humana e a dinamicidade os acompanham. Eles podem surgir, modificar e até desaparecer com o passar do tempo. O avanço da tecnologia fez surgir novos gêneros que atendem as novas demandas de comunicação.

Em vista disso, desde 1998, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) preconizam que no ensino de Língua Portuguesa esteja presente os gêneros textuais:

Nessa perspectiva, necessário contemplar, nas atividades de ensino, a diversidade de textos e gêneros, e não apenas em função de sua relevância social, mas também pelo fato de que textos pertencentes a diferentes gêneros são organizados de diferentes formas. A compreensão oral e escrita, bem como a produção oral e escrita de textos pertencentes a diversos gêneros, supõem o desenvolvimento de diversas capacidades que devem ser enfocadas nas situações de ensino. É preciso abandonar a crença na existência de um gênero prototípico que permitiria ensinar todos os gêneros em circulação social. (BRASIL, 1998, p. 23-24)

Está cada vez mais complexo ensinar em um mundo em que a hiperinformatividade produzida e disseminada na *web* faz com que ações como

de curar, seguir, curtir e comentar ganhem destaque nas práticas cotidianas de interações.

Mas como é possível desfrutar dessas ações na escola? Como selecionar de forma acurada essas informações? Como avaliar a qualidade das fontes na hipermídia? Como reestruturar o currículo escolar para que contemple a diversidade cultural brasileira e os gêneros hipermidiáticos? Quais os caminhos para resgatar uma educação mais ética, de responsabilização do outro, que parece sempre mais esvanecer no contexto hipermoderno? Nesse universo de hiperinformação, quais as esferas devem ser privilegiadas no contexto escolar? Essas indagações foram formuladas por (ROJO e BARBOSA, 2015, p. 135), que argumentam que as ações desenvolvidas na escola, ainda privilegiam a cultura canonizada, “[...] sem levar em conta os multi e novos letramentos, as práticas, procedimentos e gêneros em circulação nos ambientes da cultura de massa digital e no mundo hipermoderno atual”.

Assim, a escola, ambiente de letramento socialmente legitimada, não pode se eximir dessas novas práticas letradas que circulam em ambientes digitais. No entanto, na impossibilidade de abordar tudo, a sugestão é de que o currículo seja organizado em torno de quatro esferas consideradas de maior importância na vida cultural, privada e pública da hipermodernidade: a jornalística, a da divulgação científica; a da participação na vida pública, e da artístico-literária.

Assim sendo a escola deve estar atenta ao novo e mobilizar o ensino das novas formas de produção, circulação e recepção de discursos da contemporaneidade, e quando, assim, o faz, se atualiza, aproximando do público que a compõem.

Dessa maneira, o gênero escolhido para a sequência didática desenvolvida na proposta de intervenção na turma do 7º ano D foi o relato e suas variadas realizações discursivas: entrevista, diário, documentário, fotos, cartas, poemas, música, contos e trechos de romance. E para o letramento digital foram desenvolvidas atividades com os programas *Microsoft Word*, *Excel* e *Power Point* e rede social *Facebook*, na produção de posts, gráficos, tabelas, filmes e finalizou-se o trabalho com a compreensão de leitura de hipertexto e para produto final foi elaborada uma página *web* em foram registradas as

atividades produzidas pelos alunos. Um dos objetivos deste projeto foi inserir o aluno no ambiente virtual por meio do letramento digital.

1.1.9 Noções de hipertexto

O conceito de hipertexto não é novo, pois foi criado em 1965 por Theodor Holm Nelson, filósofo e sociólogo americano para nomear a leitura não-linear e interativa que surgiu com a informática e o aparecimento da internet.

É um tipo de texto que pode circular em espaço físico ou virtual com a diferença de que na esfera digital, a escrita hipertextual pode comportar sons, imagens, vídeos. Para exemplificar: um livro de contos, dicionários e enciclopédias são considerados hipertextos, pois as informações contidas neles proporciona um caráter não-linear onde o leitor pode também selecionar as informações e os caminhos de leitura que preferir. Para este trabalho será adotado o hipertexto virtual.

Conforme Marcuschi (2001 p. 86),

O hipertexto refere-se à escritura eletrônica não sequencial e não linear, que se bifurca e permite ao leitor o acesso a um número praticamente ilimitado de outros textos a partir de escolhas locais e sucessivas, em tempo real. Assim, o leitor tem condições de definir interativamente o fluxo de sua leitura a partir de assuntos tratados no texto sem se prender a uma sequência fixa ou a tópicos estabelecidos por um autor. Trata-se de uma forma de estruturação textual que faz do leitor simultaneamente coautor do texto final. O hipertexto se caracteriza, pois, como um processo de escritura/leitura eletrônica multilinearizado, multisequencial e indeterminado, realizado em um novo espaço de escrita. Assim, ao permitir vários níveis de tratamento de um tema, o hipertexto oferece a possibilidade de múltiplos graus de profundidade simultaneamente, já que não tem sequência definida, mas liga textos não necessariamente correlacionados.

No hipertexto, o leitor é interativo, pois pode seguir trajetórias variadas dentro do texto, escolhendo links que levam a outros textos ou outras mídias para totalizar o sentido da leitura. O leitor torna-se, dessa maneira, um coautor do texto, pois a leitura se dará de acordo com suas motivações. Esses textos interconectados, segundo Gomes (2011, p. 45), "[...] influenciará na forma de

busca e de recuperação de informações e afetará grandemente os percursos de leitura possíveis e a construção de sentidos".

O alinhavar da leitura é feita pelos *links* que significa um liame, ou simplesmente uma ligação (também conhecida em português pelos correspondentes termos ingleses, *hyperlink* e *link*), é uma referência dentro de um documento em hipertexto a outras partes desse documento ou a outro documento. No que afirma Gomes (2011 p. 25) "Os links são os elementos constitutivos do hipertexto. Sem eles, o hipertexto é apenas texto. Há diferentes tipos de links que, conforme o local onde são postos e as ligações que promovem, modificam, ampliam, induzem ou restringem sentidos".

Um dos símbolos (ícones) mais comuns para representar um link numa página da Internet é quando aparece uma mão fechada com o dedo indicador levantado no momento que o mouse está posicionado em cima desse *link*. Os nativos digitais não encontram dificuldade para lidar com a tecnologia digital.

Link e *click* são duas palavras inglesas que foram incorporadas à Língua Portuguesa servindo ao ato de navegar ou "sufar" pegando os atalhos para abrir ou fechar documentos textos não lineares interconectados. Essas ações dão ao leitor rapidez para localizar conteúdos sobre assuntos que o interesse. E como se dá essa leitura? Dias (2013, p. 55) afirma que é uma "[...] leitura dispersiva: a leitura se desloca do fio temporal linear passando a predominar a ordem espacial, na qual se impõe a visualidade".

Por isso, em sala de aula, os hipertextos podem ser explorados no ensino-aprendizagem, porque seu uso permitiu a compreensão de que os conhecimentos são interligados de forma não linear e interativa. As aulas de intervenção com os alunos do 7º ano E em que se usou a tecnologia da informação e comunicação (TIC) foram, segundo os alunos, as mais prazerosas e fazendo com que interagissem com as atividades propostas.

Além disso, o trabalho com o texto multimodal proporcionou aos alunos uma riqueza de informações puderam ser exploradas através dos textos verbais e não verbais que circulam em sites, dicionários, tradutores eletrônicos disponíveis na Internet e, ainda, puderam ser trabalhadas outras atividades como mapas conceituais e fluxogramas.

Aos alunos do 7º Ano E foram apresentados diferentes tipos de hipertextos sua forma de organização e a que se destinam. Também, foram

levados a refletir sobre a liberdade de escolha sobre os modos de ler e de produzir os sentidos nesse tipo de texto, ainda, distinguiram a quantidade e o posicionamento dos *links* na página, os aspectos gráficos do hipertexto e as expectativas em relação ao que encontraram durante um *click*.

1.2.1 O relato de memórias

A escolha do gênero relato de memórias não foi aleatória, pois a maioria dos alunos é migrante e suas histórias de vida interessa para a construção identitária da cidade de Sapezal-MT. Na composição desses relatos, os memoriais desses aprendizes foram perpassados de inúmeros discursos de outros, de suas famílias e isso foi importante para que refletissem empoderando-se de suas histórias e por meio delas com elas pudessem recriar realidade em que vivem. É um diálogo entre o passado e o presente para que o futuro seja um pouco mais benfazejo. É a relação entre o que já foi dito, feito e vivido com aquele que será escrito, é um passado revisitado para repensar o presente e planejar o futuro.

Essas memórias foram registradas nas redes sociais, página *Web* e de acordo com Dias e Couto (2011, p. 637).

A mediação do sujeito com as condições de existência que ele tem diante de si diz respeito ao modo de constituição desse sujeito nesse espaço. Esse modo de constituição passa, em nosso entender, pela formulação e circulação de um conhecimento do/no mundo, de um saber. É desse modo que as redes sociais aqui em questão se organizam para constituir um sujeito do conhecimento e que, ao mesmo tempo, é produtor de conhecimento. No caso do Facebook, isso ocorre pela possibilidade de colocar em circulação e compartilhar textos, artigos, vídeos, eventos, excertos, lançamentos de livros, campanhas, etc.

Ao dar a pena ao aluno, sua voz terá que ecoar através dos muros da escola fazendo a conexão escola-vida e o relato possibilita esta junção, pois estabelece uma relação entre aluno e a comunidade e o aproxima de si e do outro através dos vestígios do passado, do discurso dos parentes próximos e da própria construção da história de vida.

Assim, de acordo com Koch e Elias, (2015, p. 33)

A escrita é dialógica abrangendo tanto aquele que escreve quanto para quem se escreve. Os envolvidos na situação de comunicação são vistos como atores/construtores sociais que constroem e são construídos pela e na linguagem. No momento da escrita conhecimentos linguísticos, enciclopédicos, textuais e interacionais são ativados de acordo com a intenção do escritor.

Isto significa que ao escrever relatando suas memórias, o aluno fez uso dos vestígios do passado para ressignificar o presente fazendo-se autor de sua própria trajetória e relatando afastou-se do senso comum e através da reflexão retextualizou suas vivências construindo outras possibilidades de futuro.

O letramento digital permitiu que os alunos construíssem suas memórias num movimento que beneficiará toda a comunidade conforme a Lei de Diretrizes e Bases (LDB, n: 9394/96) no artigo 12º inciso VI “- articular-se com as famílias e a comunidade, criando processos de integração da sociedade com a escola.” É nesse viés a ideia do projeto, que se tornou uma teia de aprendizagens valorizando a escola, a história de vida dos alunos. E que neste “tecer” deu ao discente o direito ao protagonismo e à autoria.

1.2.2 O Facebook na escola

O *Facebook* é uma rede social digital criada em 2004 por Mark Zuckerberg e acessada por mais de um bilhão de usuários de todo o mundo todos os dias. Esta rede social permite às pessoas conectar, compartilhar e interagir de forma mais dinâmica e envolvente.

(DIAS e COUTO, 2011, P. 637) concordam que no “[...] caso do Facebook, isso ocorre pela possibilidade de colocar em circulação e compartilhar textos, artigos, vídeos, eventos, excertos, lançamentos de livros, campanhas”.

A ideia de usar esta plataforma é pelo alcance que tem, pois muitos alunos já estão conectados a essa rede social e através dela postam fotos, vídeos, compartilham notícias interessantes, marcam eventos e também podem ser incentivados pelo professor na criação de grupos de discussão sobre os conteúdos estudados. Outra característica dessa mídia digital é que

os alunos podem se comunicar através de bate-papo, mensagens pessoais, mensagens no mural, memes e outros.

O *Facebook* permite também separar os amigos em listas, podendo cada lista ter configuração de visualização e privacidade diferentes. Essa mídia pode ser tornar um objeto pedagógico excelente, porque os nativos digitais já estão habituados ao meio digital. O professor de Língua Portuguesa pode utilizar essa ferramenta para promover a participação dos alunos dentro e fora dos muros da escola.

Nesse sentido, novos são os desafios para o professor além de incluir em sala de aula a velha novidade do ensino de LP através do texto, é preciso lidar com as transformações sociopolíticas e econômicas ligadas às transformações tecnológicas da informação e da comunicação formando alunos que dê conta das demandas da vida, sem perder a ética plural e democrática.

1.2.3 Pesquisa-ação

A metodologia empregada para desenvolver este projeto será a pesquisa-ação, uma vez que uma das premissas do curso do ProfLetras é intervir e modificar alguns aspectos da realidade escolar.

O método de pesquisa-ação consiste essencialmente em elucidar problemas sociais e técnicos, relativamente relevantes, por intermédio de grupos em que se encontram reunidos pesquisadores, membros da situação-problema e outros atores e parceiros interessados na resolução dos problemas levantados ou, pelo menos, no avanço a ser dado para que sejam formuladas adequadas respostas sociais, educacionais, técnicas e/ou políticas.

A pesquisa-ação como método de conhecimento da realidade tem como principal característica a intervenção que se dá como ação educativa e conscientizadora com os envolvidos no processo de pesquisa, no caso, a Escola Municipal Eneli Firmo Bandeira Scapinello do município de Sapezal-MT.

Uma pesquisa pode ser qualificada de pesquisa-ação quando houver, realmente, uma ação por parte das pessoas envolvidas no processo investigativo, pois parte de um projeto de ação social ou da solução de problemas coletivos e estar centrada no agir participativo e na ideologia de

ação coletiva. Exige, ainda, uma mutualidade entre os pesquisadores e pessoas envolvidas no estudo da realidade do tipo participativo/coletivo.

Sob este prisma diz (THIOLLENT, 1985, p.16), “[...] é necessário definir com precisão, qual ação, quais agentes, seus objetivos e obstáculos, qual exigência de conhecimento a ser produzido em função dos problemas encontrados na ação ou entre os atores da situação”.

Neste método a interação entre professor e a comunidade escolar foi um dos pressupostos para que o projeto de pesquisa fosse executado com êxito. Pois, segundo Michel Thiollent (ibid),

uma ampla e explícita interação entre os pesquisadores e envolvidos na pesquisa e que esta não se limita a uma forma de ação (risco de ativismo), mas pretende aumentar o conhecimento dos pesquisadores e o conhecimento ou nível de consciência das pessoas e grupos que participarem do processo, bem como, contribuir para a discussão ou fazer avançar o debate acerca das questões abordadas.

Portanto, a pesquisa-ação é um método agrega que várias técnicas de pesquisa social. Utiliza-se de técnicas de coleta e interpretação dos dados, e mais que isso, possibilita a intervenção e solução de problemas, organizando ações, assim como técnicas e dinâmicas de grupo para trabalhar com a dimensão coletiva e interativa na produção do conhecimento e programação da ação coletiva.

Este é o método que mais se adequa à realidade do ProfLetras que tem por finalidade capacitar o professor para interferir na realidade da escola.

1.2.4 A sequência didática

Neste relatório de intervenção, foram trabalhadas atividades modulares que foram desenvolvidas através da sequência didática proposta por (DOLZ, NOVERRAZ E SCHNEUWLY, 2004, p. 97), que definem a sequência didática como “[...] um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito”.

E de que forma o professor poderia trabalhar essa quantidade enorme de textos que circulam na sociedade? A sequência didática é um caminho

possível. O intento de uma sequência didática é auxiliar os alunos na apropriação dos gêneros. Nessa direção, é importante a escolha de gêneros que eles não dominem totalmente, pois as “[...] sequências didáticas servem para dar acesso aos alunos a práticas de linguagem novas ou dificilmente domináveis”, afirmam Dolz, Noverraz e Schneuwly, (2004, p. 98).

É nesse sentido que foi desenvolvida a pesquisa que teve como meta multiletramentos e letramento digital. Nesse mesmo viés, contribuíram os fundamentos de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 74) preconizando que os gêneros textuais são “[...] instrumentos que fundam a possibilidade de comunicação”, funcionando como um modelo comum ao qual o falante da língua deve lançar mão para interagir nas diversas situações comunicativas de seu dia a dia.

No decorrer do relatório foram trabalhados leitura e produção textual por meio de relatos de memórias produzidos pelos alunos através de textos escritos, fotografias, áudios e vídeos. Conforme (SCHNEUWLY E DOLZ, 2004, p. 71), “[...] o gênero é que é utilizado como meio de articulação entre as práticas sociais e os objetos escolares, mais particularmente no domínio do ensino da produção de textos orais e escritos”. Foi meta do projeto inserir o aluno no ambiente virtual por meio do letramento digital a partir dos relatos de memórias.

2. APRESENTAÇÃO DAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

2.1.1 Apresentação do *lócus* em que se realizou o projeto pedagógico

A unidade escolar Eneli Firmo Bandeira Scapinello até o ano de 2013 fazia parte do Bloco II, pertencente à Escola Municipal Antônio Clarismundo Scheffer que era dividida em Bloco I e Bloco II. Por ser uma escola com mais de dois mil alunos, a Secretaria Municipal de Educação decidiu que a escola seria gerida por dois diretores cada um responsável por um dos blocos, garantido assim uma melhor gestão do estabelecimento escolar. Entretanto, o desmembramento da unidade escolar em duas escolas era de interesse de toda comunidade escolar. Até que em 26 de agosto de 2014 com a Lei 1.143/2014 aconteceu o desmembramento e o Bloco II passou a denominar-se Escola Municipal de Educação Infantil e Fundamental Eneli Firmo Bandeira Scapinello Profa. Eneli Firmo Bandeira Scapinello.

A EMEF Profa. Eneli Firmo Bandeira Scapinello se propõe a trabalhar com o planejamento socializado ascendente buscando o envolvimento de toda comunidade escolar, com ênfase na sua inserção no debate democrático sobre questões administrativas, financeiras, socioculturais e políticas que influenciam e afetam diretamente o cotidiano escolar.

Atualmente, a escola conta com mais de vinte professores e mil e vinte cinco alunos. A equipe gestora conta com diretor, duas coordenações e orientação pedagógica.

O Projeto Político Pedagógico da escola é fruto de um trabalho lento, consciencioso, dedicado e corresponsável de toda comunidade interna e externa, que se estendeu ao longo do período de 2013, até, o momento, não é algo acabado, definitivo, é um projeto que estará sempre por se fazer, em vias de revisão e acabamento, e que deverá ser avaliado constantemente.

Esta instituição conta com trinta e quatro turmas distribuídas em três períodos: matutino com cinco turmas de 5º Ano, oito turmas de 6º Ano e quatro turmas de 7ºAno. Já no período vespertino são cinco turmas de 5º Ano, sete turmas de 7º Ano e o período noturno conta com duas turmas de Educação de Jovens e Adultos-EJA. Totalizando 34 turmas e 1025 alunos atendidos.

Para o desenvolvimento do projeto de intervenção, por sugestão da equipe diretiva, escolheu-se a turma do 7º Ano E do período vespertino.

2.1.2 Os sujeitos da pesquisa

Os sujeitos-alunos da pesquisa são trinta e dois adolescentes entre doze e quinze anos, estudantes do 7º Ano turma E do período vespertino. Num total de doze meninos e vinte meninas, sendo um deles não alfabetizado e que no momento da aplicação do projeto é retirado de sala pela orientação pedagógica para acompanhamento de alfabetização.

2.1.3 O primeiro contato

Inicialmente, agendou-se a ida à escola e ficou estipulado que com a professora da turma que as atividades seriam desenvolvidas nas duas últimas aulas, a professora titular da turma foi muito solidária preparando os alunos para o início das atividades. No primeiro momento, houve certo constrangimento por parte dos discentes, mas após expor a proposta deu-se a acolhida do projeto. Isso se deu na quarta-feira dia 17 de abril. Nesse dia, os pedidos de autorização dos pais e dos alunos para a participação no projeto foram distribuídos. Depois de algumas considerações ficou combinado que, sempre que possível, as aulas seriam na quarta e quinta-feira, sendo duas horas-aulas cada dia, no período normal de Língua Portuguesa.

2.1.4 Nação indígena de Sapezal

No município, vivem cerca de vinte e duas famílias Paresí em somente duas aldeias Salto da Mulher e a aldeia Vale do Rio Papagaio. Enquanto que da nação Nambikwara as aldeias são sete, uma na região do Utiariti que está inabitada. Entretanto, as outras aldeias são todas habitadas. São elas: Aldeia Três Jacus com oitenta e seis habitantes em dezenove famílias, nessa aldeia falam fluentemente a Língua Indígena no seu cotidiano. Aldeia Caititu conta com quarenta e uma pessoas divididas em dez famílias. Aldeia Vale do Buriti com dezenove pessoas divididas em três famílias. Aldeia Novo Horizonte com

quatorze pessoas divididas em três famílias. E por fim a Aldeia Txuyesú com vinte pessoas divididas em quatro famílias. A miscigenação se faz presente, uma vez que há ocorrência de inserção de diferentes povos de cultura indígena e não indígena.

Na valorização da diversidade cultural presente no município, a Escola Municipal Ensino Infantil e Fundamental Profa. Eneli Firmo Bandeira Scapinello, que recebe alunos oriundos dessas etnias, coloca em prática o que estabelece a Lei 11.645, de 10 de Março de 2008,

O Município de Sapezal possui em seu entorno além da grande diversidade cultural, aldeias que apresentam suas características e costumes e que servem de inspiração para a valorização dos povos indígenas da região. Nossa região, por exemplo, apresentam estudos que permitem a compreensão da história dos índios Paresí em relatos sobre as disputas territoriais desde o domínio português no Brasil colonial até os primeiros anos da República. São evidências que possibilitam que o ensino de história não compactue com o roubo do outro no sentido de ser SUJEITO nos processos históricos que se passam em seus próprios territórios. (Fonte: Secretaria Municipal de Educação de Sapezal-2018)

E, além disso, a cidade de Sapezal é mantenedora de duas escolas indígenas entre os Paresí e atende um projeto escolar indígena denominado Os Saberes Indígenas sobre a educação Multifuncional que é modelo no Estado de Mato Grosso-MT. As escolas indígenas nasceram da discussão sobre o cumprimento de Lei Federal 11645/08, que tem por meta o reconhecimento e a valorização dos saberes-indígena.

Saberes que estão presentes na cultura dos Paresí que é simples e rica com pessoas que se autodenominam de Haliti que quer dizer gente como o homem não índio. Os alimentos tradicionais da etnia são beiju, xixa, mandioca, cará, cajuzinho do mato e do cerrado, pequi, caça, pesca, hoje, compõem também os alimentos industrializados na alimentação indígena. As festas culturais do povo Paresí são batizados, festa da menina moça, oferenda das roças e dos alimentos, cura dos doentes e outros. As aldeias Paresí tem autonomia política, porém, estão organizados em associações. As mais conhecidas são as Halitinã e Waimare.

A nação indígena visitada pelos alunos do projeto foi a Nambikwara, que atualmente, habitam a Chapada dos Parecis no território Tirecatinga, se subdividindo internamente em subgrupos os Halotesu, Sawentesu, Wakalitesu e Kithaulu.

A língua Nambikwara, é isolada, ou seja, não pertence a outro tronco linguístico. Nambikwara significa Orelha Furada, um nome emprestado do Tupi Guarani, que os qualificou diferente de todos os subgrupos, das três áreas culturais distinguíveis pela diversidade geocultural. Os Nambikwara são conhecidos por serem bons artesãos de colares de tucum, cestos (xire), arco e flechas, cocar e saia do broto do buriti.

2.1.5 Sequência didática

A sequência didática é um passo a passo para ensinar um conteúdo a partir de conjunto de atividades planejadas de acordo com os objetivos que o professor queira atingir no processo ensino-aprendizagem. Na definição de (DOLZ, NOVERRAZ E SCHNEUWLY, 2004, p. 97) “Sequência didática é um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito.”, que etapa a etapa transforma e oportuniza aos alunos o domínio dos gêneros e das situações de comunicação. É um modelo que permite a aquisição da língua escrita e oral por meio de um trabalho sistemático com gêneros textuais.

O esquema a seguir representa o processo de trabalho com a SD para qualquer produção textual escrita ou oral.

Imagem 01. Sequência didática.



Seguindo os pressupostos teóricos de (DOLZ, NOVERRAZ E SCHNEUWLY, 2004), as sequências didáticas foram aplicadas durante os meses de abril, maio, junho, agosto, setembro e outubro do ano de 2017 em uma turma de (7º Ano E) do Ensino Fundamental na Escola Municipal Profa. Eneli Firmo Bandeira Scapinello localizada no município de Sapezal Mato Grosso-MT.

A proposta de sequência didática deste projeto foi desenvolvida da seguinte forma:

Situação Inicial:

Apresentação do projeto aos alunos por meio de uma conversa franca ressaltando a importância do projeto para eles e a escola. Fazer levantamento através de discussão oral sobre possíveis temas que sejam de interesses deles.

Objetivo: Eleger um tema para elaboração da sequência didática. Observamos que o assunto escolhido por eles foi relato de memórias e a partir do tema, elaboramos todos os módulos da SD.

Os módulos da sequência didática

Módulo I- O papel da memória.

O gênero relato e suas ramificações textuais.

Objetivo: Compreender o conceito de memória e os tipos de gêneros que a compõem.

Atividades: Questionar o que é memória, função e tipos; fazer com que cada um fale sobre suas origens e fazer um pequeno censo de migração; ler um pequeno trecho sobre o papel da escrita na conservação da memória; questionar com os alunos os diversos gêneros textuais (fotos, cartas, certidão de nascimento, relatos, poemas, romances, diários) que podem de alguma forma guardar a memória; declamar o poema de Manuel Bandeira “Porquinho

da Índia” para fruição da memória de infância; ler a história “Guilherme Augusto Araújo Fernandes” para sensibilizar sobre o tema da aula.

Material: Fotocópias de textos diversos, quadro, marcador de quadro branco, apagador, celular, gravador, papel sulfite, cadernos, lápis.

Duração: Duas horas.

Módulo II- O que você viu da vida!

Objetivo: Promover o desenvolvimento do aluno para o domínio ativo do discurso e permitir que por meio da gravação do relato se registre as histórias de vida.

Atividades: Assistir a um episódio com Oscar Schmidt do quadro “O que vi da vida” do programa Fantástico; debater o conteúdo do vídeo; solicitar que escrevam no caderno de atividades as cenas mais tocantes e depois socializar com os colegas; sugerir a leitura em grupo do texto-entrevista com a psicóloga Karoline Brilhante, discutir o assunto Baleia Azul; propor uma pesquisa sobre o tema com anotações no caderno de atividades; ensinar a estrutura do gênero entrevista; encenar um trecho do Auto da Compadecida de Ariano Suassuna; ensinar a estrutura do gênero teatral; apresentar aos alunos diferenças entre textos que são escritos para serem oralizados (teatro, apresentação de jornais) e textos da oralidade que são convertidos para a escrita (entrevistas em revistas); pedir que cada aluno faça uma gravação contando suas histórias de vida.

Material: Internet, vídeo, fotocópias, computadores, gravador, celular, caderno, lápis, caneta.

Duração: Quatro horas.

Módulo III- Sapezal, terra que vi crescer.

Objetivo: Conhecer o processo de formação histórica da cidade de Sapezal; utilizar sites de pesquisas virtuais.

Atividades: Apresentar o vídeo que conta a história da cidade de Sapezal, acessar sites de busca na Web para pesquisar sobre a cidade de Sapezal; visitar o Museu João Bertotto que conta a história de Sapezal e dos

pioneiros; entrevistar o pioneiro Nivaldo Bertotto; registrar as memórias dele em vídeo; propor que os alunos façam um texto em vídeo sobre o que pensam do município de Sapezal.

Material: Internet, vídeo, computadores, gravador, celular, caderno, lápis, caneta.

Duração: Quatro horas.

Módulo IV- De onde eu vim!

Objetivo: Proporcionar que os alunos conheçam a composição cultural da cidade de Sapezal e apresentem suas culturas de origem para a comunidade escolar; ensinar o uso da ferramenta *Excel* para construção e gráficos e tabelas.

Atividades: Elaborar e aplicar uma pesquisa sobre as origens dos alunos das turmas 7º anos vespertino; produzir gráfico e tabela, usando o programa *Excel*, abarcando todas as regiões de origens dos alunos; pesquisar no laboratório de informática as culturas dos estados que constam no gráfico produzido (crenças, costumes, culinária, tradições, festas, história); apresentar a pesquisa para a comunidade escolar no dia da finalização do módulo.

Material: Internet, vídeo, computadores, gravador, celular, caderno, lápis, caneta.

Duração: quatro horas.

Módulo V- Memória familiar

Objetivo: Resgatar a memória familiar através da contação de história; ensinar noções básicas de uso do *Power Point*.

Atividades: Elaborar e aplicar uma entrevista para pais, avós, tios ou responsáveis para que eles contem sobre suas histórias de vida; gravar em vídeo, áudio ou transcrever a entrevista; pesquisar fotos antigas e atuais da família; pesquisar se há guardados com a família objetos, cartas ou roupas antigas (batizado, dente de leite, umbigo) e fotografar o material encontrado; relatar a memória familiar por meio de vídeo, áudio ou texto escrito.

Material: Internet, vídeo, computadores, gravador, celular, caderno, lápis, caneta, fotos, objetos antigos, cartas.

Duração: Quatro horas.

Módulo VI- Memórias com Anne Frank, Zélia Gattai e Daniel Munduruku.

Objetivos: Conhecer, ler e interpretar o gênero relato de memória e diário; observar os usos do pretérito perfeito e imperfeito em textos de memórias; relembrar usos e flexões dos tempos verbais e identificar palavras e expressões que remetem ao passado.

Atividades: Ler e interpretar os textos: trechos do diário de Anne Frank; “Parecida, mas diferente” de Zélia Gattai; “Tempo de infância” e “A raiva de ser índio” de Daniel Munduruku.

Atividades de interpretação do texto “Tempo de infância” e “A raiva de ser índio” de Daniel Munduruku.

- 1- Quais são as pistas presentes no texto que indicam um relato de memória?
- 2- Quais são as lembranças?
- 3- A cultura de Daniel Munduruku está presente na escrita dele?
- 4- Em que espaço acontece os fatos relatados? Quais palavras nos dá essa certeza?
- 5- Quais memórias você tem da palavra índio?
- 6- Em que local Daniel morava e quais eram as condições de vida da família?
- 7- O nome das coisas muda de lugar para lugar? Justifique.
- 8- Que memória ele tem da escola?
- 9- Em sua memória de infância Daniel relata que sofreu preconceito. Quais?
- 10- Onde ele se sentia feliz? Por quê?
- 11- Pesquise sobre a vida de Daniel Munduruku.

Atividades de interpretação do texto “Parecida, mas diferente” de Zélia Gattai.

- 1- O texto narra a memória de imigrantes. De onde eles vêm e porque vieram?
- 2- Como foi a viagem até chegar ao Brasil?
- 3- De que forma essas famílias eram contratadas para trabalhar no Brasil?
- 4- Que fatos de exploração do trabalhador são contados por Zélia?
- 5- Como foi a reação do avô Da Col?
- 6- Quais foram as consequências sofridas pelos Da Col?
- 7- Pesquisar a vida de Zélia Gattai.

Atividades de interpretação do texto “O diário de Anne Frank”.

- 1- Em que situação de vida as memórias de Anne Frank são relatadas?
- 2- Como ela se sente no esconderijo?
- 3- Descreva o local em que Anne mora com a família.
- 4- O texto é parte de um diário. Quais pistas textuais indicam esse gênero?
- 5- Que formas verbais estão presentes no relato?
- 6- Quais verbos indicam medo e mudança radical de vida?
- 7- Escreva sobre o silêncio, medo e opressão vividos pela garota.
- 8- Pesquise sobre a vida de Anne Frank.

Material: Computador, celular, internet, fotocópias, caderno, caneta, lápis.

Duração: Quatro horas.

Módulo VII- É bem Mato Grosso.

Objetivo: Conhecer e interagir com grupo artístico que representa as manifestações culturais do Mato Grosso na cidade de Sapezal, assistir apresentações de Siriri – dança acompanhada por cantoria, com influências indígena e africana – e o Cururu – espécie de desafio de rimas, com origem em manifestações religiosas populares. Ambas têm como principal instrumento a viola de cocho.

Atividade: Relatar a experiência dessa aula.

Material: Ônibus escolar, autorização da escola, celulares, gravadores.

Duração: Quatro horas.

Módulo VIII- O *Facebook* na escola.

Objetivos: Permitir o conhecimento e acesso às redes sociais; mostrar os usos das redes sociais; discutir sobre o uso da rede social *Facebook* na escola.

Atividades: acessar o *Facebook* da escola e do professor; verificar quais alunos possuem conta em redes sociais; socializar a experiência de estar interconectado; pesquisar porcentagem de alunos da turma que tem perfil no *Facebook*.

Material: Internet, computadores, gravador, lousa, vídeo, áudios, textos escritos, fotografias, caderno, caneta e lápis.

Duração: Quatro horas.

Módulo IX- A memória do outro.

Objetivos: Conhecer e aprender sobre as comunidades indígenas presentes no município de Sapezal-MT para através de intercâmbio aprender a respeitar a diversidade cultural; ouvir as memórias contadas pelos povos ancestrais deste município no intuito de acabar com qualquer forma de preconceito cometida contra as nações indígenas presentes na escola.

Atividades: visitar a tribo Nambikwara, assistir às apresentações da tribo e fazer um momento de confraternização com eles, produzir relato escrito da experiência da visita.

Material: ônibus escolar, autorizações, celulares, lanches variados, gravadores.

Duração: Quatro horas

Módulo X- Hipertexto na sala de aula.

Objetivo: Apresentar o gênero hipertextos para os alunos.

Atividades: conceituar com os alunos o que é o gênero hipertexto; observar a sua estrutura composicional; ensinar sobre os diferentes caminhos de leitura nesse tipo de gênero, proposta de escrita de relato sobre as impressões da aula.

Abaixo questões sobre o conteúdo que poderão ser trabalhadas com os alunos.

Do texto ao hipertexto

- 1- Escolha uma página *web* de sua preferência e observe sua composição. Transcreva suas observações.
- 2- Que tipos de textos podem integrar uma página *web* no ciberespaço?
- 3- Você acredita que a Internet modificou o modo de ler das pessoas? Justifique.
- 4- Você gosta de ler?
- 5- O que é texto para você?
- 6- Em que suporte pratica a leitura? Internet ou livros?
- 7- Quais tipos de textos têm lido, ultimamente?
- 8- Que caminhos de leitura você percorreu para ler a página *web* escolhida?
- 9- O que é hipertexto?
- 10- Porque a página *web* ou site escolhido por você é um hipertexto?
- 11- Você é um hiperleitor?

12- O que é um leitor proficiente em mídia digital? O que ele precisa saber?

13- O que é link e *hiperlink*?

14- O que é hipermídia?

15- A Leitura do texto impresso é diferente do hipertexto digital? Justifique.

Material: Internet, computadores, gravador, caderno, caneta e lápis.

Duração: Quatro horas.

Módulo XI- <http://memoriando.com.br>.

Objetivo: Oportunizar ao aluno o momento de autoria com escrito de relatos de memórias na página *web* que será construída para que os discentes, pais e professores tenham acesso a todo material produzido por eles no decorrer do projeto.

Atividades: Convidar os alunos a memorar através do relato escrito na página *web* sobre as experiências vivenciadas durante o transcorrer do projeto.

Material: Computador, internet.

Duração: Duas horas

Módulo XII- Memórias em noite de Faceburger.

Objetivo: Apresentar à comunidade o percurso do trabalho desenvolvido.

Atividades: Apresentação do projeto para os pais e comunidade doar a cada família um DVD com desenvolvimento do projeto; doar exemplares para Biblioteca e Secretaria Municipal de Educação-SEMECE da cidade de Sapezal/MT.

Produto a ser gerado: página Web <http://memoriando.com.br> produzido pela empresa CSW-SOLUÇÕES WEB e DVD com orientações didáticas do projeto de memórias, informação de que o projeto ficará disponível no *Facebook* da Escola Municipal Profa. Eneli Scapinello; caderno de atividades; relato de experiência do projeto.

2.1.6 Relato da sequência didática

A apresentação da situação

A apresentação da situação inicia-se com a entrega para cada aluno de um kit de presente composto de cadernos, canetas e lápis. Em seguida, os documentos assinados pelos pais e alunos foram recolhidos e guardados. Apenas uma mãe não concordou em assinar, pois na concepção dela, segunda a aluna, o projeto não é aula.

Num primeiro momento, a turma estava livre para questionar, pois a curiosidade sobre a nova professora foi grande. Depois, foi pedido que todos se apresentassem contando um pouco sobre suas histórias de vida.

Em seguida, foi proposto que a turma que elegesse um tema para que pudessem escrever, conversar ou debater em sala. Muitas foram as sugestões, Baleia azul, Funk Proibidão, Rap Ostentação e, por fim, surgiu a ideia de contar as histórias de vida de cada um. Esse assunto surgiu, após, uma garota dizer em sala que não iria participar do projeto, pois havia muita parte da vida dela que era proibido. A turma ficou muito curiosa o que foi o mote perfeito para desenvolvermos a sequência didática com o tema relato de memórias. No entanto, não foi fácil chegar a esse tema, pois os adolescentes querem falar sobre o que é proibido na escola, Funk Proibidão é um deles. Sobre esse momento discorre os teóricos da SD,

Apresentação da situação é, portanto, o momento em que a turma constrói uma representação da situação de comunicação e da atividade de linguagem a ser executada. Trata-se de um momento crucial e difícil no qual duas dimensões principais podem ser distinguidas: a) apresentar um problema de comunicação bem definido; b) preparar os conteúdos dos textos que serão produzidos (DOLZ, NOVERRAZ e SCHNEUWLY, 2004, p. 99-100).

Ressalta-se que o tema *Funk* e *Rap* foram trabalhados com um viés diferenciado do “Proibidão” e “Ostentação” na disciplina de Literatura do ProfLetras-Sinop-MT, na intenção de que temas escolhidos pelos alunos

fossem contemplados durante a intervenção. Quanto ao assunto Baleia Azul, este, foi incluso na sequência didática em que, sutilmente, fez-se menção à questão do suicídio. Relata-se, também, que os conteúdos do primeiro e segundo semestre do currículo escolar de Língua Portuguesa foram contemplados na sequência didática.

Com uma turma numerosa de 34 alunos alegres e barulhentos não foi fácil chegarmos a um tema que fosse consenso. Porém, todos aceitaram o tema de bom grado, menos a garota que não podia contar partes da vida dela.

A produção inicial: Memórias da migração para Sapezal

Na esfera do relatar cabem muitos tipos de gêneros e o primeiro escolhido foi o relato de memórias num recorte espaço-tempo em que os alunos saem de suas cidades e desembarcam em na cidade de Sapezal na condição de migrantes, e aqueles que nasceram em Sapezal contaram a memória da família.

Essa escolha não é neutra, pois as condições de produção favorecem esse gênero, uma vez que os alunos são em sua maioria oriundos de outras cidades e estados, formando uma sala heterogênea e dar voz a esses sujeitos é importante para que conte de si e ouça do outro, pois Narciso acha feio aquilo que não é espelho. De acordo com Orlandi (2015, p. 14), a AD leva em conta o homem na sua história, considera os processos e as condições de produção da linguagem. Nesse sentido, a produção inicial atua para além do diagnóstico dos saberes, conduzindo os alunos à percepção do diferente, do multicultural em sala de aula. Esse é um dos papéis da escola, segundo Rojo (2009, p. 12),

[...] cabe à escola potencializar o diálogo multicultural, trazendo para dentro de seus muros não somente a cultura valorizada, dominante, canônica, mas também as culturas locais e populares e a cultura de massa, para torná-las vozes de um diálogo, objetos de estudo e de crítica.

Segue abaixo alguns recortes dos textos iniciais produzidos.

Minha História

Eu sou Deborah Reis Nunes tenho 12 anos vim de Pimenta Bueno (RO) tenho 2 anos que moro em Bapezal. Quando vim embora para Bapezal chorei muito pois não queria vim embora, quando fui se despedir dos meus primos chorei muito pois não gostarei de Bapezal, achava aqui muito chato não conheci ninguém aqui além dos meus primos que mora aqui.

Quando vim pra escola chorava porque não gostei daqui e não tinha nenhuma amiga na sala de aula e nome da minha primeira professora aqui em Bapezal foi Isabel Soares ela conversou muito comigo perguntava porque chorava na sala de aula. Com o tempo eu me acostumei com todo mundo já tinha me apegado as pessoas foi aí que conheci minhas amigas.

Hoje não quero voltar pra lá só se for pra passear, bom não tenho que reclamar de Bapezal fui lá bem acolhida aqui. hoje tenho vários amigos.

Bom meu pai resolveu vim embora pra Bapezal por ter mais oportunidade de emprego e também porque meu primo chamou ele para montar uma oficina de carros esse é o motivo que vim fazer eu vim embora para Bapezal.

Imagem 03: Relato de memória 02.

Meu nome é Shayna Souza Ribeiro, nasci em vilhena - Rondônia e morei lá até os meus 07 anos de idade, eu me divertia muito no bairro onde eu morava, perto de lá tinha um rio e perto dele tinha uma fazenda onde tinha muito pé de azeitona. Eu me mudei de lá porque meus pais estavam ganhando muito pouco, o meu pai vinha aqui de vez em quando trabalhar e como ele estava ganhando bem aqui ele decidiu se mudar de vilhena para cá, minha mãe arranjou um trabalho no hospital daqui como Técnica em enfermagem, então meus pais, meus irmãos e eu, viemos morar aqui. Antes de me mudar eu nunca tinha vindo aqui em Sapezal antes, quando eu cheguei minha irmã andou comigo pela cidade, porque ela tinha chegado um dia antes de mim então já conhecia a cidade mais ou menos. Eu me diverti muito venho tudo aqui.

Fonte: Arquivo da pesquisa, 2017.

Os recortes um e dois demonstram que o tema escolhido pela maioria da turma foi aceito, mas nem todos quiseram relatar as memórias sobre a migração para a cidade de Sapezal.

Módulo I- Compreendendo o gênero relatar

Este módulo começou com uma pesquisa sobre as origens de cada aluno da sala e com os dados elaborou-se um gráfico que demonstrou que a migração afeta, praticamente, quase todos os alunos da sala. Na discussão dos dados com os alunos, foram levantados os motivos pelos quais os discentes de Rondônia migraram para Sapezal e todos disseram que não há emprego no Estado e, por isso, as famílias resolveram migrar. A intenção dessa atividade foi avivar a memória dos alunos para o fato de que quase

todos são migrantes em Sapezal e que esse fator pode servir de elo entre a turma. Ressalta-se que neste dia não estavam todos os alunos em sala.

Na sequência, pediu-se aos alunos que tentassem definição para a palavra memória. Houve muitas definições; as mais comuns foram “é de computador, é o que nós tem guardado na cabeça, guardar as lembranças, contar coisas, lembrar das coisas”.

Foram feitas algumas provocações perguntando se a memória é guardada apenas na cabeça. Alguns rebateram dizendo que não, que pode guardar no *pen-drive*, no computador. Na sequência, foi pedido que lessem os três textos abaixo que questionam a importância da escrita para a permanência da memória.

Imagem 04: Fragilidade da memória².

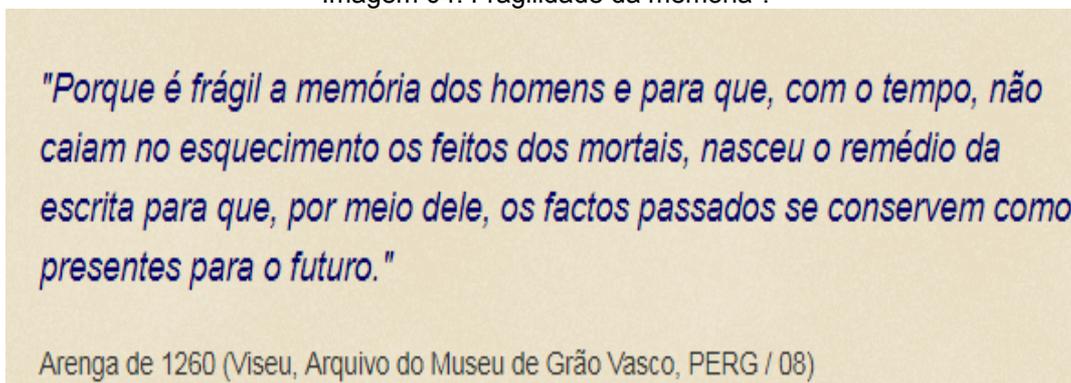


Imagem 05: Memória e escrita.



Fonte: Arquivo da pesquisa, 2017.

² Fragilidade da memória. Disponível em: <http://educarepovone.blogspot.com.br/2009/07/porque-e-fragil-memoria-dos-homens-e.html>. Acesso em: 20 mar. 2017.

Porquinho-da-Índia (Manuel Bandeira)

PORQUINHO-DA-ÍNDIA

Quando eu tinha seis anos
Ganhei um porquinho-da-índia.
Que dor de coração me dava
Porque o bichinho só queria estar debaixo do fogão!
Levava ele pra sala
Pra os lugares mais bonitos mais limpinhos
Ele não gostava:
Queria era estar debaixo do fogão.
Não fazia caso nenhum das minhas ternurinhas . . .

— O meu porquinho-da-índia foi a minha primeira namorada.

Depois da leitura do primeiro texto, foi explanado para os alunos que uma das formas de guardar a memória é escrevendo, registrando em diário, caderno, foto postada no *Facebook* e outros. O tempo todo se produz memória.

A partir da leitura do segundo texto, os discentes compreenderam que a palavra mais importante escrita no texto é memória porque está em destaque com letras garrafais e na sequência da leitura, também, perceberam que as palavras escrita e documento eram importantes na composição do texto. Foram interpelados sobre a importância da palavra documento no texto e questionados sobre quais documentos poderiam guardar a memória. Os alunos apontaram que a Certidão de Nascimento é um documento que registra o começo da história de vida das pessoas.

E, assim, foi exposta a composição desse tipo de texto e sua relevância para a sociedade. Uma aluna questionou o que é tabelião, o que foi explicado que se trata de uma pessoa que tem poder para redigir a Certidão, após isso, ainda, foram indagados se o *Wikipédia*, o dicionário, o caderno de sala e a fotografia eram formas de guardar memória. Todos concordaram. Um dos alunos questionou que muitas vezes as fotos dos celulares são apagadas e para sempre perdidas.

Em seguida, os alunos fizeram a leitura do poema “Porquinho da Índia”, riram com o fato de o porquinho-da-índia ser a primeira namorada de eu-lírico.

³ Poema. Disponível em: <https://poesiainfantilblog.wordpress.com/2016/04/13/porquinho-da-india-manuel-bandeira-2/>. Acesso em: 20 mar. 2017.

Após segunda leitura em voz alta do texto com os alunos, fez-se a contextualização do sentido da expressão primeira namorada adquiria no contexto do poema que significava aprendizado para ser uma pessoa amorosa, gentil, terna quando no futuro essa pessoa fosse se relacionar amorosamente com alguém. Questionaram o sentido da palavra ternurinha, foi lhes dito que era tratar o outro com amor, gentileza.

Imagem 07: Momento da leitura.⁴



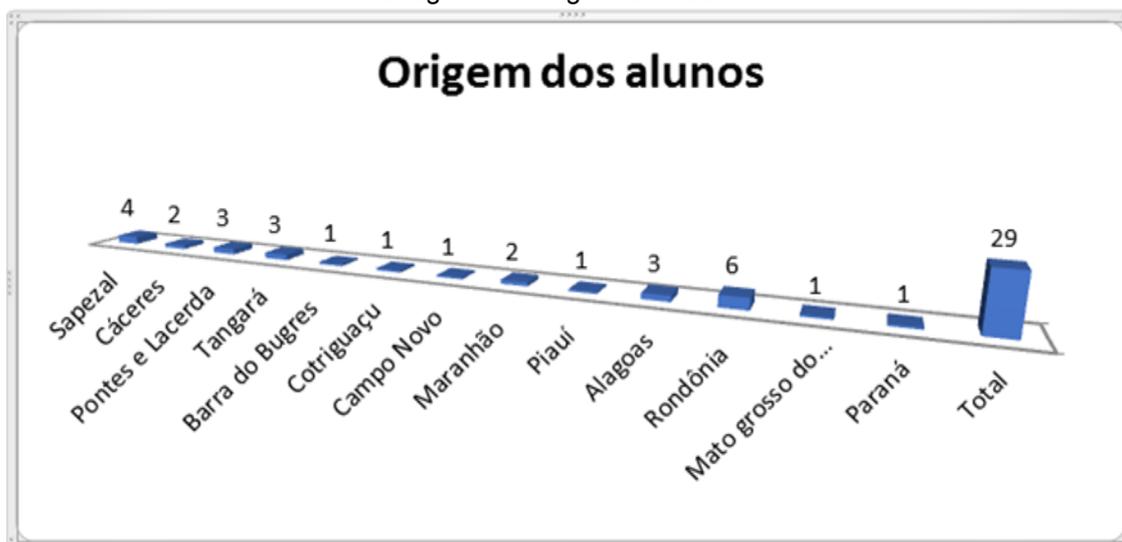
Fonte: Arquivo da pesquisa, 2017.

Após a leitura, os alunos constataram que algumas doenças, Alzheimer, por exemplo, pode afetar a memória e que por isso é importante o registro escrito. Questionados sobre que histórias iriam contar para os netos, disseram que eram muito novos para pensar nisso.

O intuito desta aula foi de apresentar a variedade de gêneros que pertencem ao relatar, mas, principalmente, a importância da escrita para registro dos relatos e o papel da memória na história de vida das pessoas. O objetivo foi atingido, porque os alunos entenderam o conceito de memória e os tipos de gêneros que a compõem.

⁴ Momento da leitura do texto Guilherme Araújo Fernandes de FOX, M. (1995). Guilherme Augusto Araújo Fernandes. Brinque-Book, 24^a Reimpressão.

Imagem 08. Origem dos alunos.



Fonte: Arquivo da pesquisa, 2017.

O gráfico acima não representa o total de alunos, pois no dia da elaboração faltaram seis alunos. Lendo o gráfico pode-se concluir que a migração do estado de Rondônia é maior em comparação a outros estados, quebrando o paradigma de que a classe trabalhadora da região é quase toda oriunda dos estados do Nordeste.

Os alunos fizeram a mesma leitura do gráfico em sala e questionaram os colegas rondonienses sobre os possíveis motivos da vinda para cidade de Sapezal. A resposta foi que nas cidades de Rondônia não há emprego para os pais. Nesse momento do dizer, os alunos já estão refletindo seus processos históricos e mostrando a adesão inconsciente à ideologia de que nas cidades do agronegócio há empregos abundantes e que basta migrar que o futuro está garantido. Para Pêcheux (1995, p. 163), essa interpelação do sujeito em sujeito ideológico, ou sujeito do discurso:

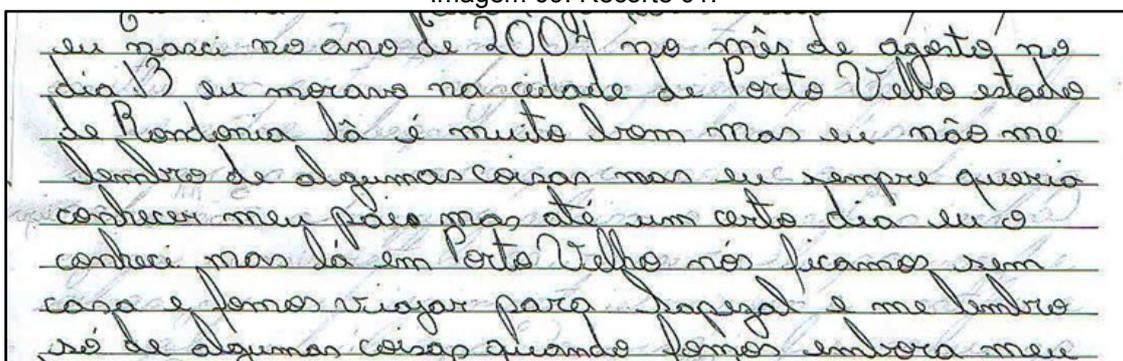
[...] se efetua pela identificação (do sujeito) com a formação discursiva que o domina (isto é, na qual ele é constituído como sujeito): essa identificação, fundadora de unidade (imaginária) do sujeito apoia-se no fato de que elementos do interdiscurso (...), são reinscritos no discurso do próprio sujeito.

A ideologia do agronegócio como sustentáculo da nação é difundida, principalmente, pela campanha "Agro é Tech, Agro é Pop, Agro é tudo" que foi concebida pelas gerências de *Marketing* e de Comunicação da Rede Globo

que “coincidentalmente” foi será veiculada até junho de 2018. No entanto, a realidade é bem outra, uma vez que, o fluxo migratório é alto, num infinito ir e vir que ser pode mensurado pelo número de matrículas feitas e transferências expedidas pela escola.

Dos vinte e nove alunos, apenas, dezenove escreveram suas memórias de migração e entregaram. Foram escolhidos recorte desses textos para análise da posição sujeito assumidos pelos alunos naquela condição de produção do discurso.

Imagem 09. Recorte 01.

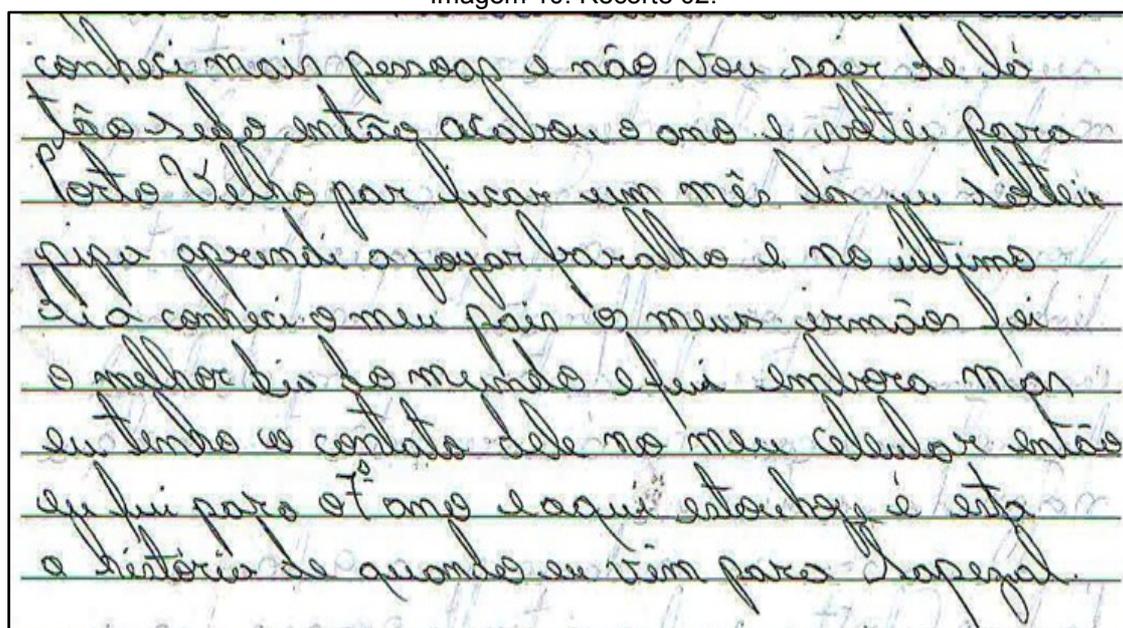


eu nasci no ano de 2004 no mês de agosto no dia 13 eu morava na cidade de Porto Velho estado de Rondonia lá é muito bom mas eu não me lembro de algumas coisas mas eu sempre queria conhecer meu pai mas até um certo dia eu o conheci mas lá em Porto Velho nós ficamos sem casa e fomos viajar para Japezal e me lembro só de algumas coisas quando fomos embora meu

Fonte: Arquivo da pesquisa, 2017.

Ao memorar o aluno do recorte 01 parece evidenciar que a posição-sujeito ansiada por ele é de filho que por algum motivo teve o pai ausente e quando o encontra é necessário migrar, a construção frasal “mas ficamos sem casa” denota que o sujeito lamenta ter que se afastar do pai recém-descoberto.

Imagem 10. Recorte 02.

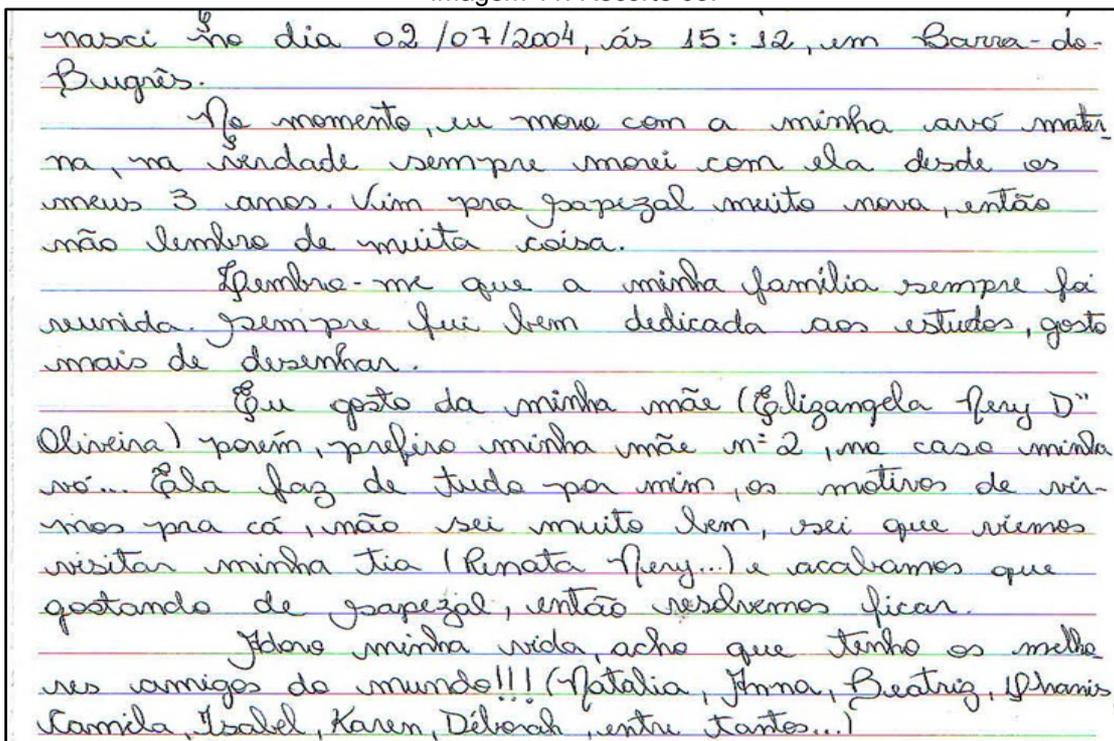


conheci meu pai quando ele veio de lá e ele veio com a esposa e os filhos para Porto Velho por ficar um mês lá eu fiquei aqui quando o pai chegou e no primeiro dia conheci meu pai e meus irmãos foi o melhor dia do mundo e foi embora mas eu tenho o contato dele no meu celular então eu fui para o 7º ano aqui e agora é a história de quando eu vim para Japezal.

Fonte: Arquivo da pesquisa, 2017.

No recorte 02 do mesmo aluno surge o seguinte discurso “[...] então acabou o ano e voltei para Porto Velho para ficar um mês lá, soltei pipa, aprendi jogar baralho e no último dia conheci o meu pai, os meus irmãos e foi o melhor dia do mundo e fui embora, mas agora eu tenho o contato dele no meu celular “[...]” O trecho transcrito reforça a ideia de que a posição-sujeito almejada pelo aluno do recorte 1 e 2 é a de filho.

Imagem 11. Recorte 03.



nasci no dia 02/07/2004, às 15:12, em Barra-do-
Bugre.
No momento, eu morei com a minha avó materna, na verdade sempre morei com ela desde os meus 3 anos. Vim pra gazejal muito nova, então não lembro de muita coisa.
Lembro-me que a minha família sempre foi reunida. Sempre fui bem dedicada aos estudos, gosto mais de desenhar.
Eu gosto da minha mãe (Galizangela Fery D" Oliveira) porém, prefiro minha mãe número 2, no caso minha vó... Ela faz de tudo por mim, os motivos de virmos pra cá, não sei muito bem, sei que viemos visitar minha tia (Renata Fery...) e acabamos que gostando de gazejal, então resolvemos ficar.
Adoro minha vida, acho que tenho os melhores amigos do mundo!!! (Natalia, Anna, Beatriz, Phanis, Camila, Isabel, Karen, Deborah, entre tantos...)

Fonte: Arquivo da pesquisa, 2017.

A aluna do recorte 3 enuncia do lugar-família e mostra um conflito entre os papéis por ela assumidos; o de filha e neta. O último é rejeitado e ela se posiciona como filha da avó, presente no dizeres: *Eu gosto da minha mãe, porém prefiro minha mãe número 2º, no caso minha vó... Ela faz tudo por mim..*. O inusitado desse trecho é o fato do nome da mãe vir completo e entre parênteses, como se quisesse enfatizar que a pessoa é realmente mãe. E o conflito de ser sujeito-filha-neta continua quando ela enumera a avó em segundo lugar. Merece destaque o fato dela enunciar o sobrenome da família em duas em duas situações e ainda reforça dizendo que a família sempre foi “reunida”, ou seja, mais que unida.

Imagem 12. Recorte 04.

Quando eu vim para cá fui morar em um caso que meus avós tinham comprado e távo determinando de construir, então agente moro lá por muito tempo. Vim para Sapezal em 2004. Aqui minha mãe me batizou na igreja Católica, e vivemos aqui bastante tempo, mais meus avós venderam o caso e voltamos para Laceraz MT.

Fonte: Arquivo da pesquisa, 2017.

Imagem 13. Recorte 05.

Por isso voltamos para Sapezal, tinha 9 anos alugamos uma casa, lá no vilão das vicar, depois moramos, perto do mercado Amigão, B. das orquideas.
Agora estamos no nosso caso próprio, moro com meus avós, minha mãe mora no Bairro do Zequinha, aqui em Sapezal MT. E vivemos a minha história sou muito feliz e amada.

Fonte: Arquivo da pesquisa, 2017.

O discurso presente nos recortes quatro e cinco apresentam uma pista do discurso que não surgiu nos outros recortes que é o do discurso religioso. “Aqui minha mãe me batizou na igreja Católica...”

Duas palavras são importantes nessa fala o advérbio *aqui* que nesse enunciado parece dizer este é meu “lugar” e o verbo *batizou* que sugere uma ideia de registro de pertença ao lugar por um direito divino. Mas também pode sugerir que a aluna já não pertence mais a denominação católica. A posição-sujeito dessa aluna parece ser de uma cidadã sapezalense.

Imagem 14. Recorte 06.

Minhas irmãs de Pontes e Reacida há 1 ano e mais moro eu e a minha mãe vim pra Sapezal com 10 anos deixei muitas colegas, amigos muitos amigos eu considero como irmãs quando eu estava vindo pra cá eu chorei muito aqui é muito diferente de Pontes e Reacida lá é mais movimentado, acontece muitos roubos, furtos etc.
Aqui em Sapezal não aqui a cidade é mais parada poucos roubos e furtos quando eu vim para cá eu estranhei um pouco as coisas fico com vontade de voltar pra lá eu vim para Sapezal por condições financeiras agora eu já me acostumei aqui.

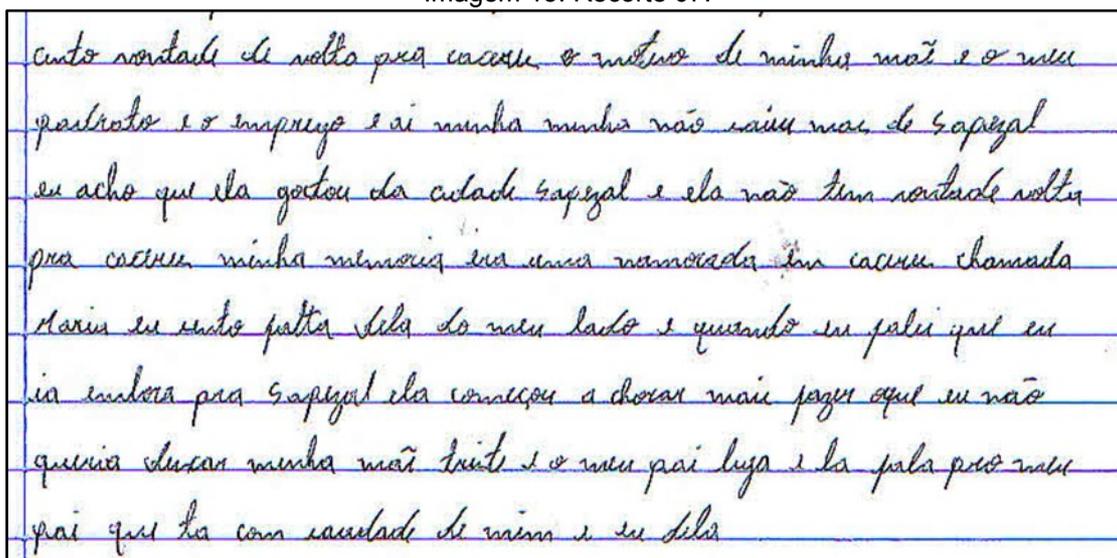
Essa é a minha história

Fonte: Arquivo da pesquisa, 2017.

Nesse recorte, há presença da voz que sofre com a migração quando enuncia: “*deixei muitos colegas, amigos muitos amigos que eu considero como irmãos quando eu estava vindo para cá chorei muito aqui..*” percebe-se que a posição-sujeito é do migrante que sofre ao deixar para trás a história de vida. As palavras amigos são repetidas duas vezes e depois reforçada com verbo considerar na 1ª pessoa acompanhado do pronome eu.

Há no discurso a comparação do lá e do aqui das duas cidades, ela acredita que a cidade de Sapezal é tão “parada” que nem os roubos a movimentam. Parece haver no discurso da aluna um tom melancólico, ainda assim é consciente que o motivo da mudança foi por questões financeiras e aceita, resignada, a nova cidade. A posição-sujeito assumida por ela no discurso é de migrante.

Imagem 15. Recorte 07.



Fonte: Arquivo da pesquisa, 2017.

O enunciador desse discurso, ainda sofre com o processo de migração da cidade de Cáceres para Sapezal em sua fala o motivo é o amor entre duas mulheres: a mãe e a namorada. Dessa maneira, o sujeito se inscreve em duas categorias a de lugar e de posição. Enquanto, a primeira dará conta dos lugares ocupados pelos sujeitos empíricos dentro de uma sociedade de relações hierarquizadas, a segunda abarcará as projeções feitas pelos mesmos em momentos como, por exemplo, o da antecipação do efeito de sentido causado pelo discurso em um determinado interlocutor. Esse sujeito vive o

conflito de dois papéis; a de filho que ama a mãe e de homem que ama a namorada. Veja a transcrição: “...minha memória era uma namorada em caceres chamada Maria eu sinto falta dela do meu lado e quando eu falei que eu ia embora pra Sapezal ela começou a chorar mais fazer oque eu não queria deixar minha mãe triste e o meu pai liga e ela fala pro meu pai que ta com saudade de mim e eu dela.”

Imagem 16. Recorte 08.

eu vou contar o minha história quando eu era pequena.

quando eu nasci minha mãe não podia cuidar de mim porque pes dentro de estomago dela aprederen, daí quem cuida de mim vai minha avó de consideração, porque eu tá tambe uma avó viva e paterno parte de pai.

Eu também lembro quando minha mãe ia lavar roupa com um vizinho que tinha pedras e ela colocava eu tambeo du rio e eu brincava com o vizinhos.

E' daqui um tempo mãe namora um outro mãe morava em getúlio vargas MT e mãe vai embora para pro São Miguel do Guaporé mãe vai de companhia

Pular Partes orriveis

passando um tempo mãe vai pro Sapezal MT porque

Fonte: Arquivo da pesquisa, 2017.

No início das aulas de intervenção, o aluno autor do recorte oito disse que não poderia participar das aulas, porque havia partes da vida dela que não podem ser contada. De acordo com (ORLANDI,2015,p.41), uma formação discursiva “se define como aquilo que em uma formação ideológica dada – ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura dada – determina o que pode e deve ser dito”, desse modo a sugestão foi de que ela escrevesse e omitisse aquilo que fosse segredo, assim ela o fez. Há no texto dela um lapso de tempo denominado partes horríveis. Um traço revelador na escrita é o efeito de escrever em letras maiúsculas a expressão “Pular Partes orriveis”. A

escolha do vocábulo horrível também tem que ser considerado indícios para algum tipo de violência sofrida pela aluna. Parece que essa situação horrível não cessa de imediato, pois ao usar a expressão “*passando um tempo nós vai pra Sapezal...*”, parece indicar que a situação ainda não terminou, porque a aluna não escreve nada mais depois. O fluxo de consciência é interrompido. Nesse texto faz-se presente o sujeito silenciado por algo tão terrível que não deve ser contado. No silêncio local, isto é, na presença de outros em sala de aula foi imposto interdito, provavelmente pela mãe, ou ainda, pela própria aluna que tem medo de preconceitos ou outras manifestações de desaprovação. Este é um caso de censura produzindo efeitos de dizer e calar. A censura é fato de linguagem, uma política da palavra.

No trabalho com a Análise de Discurso fica a impressão de que o proposto escapou por entre os dedos e se porventura fosse retomado o resultado seria sempre outro, nunca aquele imaginado. A expectativa era de que os alunos através dos relatos escritos deixassem entrever que posição-sujeito assumiria na tessitura do discurso. A temática foi específica contar sobre a migração para Sapezal. No entanto, a migração acabou se transformando num pano de fundo para compor os mais diferentes posicionamentos do sujeito. O que mais sobressaiu nos textos foram os sentimentos, alguns em maior intensidade que outro; o do filho que sofre por abandono do pai, a neta que prefere o papel de filha, o medo na menina que pula as partes horríveis, o da garota que sofre com a migração por ficar longe dos amigos e por fim da jovem que tem sentimentos de pertença com a cidade de Sapezal.

As posições-sujeitos assumidas pelas crianças no decorrer dos textos produzidos foram as mais variadas possíveis, no entanto, não surgiu a posição sujeito que sabe que atendeu ao canto da sereia que há nos mares brancos das plantações de algodão. Um sujeito que de alguma maneira vislumbre a exploração e o abandono.

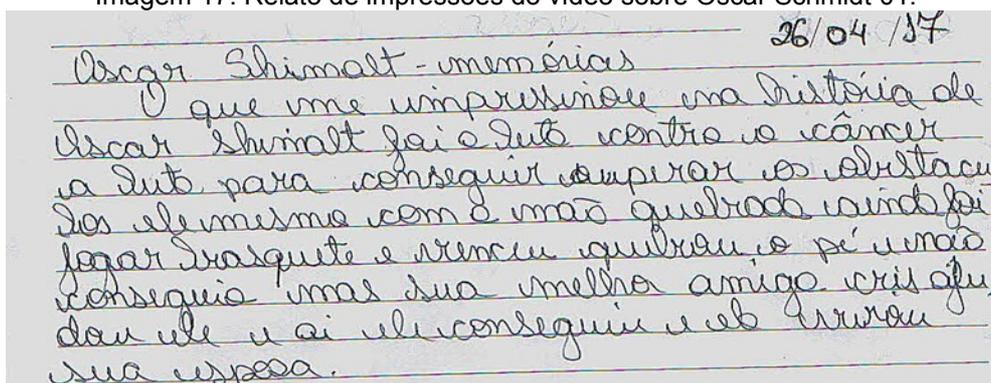
Na cabe ao analista da ADF intervir, mas ele pode fazer outras perguntas que levem a outras reflexões, mas isso é matéria para um próximo trabalho.

Módulo II- O que você viu da vida!

Iniciou-se aula com a proposta de assistir ao documentário da vida de Oscar Schimdt. No entanto, alguns alunos não sabiam que foi o maior jogador de basquete do Brasil. A dificuldade desta aula foi que a sala de multimídia estava ocupada pelos alunos do SENAI, porém o combinado com escola era de que o laboratório de informática seria usado naquele horário para o projeto de intervenção. Por isso, os alunos assistiram ao vídeo na sala dos professores num computador de tela pequena e som baixo, e bem na hora do vídeo alguém no pátio da escola ligou uma máquina de cortar ferro que fazia muito barulho. Isso quebrou a expectativa de ver o vídeo.

Na apresentação das memórias Oscar Schimdt foi discutido sobre a força de vontade de vencer que as pessoas devem ter para se tornar campeões, argumentou-se, ainda, sobre a importância da esposa Cris no momento de superação. E, principalmente, sobre o enfrentamento do câncer. Foi explanado aos alunos que a história de vida do Oscar serve de inspiração para qualquer jovem. Depois disso, foi proposto aos discentes que registrassem as impressões que tiveram do vídeo e que fizessem vídeos contando sobre suas vidas.

Imagem 17: Relato de impressões do vídeo sobre Oscar Schmidt 01.

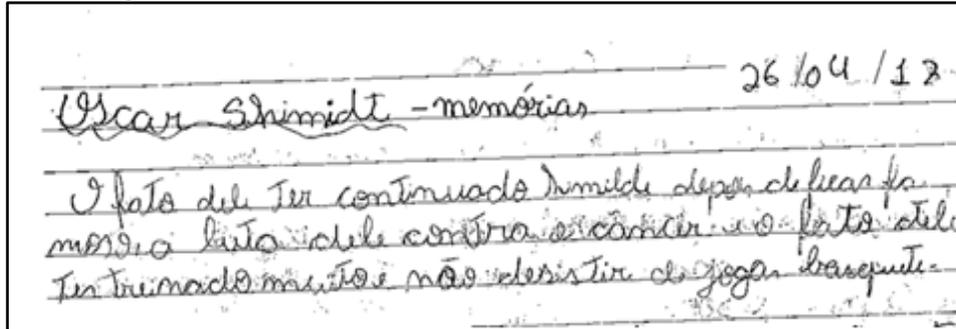


Oscar Schimdt - memórias 26/04/17
O que me impressionou na história de Oscar Schimdt foi a luta contra o câncer a luta para conseguir superar os obstáculos ele mesmo com o mão quebrado ainda foi jogar basquete e venceu quebrado e só assim conseguiu mas sua melhor amiga Cris foi dar ele a ele conseguiu e ele venceu sua esposa.

Fonte: Arquivo da pesquisa, 2017.

No relato de impressões acima, percebe-se que o aluno se sentiu tocado pelas memórias do jogador de basquete Oscar Shmidt, quando faz uso dos vocábulos *impressionou*, *luta*, *mesmo*, *ainda*, *venceu* mostrando que aderiu ao discurso de superação proposto pelo atleta.

Imagem 18: Relato de impressões do vídeo sobre Oscar Schmidt 02.



Fonte: Arquivo da pesquisa, 2017.

Nesse recorte, o que chama atenção do aluno são os fatos de vida do jogador que continua humilde, mesmo com a fama, depois luta contra o câncer e na sequência o aluno dá destaque ao fato de o atleta treinar muito e não desistir de jogar basquete. É interessante notar que o autor do texto troca a sequência dos fatos e coloca a luta contra câncer em segundo lugar, sendo que no vídeo a batalha contra a doença só é revelada no final. Essa atitude do aluno ao expor as impressões do vídeo demonstra que ele se solidariza com o problema do outro.

Dando continuidade ao trabalho, foram dados aos alunos os textos com as entrevistas com a psicóloga Karoline Brilhante em que se discute o assunto Baleia Azul. Antes da leitura das entrevistas, algumas intervenções foram feitas para os alunos apreendessem a estrutura do gênero entrevista, questionando com eles quais eram as marcas textuais que denotavam o gênero entrevista.

Os alunos conseguiram visualizar que o texto é composto por perguntas e respostas. Depois, foram escolhidos duas alunas para fazer o papel de entrevistado e entrevistador no texto da Baleia Azul.

Imagem 19: Simulação de entrevista.

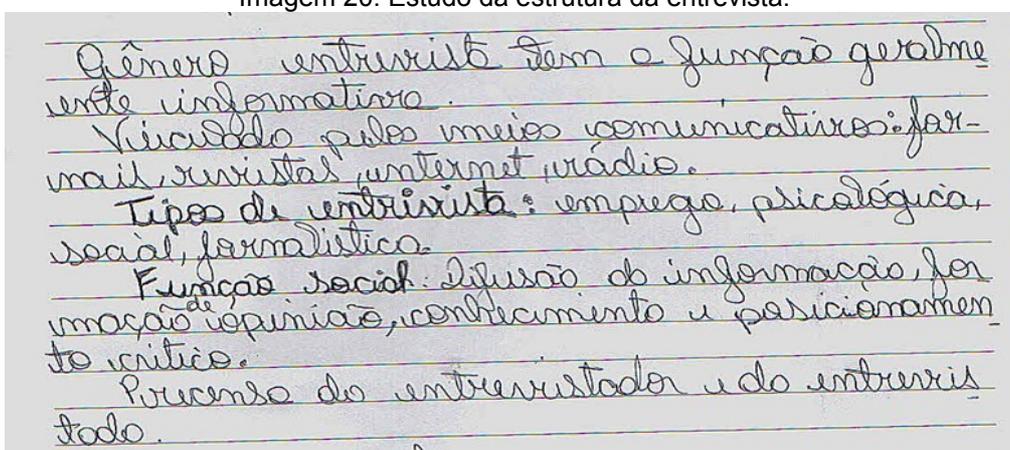


Fonte: Arquivo da pesquisa, 2017.

O tema da Baleia Azul surgiu no primeiro encontro com a turma e porque o aluno insistiu muito no assunto, foi dito que o tema seria estudando em outra oportunidade e que eles pesquisassem em casa com os pais para saber o que os genitores pensavam sobre o assunto. Questionados sobre as respostas dos pais ao assunto, foi relatado que para alguns pais, o problema era falta do que fazer, curiosidade, depressão, coisa de retardado, foi ponderado com os alunos que os jovens estão sujeitos a uma série de fatores que podem influenciar no comportamento.

Na continuação da aula, passou-se ao estudo do conteúdo entrevista.

Imagem 20: Estudo da estrutura da entrevista.



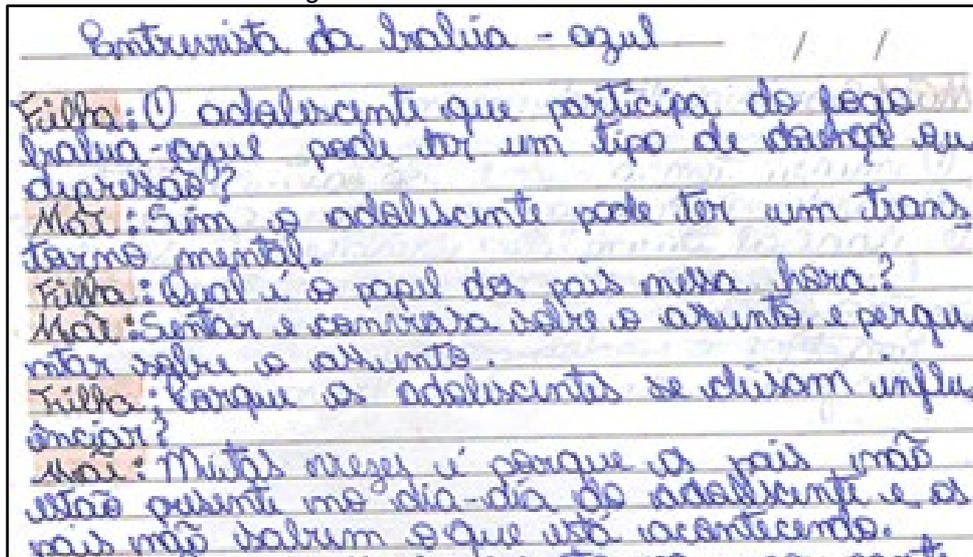
Fonte: Arquivo da pesquisa, 2017.

O recorte mostra o conteúdo do assunto que foi passado no quadro e em seguida copiado no caderno pelos alunos. Chama atenção à grafia do vocábulo precisa-se que o aluno grafou de forma incomum como *precenso*. Talvez, por desconhecer a forma verbal com auxílio de pronome, pois no corpo do texto só há outro equívoco ortográfico comum que foi a troca de e por i na palavra *entrivista*.

Esta aula foi expositiva com o apoio do quadro foram destacados os principais pontos do gênero entrevista, mostrando para os alunos que a entrevista é um texto oralizado que pode ser transcrito. Essa aula teve o objetivo de dar ferramentas para que os alunos pudessem aprenderem a estrutura do gênero entrevista.

Uma aluna conseguiu compreender, perfeitamente, a estrutura da entrevista e a tarefa de entrevistar os pais com competência. Inclusive, elaborou perguntas pertinentes ao tema.

Imagem 21: Recorte de uma entrevista.



Fonte: Arquivo da pesquisa, 2017.

Ainda, nesta aula, os alunos encenaram um trecho do Auto da Compadecida de Ariano Suassuna para que pudessem entender as diferenças entre textos que são escritos para serem oralizados (teatro, apresentação de jornais) e textos da oralidade que são convertidos para a escrita (entrevistas em revistas) e para finalizar o módulo alguns alunos gravaram vídeos contando suas histórias de vida.

Imagem 22: Gravação de relato.



Fonte: Arquivo da pesquisa, 2017.

Módulo III- Sapezal terra que vi crescer.

Essa aula teve a finalidade de levar os alunos a compreender os processos identitários em que estão inseridos. As atividades de aula foram realizadas no Museu João Bertotto que é um espaço que abriga parte da história da cidade de Sapezal/MT e dos pioneiros. Para esta aula foi convidado o pioneiro senhor Nivaldo Bertotto para que contasse suas memórias sobre a fundação do município de Sapezal. Este convite se deu pelo fato de o museu ter sido criado em homenagem a João Bertotto, pai de Nivaldo Bertotto, ambos pioneiros. O museu foi criado pela Lei nº 978/2011 de 2011, denominado Museu Municipal-João Bertotto que é anexo à Biblioteca Municipal.

Imagem 23. Contação de histórias 01.



Fonte: Arquivo da pesquisa, 2017.

A contação de memórias foi dividida em duas partes. Na primeira, o Senhor Nivaldo contou sobre as relíquias históricas garimpadas por ele no Salto Utiariti em terras indígenas. Alguns dos artefatos pertenceram à Comissão Construtora de Linhas Telegráficas comandada pelo Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon. E outras relíquias são presentes ou trocas feitas por ele com os índios da região. Dos artefatos indígenas, três são muitos

importantes: dois machados de pedra, sendo um da tribo Paresi e o outro da tribo Enawenê-Nawêe e, ainda, uma espada de madeira presenteada por Marechal Rondon ao índio Kazueiro. Os dois machados de pedra são presentes de honra à amizade construída por ele com alguns membros da tribo.

Imagem 24. Contação de histórias 02.



Fonte: Arquivo da pesquisa, 2017.

Já, a espada do índio Kazueiro foi adquirida por escambo com um botijão de gás. Na segunda parte da contação, o pioneiro pediu para que os alunos lessem um relato sobre a fundação do município de Sapezal que conta a história de Sapezal que está ligada à história da Arquidiocese de Diamantino com a missão jesuíta no Utiariti de 1935 a 1985, os alunos também fizeram a leitura de um trecho da história da Freira/Irmã Maria Tarcilia da Silveira que está sepultada nas proximidades do Salto do Utiariti.

Imagem 25: Leitura das memórias do Senhor Nivaldo Bertotto



Fonte: Arquivo da pesquisa, 2017.

E por fim, um relato escrito pelo Senhor Nivaldo sobre as memórias dele referente à colonização de Sapezal foi lido e no correr da leitura foram feitas considerações. O evento foi registrado pelos alunos em vídeo, áudio e fotografias. E segue um trecho, transcrito da carta escrita pelo Senhor Nivaldo Bertotto que foi lida para os alunos. (...) *Quando vim em outubro de 1977, falava, vi a beleza das árvores, apesar de tortas todas floridas IPE BRANCO, ROXO, AMARELO, JABOTICABA, são os caules brancos de flores, Santa Bárbara, todas amareladas e os lírios do campo todos em flor, Caju do cerrado e hoje não existe mais devido a devastação. Se Pedro Álvares de Cabral tivesse chegado por Mato Grosso, com certeza ele gritaria com mais força: TERRA À VISTA.*

Módulo IV- De onde eu vim!

O objetivo dessa aula foi proporcionar que os alunos conhecessem a multiculturalidade presente na cidade de Sapezal. E para isto, no primeiro momento, os discentes saíram a campo para pesquisar, indo de sala em sala coletando os dados sobre as origens dos alunos.

imagem 26: Coleta de dados.

6º Sala 5 Karen & Deborah

Sapezal = 9	(MT)
Zé Paraná = 2	(RO)
Campo Verde = 1	(MT)
Flageol = 2	(MAGÉIO)
Altaflorista = 1	(MT)
Linope = 1	(MT)
Alfredo = 1	MT
Oparanhão = 2	(Mangabão)
São Gabriel de Oeste = 1	(MS)
Luialta = 1	(MT)
Paraná = 1	
Leilhema = 1	(RO)
Poti e Jacuá = 1	(MT)
Rondonópolis = 1	(MT)
Opacius = 1	(Lagoas)
Armad de São Francisco = 1	(Goiás)
Aracipite = 1	(Bacif)
Sapo = 1	(SP)

Fonte: Arquivo da pesquisa, 2017.

Fica registrado que alguns professores ficaram irritadiços com a entrada dos alunos em sala para coleta de dados. Um dos alunos relatou que um professor fechou bruscamente a porta, não permitindo a entrada dele na sala.

Após a pesquisa, os alunos leram dois textos que contam a história de Sapezal e em seguida foram ao laboratório de informática para pesquisar sobre o estado de origem de cada um. Nesta pesquisa deveria constar: crenças, costumes, culinária, tradições, festas e história. Esse trabalho serviu para mostrar aos alunos quais estados compõem a cultura de Sapezal e tirem de si os preconceitos compreendendo que a diversidade deve ser respeitada.

Imagem 27: Pesquisa cultural.

tendo 12 anos nasci em 06/11/2004 em Quero
 ser jogadora de vôlei sou baixinha nasci em
 Pontes e Jacarda minha cor favorita é
 amarelo azul meu cantor favorito é o profeta

 História de Pontes e Jacarda

 A região onde hoje situa-se o município de
 Pontes e Jacarda era inicialmente habitada
 por índios representados pelas *Nandubras*. Foram
 praticamente dizimados pelas sucessivas incursões
 dos *bandeirantes paulistas* na região (séculos
 XVII) e pelo ciclo do *garimpo* (séculos XVII e XIX)
 que acompanhou a exploração *quadrada de Vila*
Bela da Santíssima Trindade. Já no século XX,
 associaram com a exploração da madeira, dos
 seringueiros e a disputa de *terras* com
 fazendeiros e *quibras*.

Fonte: Arquivo da pesquisa, 2017.

O texto acima é uma das pesquisas que foram feitas e passadas para o caderno do aluno. Percebem-se as marcas de *Wikipédia* no texto marcado em vermelho os *hiperlinks*.

Depois de terminada a pesquisa, os alunos foram trabalhar com a ferramenta *Microsoft Word*, então começaram os problemas, pois muitos alunos não conheciam o programa. Foi dificultoso atender os 34 alunos que estavam com dúvida.

Imagem 28: Tabela das origens 01.

Tabela das regiões de origem dos alunos da escola

Eneli Firmo Bandeira Scapinello.

Origem: Estado	Quantidade de Alunos
Mato Grosso	34
Rondônia	19
Mato-Grosso-do-Sul	01
Alagoas	15
Maranhão	02
Piauí	02
São Paulo	01
Sergipe	01
Paraná	05
Minas Gerais	01
Santa Catarina	01
Rio de Janeiro	01
Cidade de Sapezal	32
Total de Alunos:	115

Fonte: Arquivo da pesquisa, 2017.

A próxima tarefa foi transformar os dados da tabela do *Word* em gráfico no programa *Excel*. Foi muito trabalhoso, teve-se que ir de aluno a aluno ensinando como lidar com o programa, mas os resultados foram satisfatórios. Alguns adolescentes haviam cursado informática, porém não lembravam mais como usar a ferramenta. É importante informar que estudo dos gêneros tabelas e gráficos estão inseridos, neste semestre, nos conteúdos programáticos do 7º Ano E, no entanto, um dos objetivos da intervenção é aliar o estudo de gêneros com letramento digital, o que coincidiu, pois, recentemente, na escola foi inaugurada a sala com recursos de multimeios.

Imagem 29. Gráfico de origens.



Fonte: Arquivo da pesquisa, 2017.

No gráfico elaborado pelos alunos é possível perceber que há três estados em evidência na composição da social dos moradores de Sapezal que são o próprio Mato Grosso, seguido por Rondônia e Alagoas. São esses estados que mais fornecem mãos obra para o município.

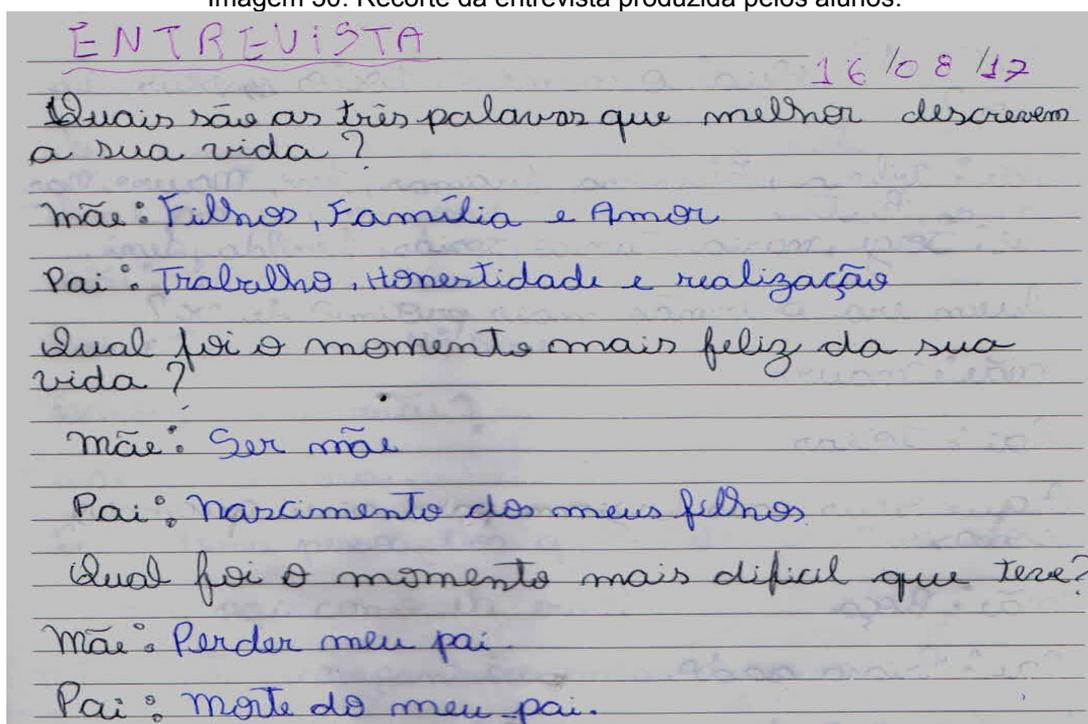
Módulo V- As memórias deles!

Nessa aula, foi retomado o conceito de entrevista discutindo e escrevendo no caderno um pouco mais de conteúdo sobre a estrutura desse gênero. Chegou o momento de entrevistar para colher as memórias que serão transformadas em vídeo pelos alunos. Para lembrar a composição do gênero, os alunos leram um texto em que Clarice Lispector é entrevistada pela TV Cultura em 1978.

Em seguida, foi trabalhada a estrutura da entrevista como escolha do tema, elaboração do roteiro, título e revisão, mas devido à falta de tempo hábil na elaboração das perguntas, foram retiradas do site <https://familia.com.br/9168/68-perguntas-para-entrevistar-seus-pais-e-criar-sua-historia-de-familia> sessenta e oito perguntas prontas para criar uma história de família. Os alunos copiaram no caderno e levaram de tarefa para fazer com os pais. Citamos, apenas, as primeiras perguntas, as demais estarão em anexo. Todas as perguntas são endereçadas aos pais dos alunos.

- 1- Quais são as três palavras que melhor descrevem sua vida?
2. Qual foi o momento mais feliz que teve?
3. Qual foi o momento mais difícil de sua vida?
4. Qual a pessoa que mais lhe influenciou?

Imagem 30: Recorte da entrevista produzida pelos alunos.



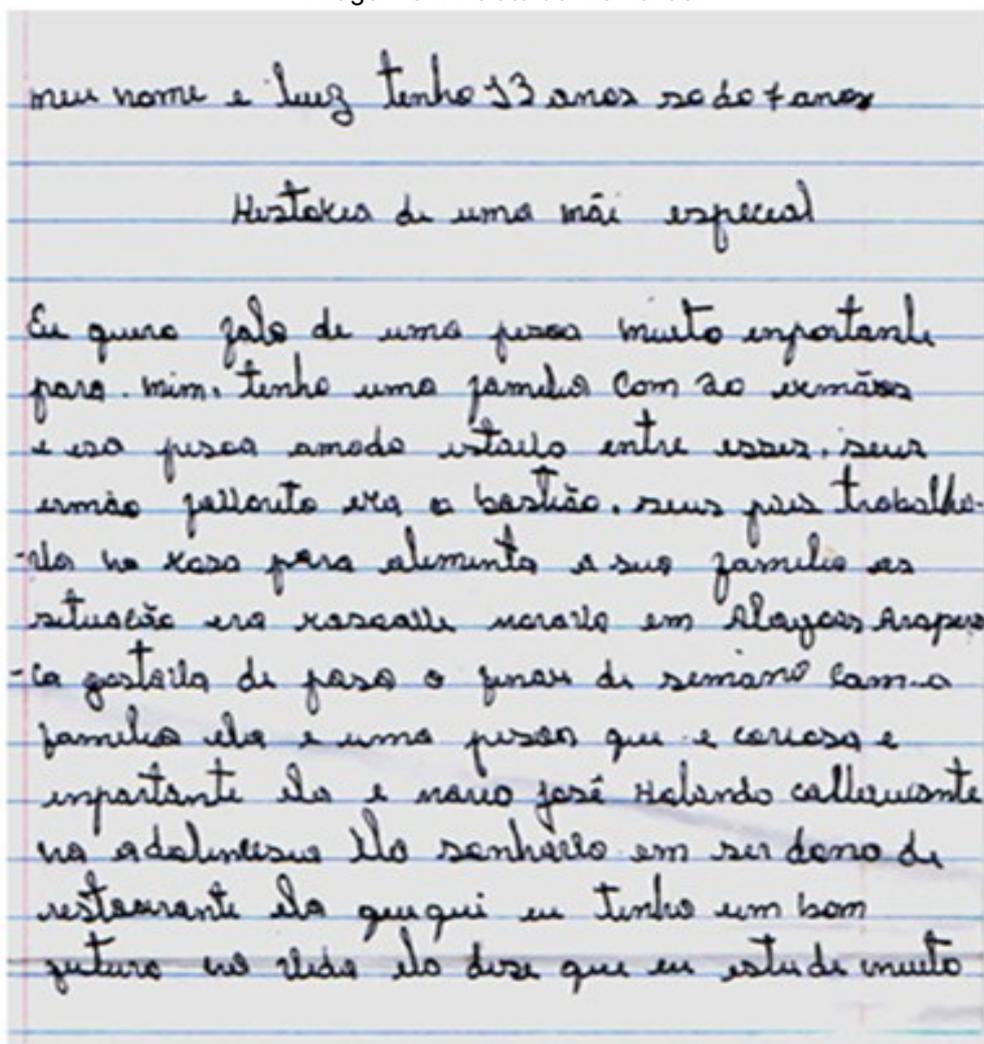
Fonte: Arquivo da pesquisa, 2017.

No excerto de entrevista recortado, percebe-se um tipo de entrevista do formato pingue-pongue, em que as respostas são curtas e rápidas. No entanto, não há como saber o motivo da escolha desse tipo de estrutura textual.

Alguns pais reclamaram que a entrevista ficou longa demais, entretanto muitos alunos disseram que gostaram muito porque puderam conhecer um

pouco mais da história de vida da família. Após o término da entrevista, os alunos escreverem sobre as memórias familiares para ter subsídios no momento da gravação do vídeo que será apresentado aos pais ou responsáveis. Nesse módulo, houve um momento para relembrar o tempo com fotografias de família a critério e escolha do aluno. Muitos apresentaram em sala fotos de infância e dos pais.

Imagem 31: Relato de memórias.



meu nome e Luiz tenho 13 anos e do 4 ano

História de uma mãe especial

Eu quero falar de uma pessoa muito importante para mim, tenho uma família com 20 irmãos e essa pessoa amada está entre essas, meu irmão pequeno era o Bastião, meu pai trabalhava no caso para alimentar a sua família a situação era bastante difícil em Alagoas, apesar da gente de fazer o papel de sustentar a família ele é uma pessoa que é caridosa e importante ele é meu José Helando Caldeira na adolescência ele trabalhava em seu dono de restaurante ele quer que eu tenha um bom futuro no vida ele diz que eu estudo muito

Fonte: Arquivo da pesquisa, 2017.

O sujeito-aluno se posiciona como filho ao apresentar a história de vida da mãe alagoana, filha de uma família numerosa com vinte irmãos, mas que dentre tantos, havia um favorito, o Bastião. Narra também os sonhos de da mãe especial que sonha por ela e pelo filho, almejando um futuro melhor. O autor do texto deixa pistas de que a família tinha condições de sobrevivência quebrando o estereótipo de que no estado de Alagoas só existem pessoas

desprovidas de recursos financeiros. No entanto, vale ressaltar que o autor do texto apresenta muitos problemas de letramento revelado por muitos equívocos de escrita.

Na gravação dos vídeos-memórias, houve muitos problemas e emoções também. Não havia local adequado na escola para produzir as gravações. De modo que foi solicitado à coordenação que liberasse a sala dos professores para a improvisação um estúdio. E assim foi feito.

Uma das alunas ficou responsável pela gravação e os alunos foram gravando em sequência. Porém, alguns discentes se sentiram tímidos para gravar, outros emocionados demais com a fala do colega que estava gravando e, por isso, alguns desistiram de gravar. Houve muito choro de emoção com as histórias de vida dos alunos e professora.

Imagem 32: Alunos gravando vídeos-memórias.



Fonte: Arquivo da pesquisa, 2017.

A intenção primeira dessa atividade era de que os alunos gravassem os textos que eles haviam elaborado contando as memórias familiares, mas a emoção tomou conta e os alunos fizeram homenagens, principalmente, às mães. Não foram orientados num sentido diferente, pois era um momento íntimo deles.

Imagem 33: Recortes de vídeos-memórias

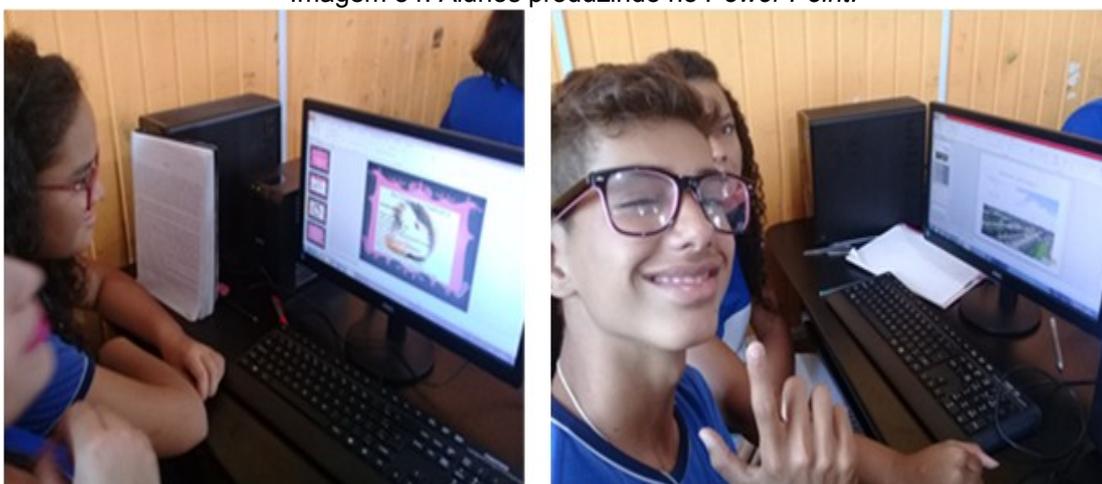


Fonte: Arquivo da pesquisa, 2017.

Alguns alunos ficaram muito nervosos e tiveram que gravar várias vezes e ainda houve aluno que não quis fazer a atividade e não foi insistido para que fizesse. Todos os vídeos estão disponíveis na página web <http://memoriando.com.br>.

Além disso, neste módulo, foi trabalhado o letramento digital com a utilização do *Power Point* pelos alunos. A tarefa consistiu em elaborar uma apresentação do que havia sido estudado no projeto pedagógico até aquele momento.

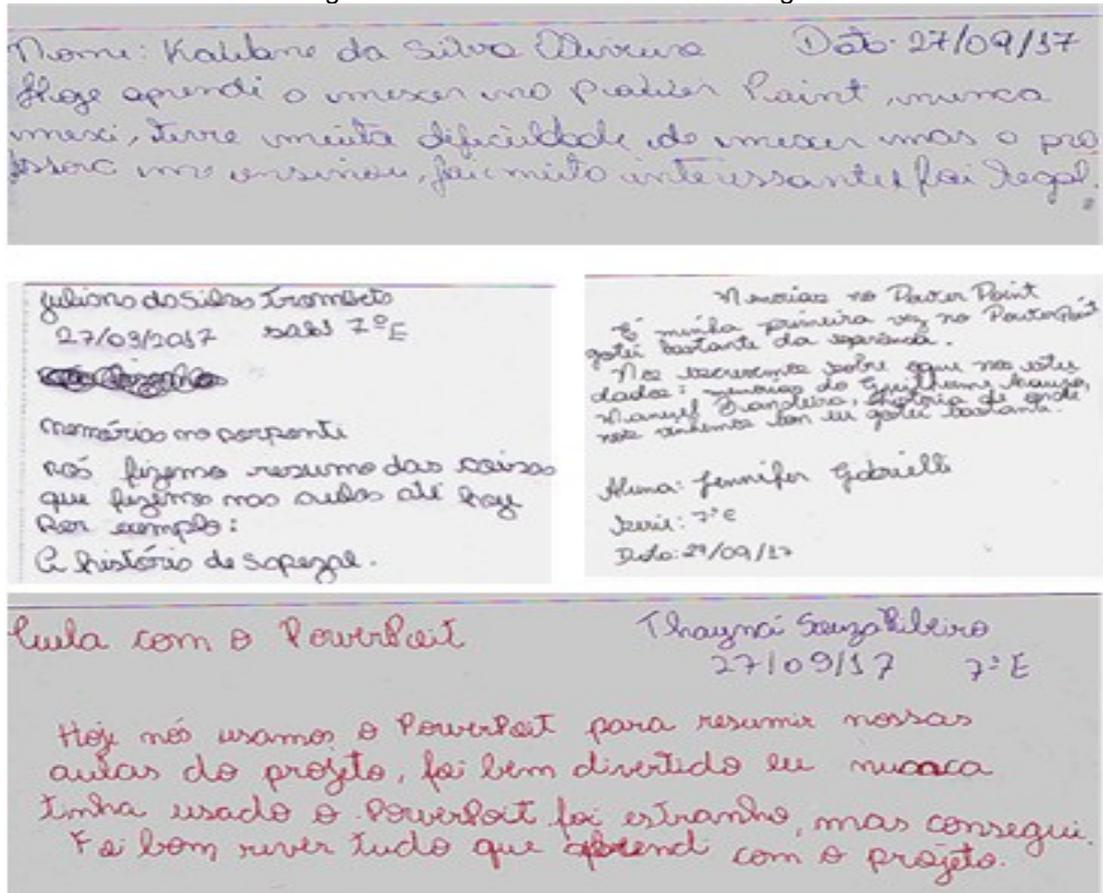
Imagem 34. Alunos produzindo no *Power Point*.



Fonte: Arquivo da pesquisa, 2017.

Novamente, muitas dificuldades enfrentadas pelos alunos que desconheciam o programa e precisaram de muita ajuda para realizar a tarefa. Foi uma aula que a turma elogiou bastante.

Imagem 35: Relatos sobre o letramento digital.



Fonte: Arquivo da pesquisa, 2017.

Todos os alunos conseguiram desenvolver a tarefa de criar um documento em *Power Point* contando sobre o processo de aprendizado no decorrer do projeto.

Módulo VI- Memórias com Anne Frank, Zélia Gattai e Daniel Munduruku.

Começamos o módulo com a leitura dos textos *O diário de Anne Frank*; "*Parecida, mas diferente*" de Zélia Gattai; "Tempo de infância" e "A raiva de ser índio" de Daniel Munduruku. Nesse momento, vários alunos se propuseram a ler.

Imagem 36: Leitura de textos.



Fonte: Arquivo da pesquisa, 2017.

Após a leitura, usou-se a lousa para pontuar os trechos mais importantes dos textos lidos. Dos aspectos linguísticos foram trabalhados as formas verbais do pretérito perfeito e imperfeito e seus usos. Foram feitas, também, considerações sobre o contexto histórico-social da produção das memórias presentes nas narrativas que foram estudadas pelos alunos.

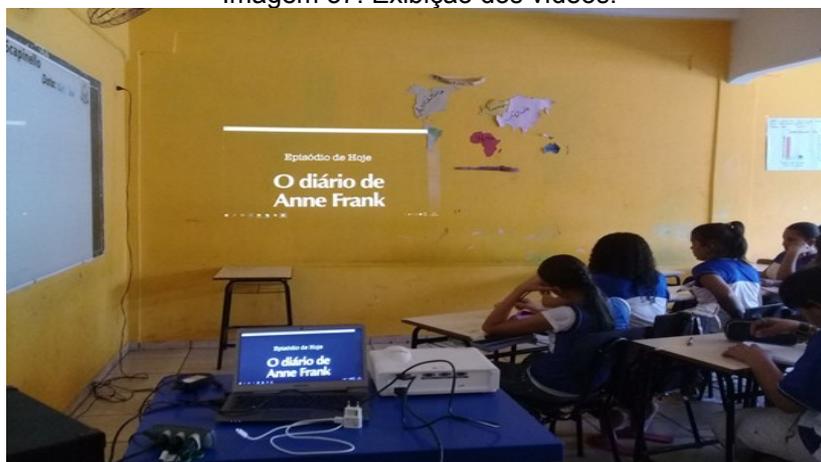
Nas leituras destacou-se que as memórias das pessoas podem ser transformadas em textos literários. Ademais, frisou-se que não era intenção de Anne Frank que seu diário se transformasse em livro literário, mas que pela situação histórica em que ela escreveu, o diário ganhou uma dimensão literária.

Nesta aula, estudou-se a estrutura do gênero diário e relato de memórias. Depois os alunos copiaram da lousa as questões referentes aos textos e responderam, conjuntamente, apreendendo elementos importantes presentes nos textos.

Os alunos ficaram impactados com os textos da Anne Frank e de Daniel Munduruku e sugeriram que fossem elaboradas mais aulas sobre a história de vida dos autores. Nessa aula, os discentes conseguiram perceber os temas da escravidão, da guerra e intolerância nos relatos lidos. Pelo interesse demonstrado pelos alunos, esse módulo foi expandido em mais duas aulas com a apresentação de dois vídeos sobre vida de Anne Frank e Daniel Munduruku.

Os alunos ficaram muitos atentos no momento da exibição dos vídeos e de vez em quando fazia expressões de sofrimento e dor pela vida, principalmente, de Anne Frank. Questionaram o motivo de ela estar vivendo aquela situação. Nesse momento, foi importante mostrar um pouco do que foi o Holocausto. Desse modo, foram três vídeos nesse dia de aula. Nesse dia, não se pode usar a sala de multimeios, porque estava ocupada pelos assessores da Educação que ignoraram o fato de a sala de informática estar reservada para o desenvolvimento do projeto, assim, os vídeos foram exibidos em sala utilizando o *Datashow*.

Imagem 37: Exibição dos vídeos.



Fonte: Arquivo da pesquisa, 2017.

É interessante registrar que o relato de Zélia Gattai foi praticamente esquecido pela turma e o que os marcou foi a história de Anne Frank. Após a exibição dos vídeos, foi sugerido aos alunos que escrevessem relatos sobre a experiência da aula.

Imagem 38: Recortes de relatos.⁵

Relatório sobre: O diário de Anne Frank

A história de Anne Frank é muito interessante, é incrível como uma adolescente conseguiu viver tanto tempo sem poder sair, com medo de ser levada para os campos de concentração e ser morta.

É incrível como ela conseguiu escrever o que estava passando em um diário.

O Holocausto foi realmente terrível, é incrível como eles conseguiram matar tantas pessoas inocentes apenas por serem judeus.

É uma pena que ela tenha sido morta, mas acho muito bom que seu pai que sobreviveu tenha juntado as histórias dela e entregado todas para ser publicadas em livro.

Li o diário de Anne Frank parece muito interessante, realmente gostaria de conhecê-lo.

Foi muito surpreendente ver a documentação, pois não sabia que tinha sido tão cruel.

1- Relate sobre a sua experiência com as aulas sobre Anne Frank e Daniel Mundurucu?

Bom, eu acho que a vida da Anne Frank não foi nada fácil, pois ela ficou 2 anos escondida para fazer um jejum que durava, ela ficava morando de medo todos os dias de ser encontrada e ser executada e a família dela.

Daniel Mundurucu a vida dele também não foi nada fácil, pois ele sofreu de racismo por ser índio, ele não nasceu na aldeia ele nasceu na cidade, mas quando ele ficou adulto ele voltou para a aldeia pois lá era onde ele amava viver, lá ninguém o criticava.

⁵ Annelies Marie Frank (12 de junho de 1929 – fevereiro de 1945) foi uma adolescente alemã de origem judaica, vítima do Holocausto. Ela se tornou uma das figuras mais discutíveis do século XX após a publicação do Diário de Anne Frank (1947), que tem sido a base para várias peças de teatro e filmes ao longo dos anos.

Daniel Mundurucu (Belém, 28 de fevereiro de 1964) é escritor e professor brasileiro. Pertence à etnia indígena mundurucu. É graduado em filosofia, história e psicologia. Tem mestrado em antropologia social pela Universidade de São Paulo. É doutor em educação pela Universidade de São Paulo. É Diretor-Presidente do Instituto Uk'a - Casa dos Saberes Ancestrais. Como escritor, se destaca na área da literatura infantil. É membro da Academia de Letras de Lorena. Recebeu a Comenda do mérito cultural por duas vezes. Já recebeu vários prêmios no Brasil e no exterior: Jabuti, da Academia Brasileira de Letras, Érico Vanucci Mendes (CNPq), Tolerância (UNESCO).

Ainda nesta aula, os alunos deveriam relatar uma experiência marcante para a família deles, porém nem todos aderiram à proposta de produção textual. Segue abaixo alguns recortes dos relatos escritos pelos alunos.

Imagem 39: Relatos de experiências marcantes.

2- É sobre uma experiência marcante de sua vida ou de sua família e relate.
Foi quando o meu vó, papai faleceu, que por ser de eu não ser muito próxima dele pois ele morava em outra cidade foi difícil aceitar que eu nunca mais ia poder vê-lo. Todos os meus parentes ficaram em choque. Foi o dia mais triste da minha vida e provavelmente de todos os meus parentes também.

29 Escreva uma experiência marcante de sua vida ou de sua família e relate.
No dia 19.07.2017 cheguei na cidade Espedal com as minhas famílias aqui só um amigo de minha mãe e também vivemos com mais duas famílias que moram perto de mim foi muito triste ter que deixar minha família para trás principalmente meus dois irmãos mais velhos e meu pai. Não sei como é com minha mãe, meu padrasto e meu irmão mais novo. Quando cheguei na escola só com uma colega foi muito ruim e mais depois que me acostumando com o lugar na terceira noite é fácil mais depois se acostuma com aquele.
Chorei muito, chorei muito até hoje chorei porque meus dois irmãos não sabem mais tudo na vida passa só na vida a morte. Hoje tenho muitos amigos e agradeço a Deus por ter colocado eles no meu caminho, minha família que amamos amigos como eles.

Módulo VII- É bem Mato Grosso.

O intuito deste módulo foi de apresentar à cultura do Mato Grosso aos alunos do projeto, pois a memória de um povo é preservada através de suas manifestações culturais. Por isso, contactou-se o professor de Cultura Mato-

grossense, Edson Garcia da Silva, solicitando a participação da turma em uma de suas aulas sobre expressões culturais de Mato Grosso no que foi, prontamente, atendida.

No dia da aula, a turma se dirigiu até o centro cultural onde as atividades de cultura são desenvolvidas. A Secretaria de Educação cedeu o ônibus para levar os alunos. No local, o professor Edson apresentou aos alunos o projeto artístico desenvolvido por ele e seus alunos. Em seguida discorreu sobre os instrumentos de música usados para dançar Siriri, Cururu e Rasqueado, em seguida pediu aos seus alunos que mostrasse os principais passos de dança de Siriri, Cururu e o Rasqueado Cuiabano para a turma do 7º Ano E. Na sequência, o professor sugeriu que a turma aprendesse alguns passos de dança como os alunos dele.

Imagem 40: Dançando Siriri.



Fonte: Arquivo da pesquisa, 2017.

Após a interação, o professor Edson convidou os alunos para participar do projeto dele que é aberto à comunidade, muitos demonstraram interesse em participar.

Imagem 41: Foto com o grupo É bem Mato Grosso.



Fonte: Arquivo da pesquisa, 2017.

Para finalização desta atividade foi pedido relato de experiência sobre a aula. Segue abaixo dois textos sobre o assunto.

Imagem 42: Relato de experiência.

Relato sobre o grupo de dança É Bem Mato Grosso

Foi divertido e interessante ver o É Bem Mato Grosso dançando, e conhecer uma dança típica de Mato Grosso foi uma experiência muito boa.

Eu não quis dançar, mas foi legal ver os outros dançando.

Nome: Thayná Souza Bilkina

É Bem Mato Grosso

O grupo de dança É Bem Mato Grosso é muito legal, divertido, todos interagem, os instrumentos e a roupa são bem legais além de todos que participam do grupo são bem legais a dança parece ser fácil mas não é, é bem difícil, a história é bem legal e mere no Mato Grosso há muito tempo e nunca vi um grupo tão animado como o que conheci hoje.

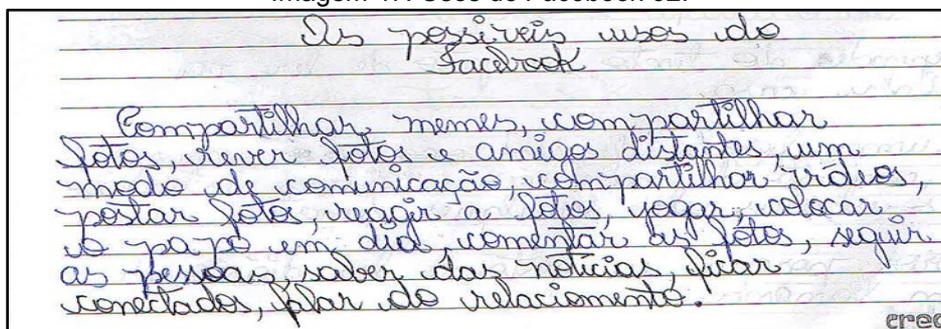
Aluna: Ana Luiza Série: 7º ano E

Fonte: Arquivo da pesquisa, 2017.

A partir da leitura dos textos acima é possível comprovar que os resultados foram os esperados, os alunos conseguiram aprender e interagir com a aula proposta. Destaca-se que, apesar da participação e euforia dos

O recorte acima traz o enunciado do aluno que tem a permissão navegar pelas redes sociais, no entanto, ele foi capaz de elencar as situações de uso da rede social Facebook.

Imagem 47: Usos do Facebook 02.



Fonte: Arquivo da pesquisa, 2017.

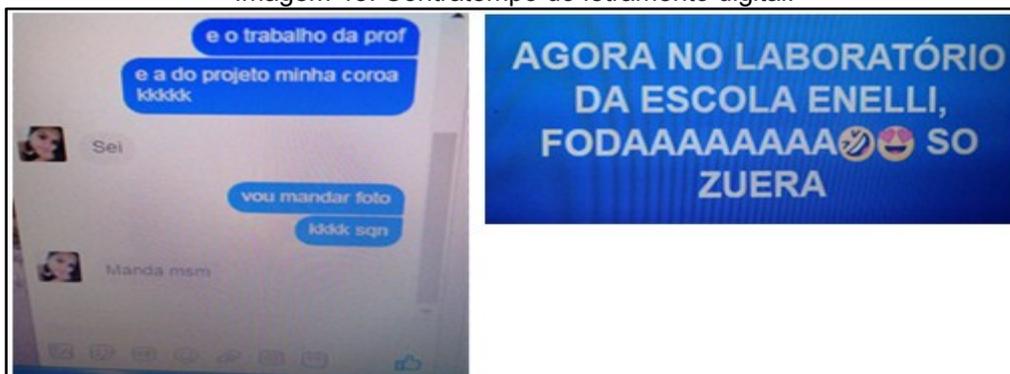
Pelas respostas dos alunos, percebemos que eles têm clareza quanto aos usos específicos que fazem da rede que está relacionado com a vivência dos adolescentes como postar fotos e comentar fotos.

Ainda nesta aula alguns alunos quiseram construir o perfil no *Facebook* e puderam contar com a ajuda dos colegas para realização dessa tarefa.

Alguns percalços no uso do *Facebook* na escola.

A partir do uso do *Facebook* na escola aconteceram algumas situações inusitadas registradas, aqui, por meio de *print* das postagens dos alunos. No primeiro *print*, a mãe de uma das alunas suspeitou se a aula era mesmo do projeto e verificando a conversa *online* de mãe e filha, percebe-se que a aluna precisa relembrar a progenitora do projeto.

Imagem 48: Contratempo do letramento digital.



Fonte: Arquivo da pesquisa, 2017.

Já o segundo *print*, foi tirado por alguém da escola é uma postagem feita pelos alunos do projeto no *Facebook*. E tanto os alunos quanto a professora do projeto foram orientados pela direção e coordenação sobre os problemas que a postagem poderia causar, caracterizando, assim, o ato da censura que (ORLANDI, 1997, p.77) considera como a política do silêncio que consiste em fazer calar o outro por meio da censura, ou seja, o sujeito sofre o interdito imposto pelo poder local.

Entretanto, fazendo a leitura do que significa aula *fodaaaaaa* e *zuera* no contexto de fala do aluno, percebe-se que eles quiseram dizer que a aula foi ótima. Só que na leitura dos pais dos alunos a interpretação poderia ser muito diferente e a escola ainda teria que responder por isso.

Vê-se que no discurso da aluna os sentidos perpassam o sujeito e que cada sujeito faz a leitura de acordo com sua posição e a postagem em questão dá espaço a outros planos de interpretação. O ato da censura imposto pela escola reverbera ecos de outros discursos que quase ocorre quando o professor ousa propor algo novo que desestabiliza a “ordem” do cotidiano escolar.

Uma pausa para avaliação.

A avaliação de aprendizagem dos conteúdos foi uma exigência da escola que determinou que fosse atribuída uma nota contando como avaliação mensal de Língua Portuguesa para todos os alunos que participaram do projeto. Para isso, foi elaborada uma verificação de aprendizagem com vinte e cinco questões abordando todo o conteúdo trabalhado no projeto. Para exemplificação as questões quatro e oito.

Imagem 49: Recorte da verificação da aprendizagem.

4- De que forma nossas aulas contribuíram para que pensasse sobre o papel da memória na sua vida?

Isso me fez pensar no meu passado e no meu futuro, me ajudou a refletir no meu modo de viver com mais intensidade, e dar valor no meu verdadeiro ser, minha família; e grande vontade de me fazer voltar ao passado e revisar tudo de novo só que com intensidade.

8- As aulas no laboratório de informática contribuíram para seu ensino- aprendizagem? Escreva sobre isso.

Sim, por causa de todo conteúdo aplicado e tudo que foi ensinado pois tinha uma pessoa que nunca tinha visto falar e me surpreende e foi como um sonho como eles se interagem.

Fonte: Arquivo da pesquisa, 2017.

Na primeira resposta, o aluno evidencia a importância de refletir sobre o passado através das memórias, crendo que esse revisitar o ajudou a perceber a vida com mais intensidade e a recuperar a sua essência.

Já na segunda resposta, o aluno demonstra surpresa ao saber que alguns alunos nunca tinham tido contato com alguns programas de computadores e se maravilhou com a interação dos colegas nas aulas desenvolvidas no laboratório de informática.

Módulo IX- A memória do outro.

O propósito desta aula foi de conhecer as comunidades indígenas presentes no município de Sapezal-MT para através de intercâmbio aprender a respeitar a diversidade cultural. E, também, ouvir as memórias contadas pelos povos ancestrais do município no intuito de evitar que qualquer forma de preconceito seja cometida contra as nações indígenas presentes na escola. Nesse contexto, o município de Sapezal atende as etnias Nambikwara e Paresí. Das aldeias, os alunos indígenas saem muito cedo para a cidade para frequentarem as escolas da rede municipal e estadual dando prosseguimento aos estudos.

O traslado da turma até a aldeia foi feito no ônibus cedido pela prefeitura em companhia da professora de História que desenvolve um projeto com os alunos e comunidade indígena. Entretanto, o objetivo dos alunos do projeto do mestrado foi de ouvir e conhecer as memórias do povo Nambikwara.

Ao chegar à aldeia Três Jacu, os alunos foram recebidos na Escola Indígena Wakalitesu pelos professores indígenas e pelo pajé.

Imagem 50: A dança da festa da Menina Moça.



Fonte: Arquivo da pesquisa, 2017.

As crianças indígenas estavam todas vestidas com a indumentária de festa. E na sequência os professores indígenas apresentaram aos alunos do projeto o artesanato Nambikwara e sua importância para permanência da cultura deles.

Depois da explanação sobre as culturas indígenas que formam o tecido social do município de Sapezal, cidade composta por uma multiculturalidade atípica, porque além das comunidades indígenas recebe pessoas de todos os matizes nacionais.

Imagem 51: Momento de interação.



Fonte: Arquivo da pesquisa, 2017.

Continuou-se a aula com a professora indígena que leu uma história do povo dela e em seguida o pajé discorreu sobre a relevância da cultura deles para os mais jovens da tribo. Frisou que os jovens não podem deixar a cultura Nambikwara morrer.

Imagem 52: O pajé Valdemar Nambikwara.



Fonte: Arquivo da pesquisa, 2017.

Em seguida, o professor Natanael e seus alunos cantaram e dançaram o ritual da Menina-Moça para os alunos assistirem. E a aula terminou com um lanche fraterno. Para finalização desta atividade foi proposto que os alunos escrevessem relato de memórias sobre a experiência de visitar a nação Nambikwara.

Imagem 53: Relatos da experiência com os Nambikwara.

Data: 27.09.17.

Os Índios

Eu confusi os índios, eles usavam umas roupas estranhas que eram de índio. não viemos as apresentações deles mas conhecemos o país. nos ensinaram o filho dele e o histórico. já os índios me falaram que eles com os índios. o professor Tava para falar no trabalho. já os dois professor foi o irmão e o irmão. nos brincamos com os índios. o prato engraçada foi que no jogo de jogar os índios foram com o salgadinho de cima. não caiu no chão e as crianças e comeram. os outros índios não usaram por que eles para o jogo que teve mas para cima, não lembramos durava um hora e trinta minutos para chegar e para voltar. nos chamamos um caso conhecido mas foi legal e foi isso.

FIM!

Fonte: Arquivo da pesquisa, 2017.

No relato acima fica evidente o choque cultural nas expressões: *roupas estranhas que eram de índio*, então, há uma roupa própria para índios na concepção do aluno. A indumentária pode simbolizar a posição de um sujeito diferente do aluno que é (o outro) aquele que visita a aldeia. E as diferenças culturais continuam sendo marcada no discurso do aluno, quando relata uma parte engraçada no momento em que o salgadinho cai no chão e as crianças

pegam e comem sem sentir que isso seja nojento ou perigoso. Chama atenção a expressão engraçada para denominar o ato catar o comida do chão e comer, seria mesmo engraçado? Ou diferente por algo que não se deve fazer na cultura do aluno? Percebe-se, também, o uso da palavra fim em letras garrafais como se aluno estivesse tentando dizer que não pretende repetir a experiência.

Módulo X- Hipertexto na sala de aula.

A leitura hipertextual é uma realidade para os jovens, sobretudo àqueles que têm acesso à internet e possuem aparelhos de tecnologia digital. No contexto da escola pública, a exclusão digital, ainda é uma constante, nem todos os alunos participantes do projeto possuem *smartphones* ou computadores em casa. Desse modo, oportunizar a reflexão crítica sobre os usos dessas ferramentas é papel da escola, uma vez que, nesta instituição há a possibilidade de acesso a rede de Internet.

Porém, um laboratório com vinte cinco computadores não tem como atender a demanda de mais de mil e vinte cinco alunos. O acordo, com a direção era de que nas quartas-feiras e quintas-feiras, a sala de informática ficaria disponível para os alunos do projeto. Todavia, não foi possível manter a tratativa, pois os horários de usos do laboratório chocaram com de outros professores. Foi o que aconteceu no dia da aplicação do módulo.

A saída foi pedir ajuda à coordenadora da Universidade Aberta do Brasil (UAB), que cedeu um dos laboratórios da instituição. Esse arranjo só foi possível porque a universidade fica próxima à escola em o projeto é aplicado.

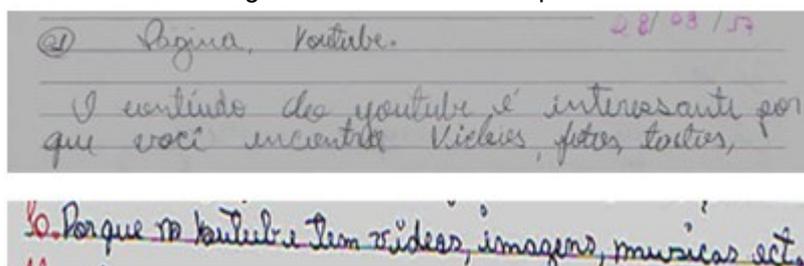
O laboratório da UAB é muito bom, com quarenta e cinco computadores funcionando e com Internet mais veloz que da escola. Os alunos ficaram felizes em poder usar um computador cada um. Aproveitou-se, também, a oportunidade para apresentar a universidade para eles, pois muitos desconheciam que há em Sapezal, a possibilidade de cursar o nível superior em uma instituição pública de ensino.

A ideia da aula foi refletir com os alunos a diferença de leitura entre texto impresso e virtual. E se em algum momento, eles haviam pensado sobre essas diferenças. Pensando nisso, elaborou-se um pequeno questionário com quinze

perguntas referente à leitura do texto digital questionando-os sobre os conceitos de hipertexto, hiperleitor, *link*, *hiperlink* e as principais diferenças entre o texto digital e o impresso.

No primeiro momento, foi sugerido aos alunos que escolhessem uma página *web* da preferência deles e observassem a composição da página. Registra-se que as páginas abertas de interesse dos alunos foram o *Youtube* e *Facebook*. Depois, conjuntamente com a professora, foram respondendo ao questionário proposto refletindo sobre as principais mudanças no processo de leitura entre o texto impresso e o digital. E para finalizar a aula foi proposto um pequeno relato sobre a aprendizagem do conteúdo ensinado.

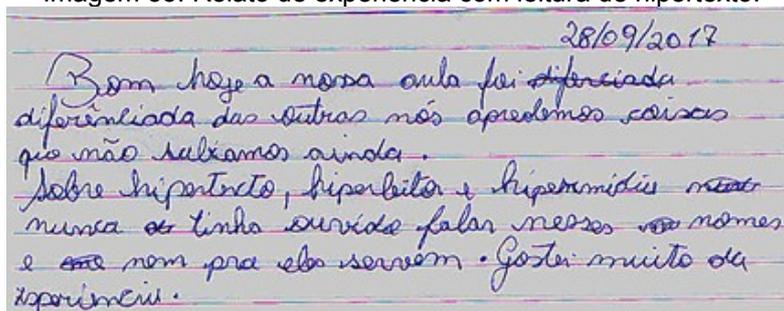
Imagem 54: Recortes de respostas.



Fonte: Arquivo da pesquisa, 2017.

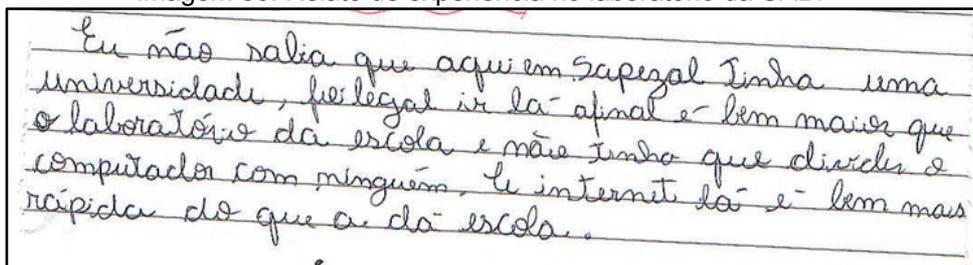
Refletindo sobre as respostas, percebeu-se que os alunos se interessam mais pelo texto digital, especialmente, por ele ser multimodal e para a geração digital é muito mais atrativo, pois nessa plataforma de leitura é possível convergir diversos gêneros textuais dando à leitura dinamicidade, velocidade e a oportunidade de escolher a sequência de leitura. Todavia, os jovens internautas não conseguem refletir sobre essas novas formas de leitura sem a mediação do professor, assim como fica demonstrado no pequeno relato abaixo.

Imagem 55: Relato de experiência com leitura de hipertexto.



Fonte: Arquivo da pesquisa, 2017.

Imagem 56: Relato de experiência no laboratório da UAB.



Eu não sabia que aqui em Sapezal tinha uma universidade, foi legal ir lá - afinal é bem maior que o laboratório da escola e não tinha que dividir o computador com ninguém, e internet lá é bem mais rápida do que a da escola.

Fonte: Arquivo da pesquisa, 2017.

No relato acima, nota-se a descoberta do espaço universitário pelo aluno que ao descrever o ambiente é capaz de tecer uma crítica comparando as duas instituições no que se refere às ferramentas e acesso à internet.

Módulo XI- <http://memoriando.com.br>.

Este módulo foi o mais complicado de realizar, pois era imperativo que o laboratório de informática estivesse em pleno funcionamento, o que não aconteceu. Com o objetivo de oportunizar ao aluno um momento de autoria aliada ao letramento digital foi proposto que as atividades de escrita de relatos de memórias fossem desenvolvidas na página *web* <http://memoriando.com.br>. Este era para ser um momento de surpresa para os alunos que veriam em primeira mão um *site* construído, especialmente, para que todo trabalho desenvolvido por eles durante o projeto estivesse a um *click*.

Imagem 57: Na sala dos professores.



Fonte: Arquivo da pesquisa, 2017.

Porém, surgiram muitos problemas e que obrigou a remarcação da aula por três vezes. Na primeira vez, à sala do laboratório de informática estava sem acesso à internet, a coordenação agiu prontamente para dar solução ao problema, no entanto o técnico de informática da prefeitura estava em outro evento e não pode ir à escola viabilizar o acesso à internet. Foram duas horas no laboratório esperando pelo reparo que não aconteceu. Da segunda vez, o mesmo problema, o laboratório estava sem acesso à internet, desistimos do encontro. Na terceira, com a mesma situação de falta de acesso à internet, sem tempo hábil para remarcar novamente, foi solicitado à coordenação para liberar o único computador da sala dos professores, a coordenadora permitiu desde que fossem de cinco em cinco alunos para não tumultuar a sala e assim foi feito.

Com apenas um computador e muitos alunos não foi possível realizar o módulo conforme o planejado. Dessa forma, foi feita a opção de mostrar o *site* aos grupos de alunos e sugerido que cada grupo escrevesse um *post* em qualquer um dos módulos trabalhados. Ficou combinado com os alunos que em outro momento, como tarefa de casa, eles escreveriam os relatos que era a proposta da aula. Mesmo com todos esses percalços foi gratificante perceber as reações dos alunos ao ver que suas atividades estão postadas no *site* para acesso da escola e comunidade. Muitos ficaram orgulhosos e outros se sentiram envergonhados.

Imagem 58: *Print* de postagem dos alunos.



Fonte: Arquivo da pesquisa, 2017.

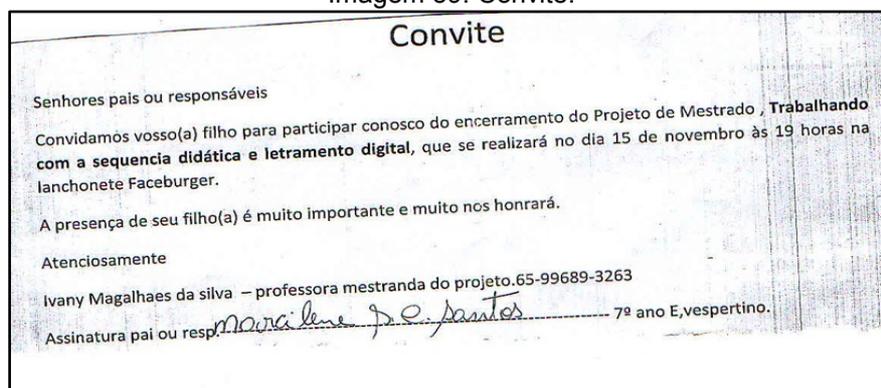
Em relação a esse módulo fica a sensação de impotência de não conseguirmos atingir os objetivos esperados.

Módulo XII- Memórias em noite de *Faceburger*.

E, com o sentimento de saudades, foi anunciado o último módulo do projeto que finda com uma comemoração apropriada. Uma noite de hambúrgueres na lanchonete *Faceburger*. A escolha do local pelos alunos foi apropriada até no nome fantasia do estabelecimento. Ficou combinado que (30) trinta convites sendo vinte cinco (25) alunos, pois já está findando o ano letivo e muitos alunos migraram de Sapezal para suas regiões de origem, mais (5) cinco adultos, incluindo professores, coordenação, direção da escola e secretária de educação. O evento ficou marcado para o dia 15 de novembro às 19 h.

No dia 14 de outubro, na escola, a coordenação elaborou um convite em que os pais deveriam assinar para que os alunos pudessem participar do evento. Segue abaixo um modelo de convite devidamente assinado.

Imagem 59: Convite.

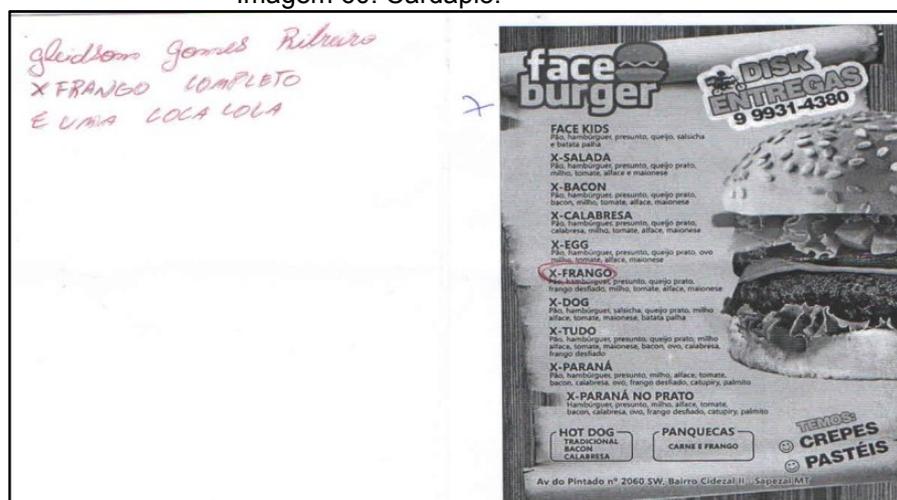


Fonte: Arquivo da pesquisa, 2017.

Por sugestão do proprietário da lanchonete, ficou a critério dos alunos a escolha do lanche e refrigerante porque adolescente costumam ser exigente com alimentos e nem tudo que há da composição do lanche é do gosto deles. Por isso, foi elaborado um cardápio em os alunos podiam escolher o lanche

que quisesse completo ou não, e se, não, teria que dizer o que seria retirado da composição do lanche. Na sequência um exemplo de escolha.

Imagem 60: Cardápio.



Fonte: Arquivo da pesquisa, 2017.

Dos 25 alunos convidados apenas 15 foram ao evento e algumas mães me telefonaram para confirmar se realmente era verdade que a professora iria pagar lanches para os alunos. Alguns alunos também comentaram que muitos pais não deixaram os filhos irem por não acreditar que realmente era de graça o evento.

Além disso, foram convidados formalmente representantes da Escola Municipal Profa. Eneli Firmo Bandeira Scapinello e da Secretaria de Educação Municipal. São eles: secretária de Educação, professoras, coordenadoras.

Dos convidados da SEMECE compareceram uma professora e uma coordenadora. Convidados externos foram o patrocinador da comemoração e assessor de imprensa da Câmara Municipal que cobriu o evento.

Os proprietários da lanchonete prepararam toda decoração para receber os alunos e postaram as fotos do evento no *Facebook* da empresa. Deixaram, também, uma garçonete para atender somente aos alunos. E, ainda, foi disponibilizada a TV do local para que por meio de *slides*, o projeto fosse visualizado pela sociedade que ali se encontrava.

Os alunos que foram estavam todos muito bonitos e vestidos para festa. Quando chegaram ficaram encantados com a decoração e o atendimento. No final, foi feito um pequeno agradecimento aos envolvidos no projeto e logo em seguida, os alunos foram encaminhados para casa, encerrando o projeto.

O objetivo do fechamento das atividades foi de apresentar à comunidade o percurso do trabalho desenvolvido pelos alunos e dar encerramento das atividades. O material foi transformado em DVD que será doado para as famílias dos alunos envolvidos no projeto, bem como foi disponibilizado exemplares do DVD com orientações didáticas do projeto de memórias, caderno de atividades; relato de experiência do projeto para SEMECE, Escola Municipal Profa. Eneli Firmo Bandeira Scapinello, Biblioteca Pública e Museu João Bertotto. Além disso, é parte do projeto que se tenha um produto que fique disponível para a comunidade. Como produto do trabalho desenvolvido optamos pela página Web <http://memoriando.com.br> produzido pela empresa CSW SOLUÇÕES WEB, que cobrou mil e quinhentos reais para produzir a página e as despesas foram pagas pela pesquisadora, que consta no site <https://clickwebdesignertga.com.br>. Na sequência, registro de alguns momentos de finalização do projeto.

Imagem 61: Evento de finalização do projeto.



Fonte: Arquivo da pesquisa, 2017.

3 EFEITO DE FECHO

A realização dessa intervenção pedagógica atesta a importância de trabalhar Língua Portuguesa por meio da sequência didática na intenção de promover os multiletramentos e o letramento digital com os alunos, pois na consecução desse trabalho percebeu-se que as estratégias pedagógicas adotadas foram bem recebidas pela turma do 7º Ano D, da Escola Municipal Profa. Eneli Firmo Bandeira Scapinello, que correspondeu participando ativamente das sequências didáticas sugeridas.

Desse modo, faz-se necessário destacar que o trabalho com a sequência didática permitiu que os alunos entendessem e apropriassem do gênero relato e suas diversificações com mais eficácia, pois o estudo sistematizado e sequencial contribuiu para o sucesso no ensino e aprendizagem, tornando-o mais atrativo para os discentes.

Os estudos desenvolvidos no Mestrado Profissional em Letras-ProfLetras-Sinop possibilitaram compreender que a academia é lugar para buscar novas teorias que sejam capazes transformar a prática docente em sala de aula. Nesse sentido, coadunou para que os alunos tivessem acesso às novas propostas de aprendizagem por intermédio das novas teorias sobre sequência didática, multiletramento, análise de discurso e letramento digital. Todas foram usadas na intervenção pedagógica com o intuito de proporcionar aos alunos à competência comunicativa para que através destes recursos, possam se constituir sujeito de seus discursos.

Além disso, foi dada também aos alunos a oportunidade para que narrassem suas memórias por meio do gênero relato favorecendo aos discentes a reflexão sobre o próprio processo histórico em que estão inseridos. E além da escrita de relato simples sobre memórias familiares, escreveram, ainda, relatando as experiências com a cultura indígena e Mato-Grossense. Ademais, aprenderam sobre a diversidade textual que compõem o gênero relatar estudando a composição de cartas, entrevistas, contos, diários, poemas, pesquisas e postagem nas mídias sociais.

Outro fator relevante para o desenvolvimento desse projeto foi a criação do primeiro laboratório de informática da escola, visto que sem esse aporte

tecnológico seria impossível a realização do trabalho, entretanto, a maior importância foi que os alunos puderam ter acesso ao letramento digital no ambiente escolar, por meio de atividades didáticas com o uso do *Word*, *Power Point*, *Google*, *Youtube*, *Wikipédia*, *Facebook*, produção de vídeo-memória e página *web*, talvez, seja esse o maior proveito dos discentes na aplicação desta intervenção pedagógica.

Na seara da Educação, as ligações afetivas e a troca de conhecimento entre professor e alunos edificam-se para além dos muros da escola, assim os frutos a serem colhidos ultrapassam gerações.

Nesse sentido, o ProfLetras-Sinop foi fundamental, pois deu a educação brasileira à possibilidade de unir prática e teoria, num processo de renovação e compartilhamento de saberes que está revolucionando o trabalho do professor de Ensino Fundamental e Médio com novas teorias para profissionais que estão a muito tempo em sala de aula sem acesso à formação continuada.

Desse modo, a escola é chão fértil para o novo que, neste momento, já se faz velho e, por isso, deve ter sempre as portas abertas para que outras possibilidades de renovação e implementação teórica se façam presentes.

Nesse viés, o Mestrado Profissional em Letras tem contribuído para a formação dos professores de Língua Portuguesa, pois promovendo a busca de novas metodologias e novas tecnologias somando com as escolas para mudar a realidade na base. Assim, de grão em grão, far-se-á a mudança do todo.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: primeiro e segundo ciclo do ensino fundamental: língua portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 2001.

DIAS, C.; COUTO, O. F. do. **As redes sociais na divulgação e formação do sujeito do conhecimento**: compartilhamento e produção através da circulação de ideias. Santa Catarina, 2011.

DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. et al. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

FRANK, Anne. **O diário de Anne Frank**. 51. ed. Rio de Janeiro: Record, 2015.

GOMES, L. F. **Hipertexto no cotidiano escolar**. São Paulo: Cortez, 2011.

KLEIMAN, A. **Texto e leitor**: aspectos cognitivos da leitura. Campinas, SP: Pontes, 2002.

_____. **Oficina da leitura: teoria e prática**. Campinas, SP: 4. ed. Pontes/Unicamp, 1996.

_____. **Leitura: ensino e pesquisa**. 3. ed. Campinas, SP: Pontes, 2008.

KOCH, I. G.V. **A Inter-ação pela linguagem**. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. **Introdução à linguística textual**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. São Paulo: Cortez, 2003.

_____. Leitura, texto e hipertexto. In: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. (Org.). **Hipertexto e gêneros digitais**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. 12. ed. São Paulo: Pontes, 2015.

_____. Papel da memória. In: ACHARD, P. (et al.). **Papel da memória**. Campinas, SP: Pontes, 1999.

_____. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. Campinas, SP: UNICAMP, 1997.

ROJO, R.; MOURA, E. **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola, 2012.

_____. BARBOSA, J. P. **Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos**. São Paulo: Parábola, 2015.

PECHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. 2.ed. Tradução de Eni P. Orlandi [et. al.]. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995. (Coleção Repertórios).

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 1985.

WEBGRÁFICOS

Fragilidade da memória. Disponível em:
<http://educarepersone.blogspot.com.br/2009/07/porque-e-fragil-memoria-dos-homens-e.html>. Acesso em: 20 mar. 2017.

Poema. Disponível em:
<https://poesiainfantilblog.wordpress.com/2016/04/13/porquinho-da-india-manuel-bandeira-2/>. Acesso em: 20 mar. 2017.

APÊNDICE

Ivany Magalhães da Silva

Caderno pedagógico: trabalhando com a sequência didática e o letramento digital

Sugestões para trabalhar gêneros, escrita, leitura, autoria e letramento digital.



**MATERIALIDADE DISCURSIVA: os processos de constituição de memória
e o letramento digital**

Ivany Magalhães da Silva
Orientadora
Profa. Dra. Tânia Pitombo de Oliveira

SINOP/MT
2018

Todo dizer traz em si uma memória. Orlandi (2015)

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1. Sequência didática	106
Imagem 2. Relato de memória 01	116
Imagem 3. Relato de memória 02	116
Imagem 4. Origem dos alunos	116
Imagem 5. Fragilidade da memória	117
Imagem 6. Memória e escrita	118
Imagem 7. Poema	118
Imagem 8. Momento de leitura	119
Imagem 9. Relato de impressões do vídeo sobre Oscar Schmidt 01	120
Imagem 10. Relato de impressões do vídeo sobre Oscar Schmidt 02	120
Imagem 11. Simulação de entrevista	121
Imagem 12. Estudo da estrutura da entrevista	121
Imagem 13. Recorte de uma entrevista	122
Imagem 14. Gravação de relato	122
Imagem 15. Contação de história 01	132
Imagem 16. Contação de história 02	124
Imagem 17. Leitura das memórias do senhor Nivaldo Bertotto	124
Imagem 18. Coleta de dados	125
Imagem 19. Pesquisa cultural	126
Imagem 20. Tabela de origens	127
Imagem 21. Gráfico de origens	127
Imagem 22. Recorte de entrevista produzida pelos alunos	128
Imagem 23. Relatos de memórias	129
Imagem 24. Alunos gravando vídeo-memórias	130
Imagem 25. Recortes de vídeo-memórias	130
Imagem 26. Aluno produzindo no <i>Power Point</i>	131
Imagem 27. Relatos sobre letramento digital	131
Imagem 28. Leitura de textos	132
Imagem 29. Exibição de vídeos	133
Imagem 30. Recortes de relatos	134
Imagem 31. Relatos de experiências marcantes	135
Imagem 32. Dançando o siriri	136

Imagem 33. Foto com o grupo É bem Mato Grosso	136
Imagem 34. Relato de experiência	1
Imagem 35. Momento interdisciplinar	138
Imagem 36. Tabela de usuário	138
Imagem 37. Porcentagem e gráfico de setor	139
Imagem 38. Usos do <i>Facebook</i> 01	139
Imagem 39. Usos do <i>Facebook</i> 02	140
Imagem 40. Contratempo do letramento digital	140
Imagem 41. Recorte de verificação de aprendizagem	141
Imagem 42. A dança da festa da menina Moça	142
Imagem 43. Momento de interação	143
Imagem 44. O pajé Nambikwara.....	143
Imagem 45. Relato de experiência com os Nambikwara	144
Imagem 46. Recorte de respostas	145
Imagem 47. Relato de experiência de hipertexto	146
Imagem 48 Relato de experiência no laboratório UAB	146
Imagem 49. Na sala dos professores	147
Imagem 50. Print de postagem dos alunos	148
Imagem 51. Convite	149
Imagem 52. Cardápio.....	149
Imagem 53. Evento de finalização do projeto.....	151

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	102
2 DADOS DO LÓCUS DE PESQUISA E DOS ALUNOS	104
2.1 Apresentação do <i>lócus</i> em que se realizou a pesquisa	104
2.2 Os sujeitos da pesquisa	105
2.3 O primeiro contato	105
3 SEQUÊNCIA DIDÁTICA	106
3.1 Sequência didática 01	106
3.2 Sequência didática 02	114
4 EFEITO DE FECHO	152
REFERÊNCIAS	154

1 INTRODUÇÃO

Teorizar a prática é um ato de rebeldia e coragem para enfrentar os problemas tão comuns como carga-horária excessiva e superlotação de salas de aula. Este **Caderno Pedagógico** não é um manual para ensinar dar aulas de Língua Portuguesa, é, sim, uma prática docente elaborada a partir de uma sequência didática. A mesma apoiou-se em autores que trazem novas abordagens de ensino de conteúdos com ênfase no gênero textual, na intenção de dar competências e habilidades ao sujeito-aluno na construção do processo de autoria.

Ainda, que não se tenha a pretensão de ensinar ao professor o seu ofício, deixa-se à vontade para seguir, ou não, a sequência didática proposta que pode ser adaptada, ou não, à realidade escolar de cada um.

Construir novas práticas docentes pressupõe estudo de novas teorias. Nessa perspectiva, a contribuição dos estudos no Mestrado Profissional em Letras foi de suma importância, pois a matriz curricular do curso traz o que há de mais contemporâneo na pesquisa sobre ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa. Estudar essas novas teorias significa ter subsídios para repensar a prática pedagógica. É essa proposta que fazemos com este caderno. Que o professor-leitor possa repensar seus saberes e começar a sistematizá-lo, no intuito, legitimar-se como professor-autor.

A Escola Municipal Profa. Eneli Firmo Bandeira Scapinello, Sapezal-Mato Grosso, recebeu, no começo do ano de 2017, do Programa Nacional de Tecnologia Educacional (ProInfo), um laboratório de informática com vinte e cinco computadores (25), com acesso à internet, e este possibilitou que a proposta de intervenção ocorresse no novo espaço e os módulos da sequência didática promovessem o letramento digital de trinta e quatro (34) alunos de uma turma (7ºAno E) do período vespertino. Nesse sentido, a escola como principal agência de letramento deve proporcionar aos alunos espaços e novas formas de aprendizagens aliadas ao trabalho com gêneros textuais e tecnologias; fazendo deles pessoas capazes de criar, interagir e analisar sua aprendizagem com mais criticidade e autonomia.

Assim, para situar o leitor, o trabalho ficou dividido em duas frentes: o letramento de gênero e letramento digital; sendo o primeiro, com ênfase no relato de memórias dos habitantes da cidade de Sapezal, por escolha dos alunos que em sua maioria são migrantes numa cidade jovem de apenas 21 anos de emancipação e segundo, a importância de letrar os alunos no ambiente digital e contribuir para que se tornem cidadãos capazes de navegar e trabalhar no ciberespaço.

Esta pesquisa é de cunho intervencionista com o método da pesquisa-ação proposto por Thiollent (2011) que compreende o trabalho de campo como “[...] a compreensão da situação, a seleção dos problemas, a busca de soluções internas, a aprendizagem dos participantes, todas as características qualitativas da pesquisa-ação não fogem ao espírito científico.” (p.99). Isto significa que o papel do professor não é de mero observador, mas sim, do mediador, que, conjuntamente, com os alunos, numa atitude responsiva, é capaz de propor soluções aos problemas de ensino-aprendizagem dos discentes.

Seguindo os pressupostos da sequência básica de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), o mote norteador da pesquisa foi escolhido pelos alunos que acreditaram ser importante contar suas experiências de vida, ou seja, relato de memórias. Para a sequência didática desenvolvemos as atividades distribuídas em onze módulos, durante o primeiro e segundo semestres de 2017.

2 DADOS DO LÓCUS DE PESQUISA E DOIS ESTUDANTES

2.1 Apresentação do *lócus* em que se realizou o projeto pedagógico

A unidade escolar Professora Eneli Firmo Bandeira Scapinello, até o ano de 2013, fazia parte do Bloco II, pertencente à Escola Municipal Antônio Clarismundo Scheffer que era dividida em Bloco I e Bloco II. Por ser uma escola com mais de dois mil alunos, a Secretaria Municipal de Educação decidiu que a escola seria gerida por dois diretores cada um responsável por um dos blocos garantindo, assim, uma melhor gestão do estabelecimento escolar. Entretanto, o desmembramento da unidade escolar em duas escolas era de toda comunidade escolar. Até que em 26 de agosto de 2014 com a Lei 1.143/2014 aconteceu o desmembramento e o Bloco II passou a denominar-se Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Profa. Eneli Firmo Bandeira Scapinello.

A EMEF Profa. Eneli Firmo Bandeira Scapinello se propõe a trabalhar com o planejamento socializado ascendente buscando o envolvimento de toda comunidade escolar, com ênfase na sua inserção no debate democrático sobre questões administrativas, financeiras, socioculturais e políticas que influenciam e afetam diretamente o cotidiano escolar.

Atualmente, a escola conta com mais de vinte professores e mil e vinte cinco alunos. Um professor efetivo de Língua Portuguesa, é o atual gestor, está terminando segundo mandato. A equipe gestora conta com duas coordenadoras e uma orientadora pedagógica.

O Projeto Político Pedagógico da escola é fruto de um trabalho lento, consciencioso, dedicado e corresponsável de toda comunidade interna e externa, que se estendeu ao longo do período de 2013, até, o momento, não está mais acabado, definitivo, é um projeto que estará sempre por se fazer, em vias de revisão e acabamento, e que deverá ser avaliado constantemente.

Esta instituição conta com trinta e quatro turmas distribuídas em três períodos: matutino com cinco turmas de 5º Ano, oito turmas de 6º Ano e quatro turmas de 7º Ano. Já no período vespertino são cinco turmas de 5º Ano, sete

turmas de 7º Ano e o período noturno conta com duas turmas de EJA. Totalizando 34 turmas e 1025 alunos atendidos.

Para o desenvolvimento do Projeto Pedagógico, por sugestão da professora de Língua Portuguesa, escolheu-se a turma do 7º Ano do período vespertino.

2.2 Os sujeitos da pesquisa

Os sujeitos-alunos da pesquisa são trinta e dois adolescentes entre doze e quinze anos estudantes do 7º Ano turma E do período vespertino. Num total de doze meninos e vinte meninas, sendo um deles não alfabetizado e que no momento da aplicação do projeto é retirado de sala pela orientação pedagógica para acompanhamento de alfabetização.

2.3 O primeiro contato

Inicialmente, agendou-se a ida à escola e ficou estipulado que com a professora da turma que as atividades seriam desenvolvidas nas duas últimas aulas, a professora titular da turma, professora Diane Maria Lock, foi muito solidária preparando os alunos para o início das atividades. No primeiro momento, houve certo constrangimento por parte dos discentes, mas após expor a proposta deu-se a acolhida do projeto. Isso se deu na quarta-feira dia 17 de abril. Nesse dia, os pedidos de autorização dos pais e dos alunos para a participação no projeto foram distribuídos. Depois de algumas considerações ficou combinado que, sempre que possível, as aulas seriam na quarta e quinta-feira, sendo duas horas-aulas cada dia, no período normal de Língua Portuguesa.

3. A SEQUÊNCIA DIDÁTICA

A sequência didática é um passo a passo para ensinar um conteúdo a partir de conjunto de atividades planejadas de acordo com os objetivos que o professor queira atingir no processo ensino-aprendizagem. Na definição de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 97) “Sequência didática é um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito.”, que etapa a etapa transforma e oportuniza aos alunos o domínio dos gêneros e das situações de comunicação. É um modelo que permite a aquisição da língua escrita e oral por meio de um trabalho sistemático com gêneros textuais.

O esquema a seguir representa o processo de trabalho com a SD para qualquer produção textual escrita ou oral.

Figura 1. Sequência didática⁶.



Seguindo o modelo acima, foi elaborado as sequências didáticas que foram aplicadas durante os meses de abril, maio, junho, agosto, setembro e outubro do ano de 2017 em uma turma de (7º Ano E) do Ensino Fundamental na Escola Municipal Profa. Eneli Firmo Bandeira Scapinello localizada no município de Sapezal Mato Grosso-MT.

A proposta de sequência didática deste projeto foi desenvolvida da seguinte forma:

3.1 Sequência didática

Situação Inicial:

Apresentação do projeto aos alunos por meio de uma conversa franca ressaltando a importância do projeto para eles e a escola. Fazer levantamento

⁶DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michèle; SCHNEUWLY, Bernard. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2004, p. 81.

através de discussão oral sobre possíveis temas que sejam de interesses deles.

Objetivo: eleger um tema para elaboração da sequência didática. Observamos que o assunto escolhido por eles foi relato de memórias e a partir do tema, elaboramos todos os módulos da SD.

Os módulos da sequência didática

Módulo I – O papel da memória.

O gênero relato e suas ramificações textuais.

Objetivo: Compreender o conceito de memória e os tipos de gêneros que a compõem.

Atividades: Questionar o que é memória, função e tipos; fazer com que cada um fale sobre suas origens e fazer um pequeno censo de migração; ler um pequeno trecho sobre o papel da escrita na conservação da memória; ler um relacionar os diversos gêneros textuais (fotos, cartas, certidão de nascimento, relatos, poemas, romances, diários) que podem guardar a memória; declamar o poema de Manuel Bandeira “Porquinho da Índia” para fruição da memória de infância; ler a história “Guilherme Augusto Araújo Fernandes” para sensibilizar sobre o tema da aula.

Material: Fotocópias de textos diversos, quadro, marcador de quadro branco, apagador, celular, gravador, papel sulfite, cadernos, lápis.

Duração: duas horas.

Módulo II – O que você viu da vida

Objetivo: Promover o desenvolvimento do aluno para o domínio ativo do discurso e permitir que por meio da gravação do relato se registre as histórias de vida.

Atividades: Assistir a um episódio com Oscar Schmidt do quadro “O que vi da vida” do programa Fantástico; debater o conteúdo do vídeo; solicitar que escrevam no caderno de atividades as cenas mais tocantes e depois

socializar com os colegas; sugerir a leitura em grupo texto-entrevista com a psicóloga Karoline Brilhante, discutir o assunto Baleia Azul; propor uma pesquisa sobre o tema com anotações no caderno de atividades; ensinar a estrutura de do gênero entrevista; encenar um trecho do Auto da Compadecida de Ariano Suassuna; ensinar a estrutura do gênero teatral; apresentar aos alunos diferenças entre textos que são escritos para serem oralizados (teatro, apresentação de jornais) e textos da oralidade que são convertidos para a escrita (entrevistas em revistas); pedir que cada aluno faça uma gravação contando suas histórias de vida.

Material: Internet, vídeo, fotocópias, computadores, gravador, celular, caderno, lápis, caneta.

Duração: Quatro horas.

Módulo III - Sapezal, terra que vi crescer

Objetivo: Conhecer o processo de formação histórica da cidade de Sapezal; utilizar sites de pesquisas virtuais.

Atividades: Apresentar o vídeo que conta a história da cidade de Sapezal, acessar sites de busca na Web para pesquisar sobre a cidade de Sapezal; visitar o Museu João Bertotto que conta a história de Sapezal e dos pioneiros; entrevistar o pioneiro Nivaldo Bertotto; registrar as memórias dele em vídeo; propor que os alunos façam um texto em vídeo sobre o que pensam do município de Sapezal.

Material: Internet, vídeo, computadores, gravador, celular, caderno, lápis, caneta.

Duração: Quatro horas.

Módulo IV- De onde eu vim

Objetivo: Proporcionar que os alunos conheçam a composição cultural da cidade de Sapezal e apresentem suas culturas de origem para a comunidade escolar; ensinar o uso da ferramenta *Excel* para construção e gráficos e tabelas.

Atividades: elaborar e aplicar uma pesquisa sobre as origens dos alunos das turmas 7º anos vespertino; produzir gráfico e tabela a ferramenta *Excel* abarcando todas as regiões de origens dos alunos; pesquisar no laboratório de informática as culturas dos estados que constam no gráfico produzido (crenças, costumes, culinária, tradições, festas, história); apresentar a pesquisa para a comunidade escolar no dia da finalização do módulo.

Material: Internet, vídeo, computadores, gravador, celular, caderno, lápis, caneta.

Duração: quatro horas.

Módulo V- Memória familiar

Objetivo: Resgatar a memória familiar através da contação de história; ensinar noções básicas de uso do *Power Point*.

Atividades: Elaborar e aplicar uma entrevista para pais, avós, tios ou responsáveis para que eles contem sobre suas histórias de vida; gravar em vídeo, áudio ou transcrever a entrevista; pesquisar fotos antigas e atuais da família; pesquisar se há guardados com a família objetos, cartas ou roupas antigas (batizado, dente de leite, umbigo) e fotografar o material encontrado; relatar a memória familiar por meio de vídeo, áudio ou texto escrito.

Material: Internet, vídeo, computadores, gravador, celular, caderno, lápis, caneta, fotos, objetos antigos, cartas.

Duração: Quatro horas.

Módulo VI - Memórias com Anne Frank, Zélia Gattai e Daniel Munduruku.

Objetivos: Conhecer, ler e interpretar o gênero relato de memória e diário; observar os usos do pretérito perfeito e imperfeito em textos de memórias; relembrar usos e flexões dos tempos verbais e identificar palavras e expressões que remetem ao passado.

Atividades: Ler e interpretar os textos: trechos do diário de Anne Frank; “Parecida, mas diferente” de Zélia Gattai; “Tempo de infância” e “A raiva de ser índio” de Daniel Munduruku.

Atividades de interpretação do texto “Tempo de infância” e “A raiva de ser índio” de Daniel Munduruku.

- 12- Quais são as pistas presentes no texto que indicam um relato de memória?
- 13- Quais são as lembranças?
- 14- A cultura de Daniel Munduruku está presente na escrita dele?
- 15- Em que espaço acontece os fatos relatados? Quais palavras nos dá essa certeza?
- 16- Quais memórias você tem da palavra índio?
- 17- Em que local Daniel morava e quais eram as condições de vida da família?
- 18- O nome das coisas muda de lugar para lugar? Justifique.
- 19- Que memória ele tem da escola?
- 20- Em sua memória de infância Daniel relata que sofreu preconceito. Quais?
- 21- Onde ele se sentia feliz? Por quê?
- 22- Pesquise sobre a vida de Daniel Munduruku.

Atividades de interpretação do texto “Parecida, mas diferente” de Zélia Gattai.

- 8- O texto narra a memória de imigrantes. De onde eles vêm e porque vieram?
- 9- Como foi a viagem até chegar ao Brasil?
- 10- De que forma essas famílias eram contratadas para trabalhar no Brasil?
- 11- Que fatos de exploração do trabalhador são contados por Zélia?
- 12- Como foi a reação do avô Da Col?
- 13- Quais foram as consequências sofridas pelos Da Col?
- 14- Pesquisar a vida de Zélia Gattai.

Atividades de interpretação do texto “O diário de Anne Frank”.

- 9- Em que situação de vida as memórias de Anne Frank são relatadas?

- 10- Como ela se sente no esconderijo?
- 11- Descreva o local em que Anne mora com a família.
- 12- O texto é parte de um diário. Quais pistas textuais indicam esse gênero?
- 13- Que formas verbais estão presentes no relato?
- 14- Quais verbos indicam medo e mudança radical de vida?
- 15- Escreva sobre o silêncio, medo e opressão vividos pela garota.
- 16- Pesquise sobre a vida de Anne Frank.

Material: Computador, celular, internet, fotocópias, caderno, caneta, lápis.

Duração: Quatro horas.

Módulo VII- É bem Mato Grosso

Objetivo: Conhecer e interagir com grupo artístico que representa as manifestações culturais do Mato Grosso na cidade de Sapezal, assistir apresentações de Siriri – dança acompanhada por cantoria, com influências indígena e africana – e o Cururu – espécie de desafio de rimas, com origem em manifestações religiosas populares. Ambas têm como principal instrumento a viola de cocho.

Atividade: relatar a experiência dessa aula.

Material: Ônibus escolar, autorização da escola, celulares, gravadores.

Duração: Quatro horas.

Módulo VIII- O Facebook na escola

Objetivos: Permitir o conhecimento e acesso às redes sociais; mostrar os usos das redes sociais; discutir sobre o uso da rede social *Facebook* na escola.

Atividades: acessar o *Facebook* da escola e do professor; verificar quais alunos possuem conta em redes sociais; socializar a experiência de estar interconectado; pesquisar porcentagem de alunos da turma que tem perfil no *Facebook*.

Material: Internet, computadores, gravador, lousa, vídeo, áudios, textos escritos, fotografias, caderno, caneta e lápis.

Duração: Quatro horas.

Módulo IX- A memória do outro

Objetivos: Conhecer e aprender sobre as comunidades indígenas presentes no município de Sapezal-MT para através de intercâmbio aprender a respeitar a diversidade cultural; ouvir as memórias contadas pelos povos ancestrais deste município no intuito de acabar com qualquer forma de preconceito cometida contra as nações indígenas presentes na escola.

Atividades: visitar a tribo Nambikwara, assistir às apresentações da tribo e fazer um momento de confraternização com eles, produzir relato escrito da experiência da visita.

Material: ônibus escolar, autorizações, celulares, lanches variados, gravadores.

Duração: Quatro horas

Módulo X- Hipertexto na sala de aula.

Objetivo: Apresentar o gênero hipertextos para os alunos.

Atividades: conceituar com os alunos que é o gênero hipertexto; observar a sua estrutura composicional; ensinar sobre os diferentes caminhos de leitura nesse tipo de gênero, proposta de escrita de relato sobre as impressões da aula.

Abaixo questões sobre o conteúdo que poderão ser trabalhadas com os alunos.

Do texto ao hipertexto

- 1- Escolha uma página *web* de sua preferência e observe sua composição. Transcreva suas observações.
- 2- Que tipos de textos podem integrar uma página *web* no ciberespaço?
- 3- Você acredita que a Internet modificou o modo de ler das pessoas? Justifique.

- 4- Você gosta de ler?
- 5- O que é texto para você?
- 6- Em que suporte pratica a leitura? Internet ou livros?
- 7- Quais tipos de textos têm lido, ultimamente?
- 8- Que caminhos de leitura você percorreu para ler a página web escolhida?
- 9- O que é hipertexto?
- 10- Porque a página web ou site escolhido por você é um hipertexto?
- 11- Você é um hiperleitor?
- 12- O que é um leitor proficiente em mídia digital? O que ele precisa saber?
- 13- O que é link e *hiperlink*?
- 14- O que é hipermídia?
- 15- A Leitura do texto impresso é diferente do hipertexto digital? Justifique.

Material: Internet, computadores, gravador, caderno, caneta e lápis.

Duração: Quatro horas.

Módulo XI- <http://memoriando.com.br>.

Objetivo: Oportunizar ao aluno o momento de autoria com escrito de relatos de memórias na página *web* que construída para que os discentes, pais e professores tenham acesso a todo material produzido por eles no decorrer do projeto.

Atividades: Convidar os alunos a memorar através do relato escrito na página *web* sobre as experiências vivenciadas durante o transcorrer do projeto.

Material: Computador, internet.

Duração: Duas horas

Módulo XII: Memórias em noite de Faceburger.

Objetivo: Apresentar à comunidade o percurso do trabalho desenvolvido.

Atividades: Apresentação do projeto para os pais e comunidade doar a cada família um DVD com desenvolvimento do projeto; doar exemplares para Biblioteca e Secretaria Municipal de Educação-SEMECE.

Produto a ser gerado: página Web <http://memoriando.com.br> produzido pela empresa CSW-SOLUÇÕES WEB e DVD com orientações didáticas do projeto de memórias, informação de que o projeto ficará disponível no *Facebook* da Escola Municipal Profa. Eneli Scapinello; caderno de atividades; relato de experiência do projeto.

3. 2 Sequência didática

A apresentação da Situação

No dia seguinte, foram entregues de presente para cada aluno um kit com cadernos, canetas e lápis. Em seguida, os documentos assinados pelos pais e alunos foram recolhidos e guardados. Apenas uma mãe não concordou em assinar, pois na concepção dela, segunda a aluna, o projeto não é aula.

Num primeiro momento, a turma livre para questionar, pois a curiosidade sobre a nova professora foi grande. Depois, foi pedido que todos se apresentassem contando um pouco sobre suas histórias de vida.

Em seguida, foi proposto que a turma que elegesse um tema para que pudessem escrever, conversar ou debater em sala. Muitas foram as sugestões, Baleia azul, Funk Proibidão, Rap Ostentação e, por fim, surgiu a ideia de contar as histórias de vida de cada um. Esse assunto surgiu, após, uma garota dizer em sala que não iria participar do projeto, pois havia muita parte da vida dela que era proibido. A turma ficou muito curiosa o que foi o mote perfeito para desenvolvermos a sequência didática com o tema relato de memórias. No entanto, não foi fácil chegar a esse tema, pois os adolescentes querem falar sobre o que é proibido na escola, Funk Proibidão é um deles. Sobre esse momento discorre os teóricos da SD.

Apresentação da situação é, portanto, o momento em que a turma constrói uma representação da situação de comunicação e da atividade de linguagem a ser executada. Trata-se de um momento crucial e difícil no qual duas dimensões principais podem ser distinguidas: a) apresentar um problema de comunicação bem definido; b) preparar os conteúdos dos

textos que serão produzidos (DOLZ, NOVERRAZ e SCHNEUWLY, 2004, p. 99-100).

Ressalta-se que o tema *Funk* e *Rap* foram trabalhados com um viés diferenciado do “Proibidão” e “Ostentação” na disciplina de Literatura do ProfLetras-Sinop. Quanto ao assunto Baleia Azul, este, foi incluso na sequência didática em que, sutilmente, fez-se menção à questão do suicídio. Relata-se, também, que os conteúdos do primeiro e segundo semestre do currículo escolar de Língua Portuguesa foram contemplados na sequência didática.

Com uma turma numerosa de 34 alunos alegres e barulhentos não foi fácil chegarmos a um tema que fosse consenso. Porém, todos aceitaram o tema de bom grado, menos a garota que não podia contar partes da vida dela.

A produção inicial: Memórias da migração para Sapezal

Na esfera do relatar cabem muitos tipos de gêneros e o primeiro escolhido foi o relato de memórias num recorte espaço-tempo em que os alunos saem de suas cidades e desembarcam em na cidade de Sapezal na condição de migrantes, e aqueles que nasceram em Sapezal contaram a memória da família.

Essa escolha não é neutra, pois as condições de produção favorecem esse gênero, uma vez que os alunos são em sua maioria oriundos de outras cidades e estados, formando uma sala heterogênea e dar voz a esses sujeitos é importante para que conte de si e ouça do outro, pois Narciso acha feio aquilo que não é espelho. De acordo com Orlandi (2015, p. 14), a AD leva em conta o homem na sua história, considera os processos e as condições de produção da linguagem. Nesse sentido, a produção inicial atua para além do diagnóstico dos saberes, conduzindo os alunos à percepção do diferente, do multicultural em sala de aula. Esse é um dos papéis da escola, segundo Rojo (2009, p. 12)

cabe à escola potencializar o diálogo multicultural, trazendo para dentro de seus muros não somente a cultura valorizada, dominante, canônica, mas também as culturas locais e

populares e a cultura de massa, para torná-las vozes de um diálogo, objetos de estudo e de crítica.

Segue abaixo alguns recortes dos textos iniciais produzidos.

Imagem 2: Relato de memória 01.

Minha História

Eu sou Deborah Reis Nunes tenho 12 anos
 um de meus irmãos (mãe) tenho 2 anos que
 mora em Capetal. Quando vim embora para
 Capetal cheguei muito cedo não queria vim
 embora, quando fui se despedir dos meus primos
 cheguei muito cedo não gostei de Capetal, achei
 aqui muito chato não conheci ninguém aqui
 além dos meus primos que moram aqui.

Quando vim para escola cheguei porque
 não gostei daqui e não tinha nenhuma amiga
 na sala de aula e não tinha nenhuma professora
 professora aqui em Capetal foi Isabel Soares
 ela conheceu muitos amigos perguntou porque
 cheguei na sala de aula. Com o tempo eu
 me acostumei com todo mundo já tinha
 me apagoado as pessoas já ai que conheci meus
 amigos.

Quando vim para voltar para lá só se foi para
 pensar, com meu pai tinha que voltar de
 Capetal foi bem acolhida aqui. Não tenho
 nenhum amigo.

Com meu pai resolveu vir embora para
 Capetal por ter mais oportunidades de emprego
 e também porque meu primo primo chamou
 ele para montar uma oficina de carros esse é o
 motivo que meu pai eu vim embora para Capetal.

Fonte: Arquivo da pesquisa, 2017.

Imagem 3: Relato de memória 02.

Meu nome é Thayna Souza Ribeiro, nasci em vilhena
 - Rondônia e morei lá até os meus 07 anos de idade, eu
 me divertia muito no bairro onde eu morava, perto de lá
 tinha um rio e perto dele tinha uma fazenda onde tinha
 muitos peixes de aqueduto Peixe.

Eu me mudei de lá porque meus pais estavam ganhando
 muito pouco, o meu pai vinha aqui dizer quando tinha
 Dhar e como ele estava ganhando bem aqui ele decidiu se
 mudar de vilhena para cá, minha mãe também se
 mudou de vilhena para cá, meu pai veio trabalhar em
 um trabalho no hospital daqui como Técnico em enfermagem
 com meus pais, meus irmãos e eu, vim morar aqui.

Antes de me mudar eu nunca tinha vindo aqui em
 Capetal antes, quando eu cheguei minha mãe andou comigo
 pela cidade, porque ela tinha chegado um dia antes de mim
 tudo isso começou a cidade mais calma. Eu diverti muito quando
 tudo aqui.

Fonte: Arquivo da pesquisa, 2017.

Módulo I – Compreendendo o gênero relatar.

Imagem 4. Origem dos alunos.



Fonte: Arquivo da pesquisa, 2017.

Este módulo começou com uma pequena pesquisa sobre as origens de cada aluno da sala e com os dados elaborou-se um pequeno gráfico que demonstrou que a migração afeta, praticamente, quase todos os alunos da sala. Na discussão dos dados com os alunos, foram levantados os motivos pelos quais os discentes de Rondônia migraram para Sapezal e todos disseram que não há emprego no Estado e, por isso, as famílias resolveram migrar. A intenção dessa atividade foi avivar a memória dos alunos para o fato de que quase todos são migrantes em Sapezal e que esse fator pode servir de elo entre a turma. Ressalta-se que neste dia não estavam todos os alunos em sala.

Na sequência, pediu-se aos alunos que tentassem definição para a palavra memória. Houve muitas definições; as mais comuns foram “é de computador, é o que nós tem guardado na cabeça, guardar as lembranças, contar coisas, lembrar das coisas”.

Foram feitas algumas provocações perguntando se a memória é guardada apenas na cabeça. Alguns rebateram dizendo que não, que pode guardar no *pen-drive*, no computador. Na sequência, foi pedido que lessem os três textos abaixo que questionam a importância da escrita para a permanência da memória.

Imagem 05: Fragilidade da memória⁷.

"Porque é frágil a memória dos homens e para que, com o tempo, não caiam no esquecimento os feitos dos mortais, nasceu o remédio da escrita para que, por meio dele, os factos passados se conservem como presentes para o futuro."

Arenga de 1260 (Viseu, Arquivo do Museu de Grão Vasco, PERG / 08)

⁷ Fragilidade da memória. Disponível em: <http://educarepersone.blogspot.com.br/2009/07/porque-e-fragil-memoria-dos-homens-e.html>. Acesso em: 20 mar. 2017.

fotografia eram formas de guardar memória. Todos concordaram. Um dos alunos questionou que muitas vezes as fotos dos celulares são apagadas e para sempre perdidas.

Em seguida, os alunos fizeram a leitura do poema “Porquinho da Índia”, riram com o fato do porquinho-da-índia ser a primeira namorada de eu-lírico. Após segunda leitura em voz alta do texto com os alunos, fez-se a contextualização do sentido da expressão primeira namorada adquirida no contexto do poema que significava aprendizado para ser uma pessoa amorosa, gentil, terna quando no futuro essa pessoa fosse se relacionar amorosamente com alguém. Questionaram o sentido da palavra ternurinha, foi lhes dito que era tratar o outro com amor, gentileza.

Imagem 8: Momento da leitura.⁹



Fonte: Arquivo da pesquisa, 2017.

Após a leitura, os alunos constataram que algumas doenças, Alzheimer, por exemplo, pode afetar a memória e que por isso é importante o registro escrito. Questionados sobre que histórias iriam contar para os netos, disseram que eram muito novos para pensar nisso.

O intuito desta aula foi de apresentar a variedade de gêneros que pertencem ao relatar, mas, principalmente, a importância da escrita para registro dos relatos e o papel da memória na história de vida das pessoas. O objetivo foi atingido, porque os alunos entenderam o conceito de memória e os tipos de gêneros que a compõem.

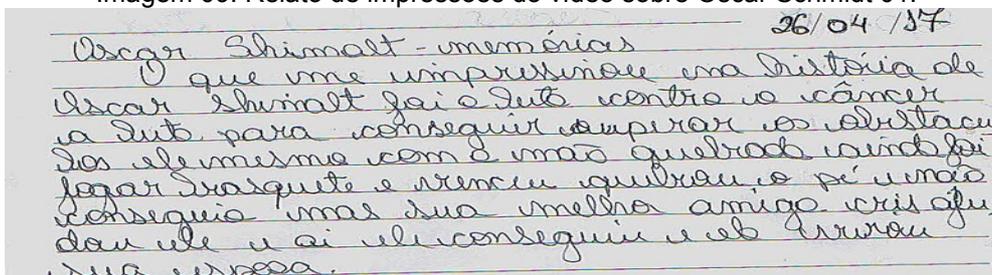
Módulo II- O que você viu da vida

⁹ Momento da leitura do texto pelo aluno Guilherme Araújo Fernandes.

Iniciou-se aula com a proposta de assistir ao documentário da vida de Oscar Schmidt. No entanto, alguns alunos não sabiam que foi o maior jogador de basquete do Brasil. A dificuldade desta aula foi que a sala de multimídia estava ocupada pelos alunos do SENAI, por isso os alunos assistiram ao assistir ao vídeo na sala dos professores num computador de tela pequena e som baixo, e bem na hora do vídeo alguém no pátio da escola ligou uma máquina de cortar ferro que fazia muito barulho. Isso quebrou a expectativa de ver o vídeo.

Na apresentação das memórias Oscar Schmidt foi discutido sobre a força de vontade de vencer que as pessoas devem ter para se tornar campeões, argumentou-se, ainda, sobre a importância da esposa Cris no momento de superação. E, principalmente, sobre o enfrentamento do câncer. Foi explanado aos alunos que a história de vida do Oscar serve de inspiração para qualquer jovem. Depois disso, foi proposto aos discentes que registrassem as impressões que tiveram do vídeo e que fizessem vídeos contando sobre suas vidas.

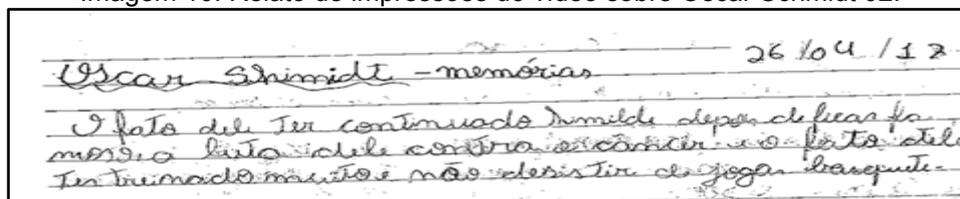
Imagem 09: Relato de impressões do vídeo sobre Oscar Schmidt 01.



Oscar Schmidt - memórias 26/04/17
O que me impressionou na história de Oscar Schmidt foi o fato de vencer o câncer na mão para conseguir superar os obstáculos ele mesmo com a mão quebrada e ainda foi jogar basquete e venceu. Ele é um cara que conseguiu uma sua melhor amiga Cris que deu ele a ai ele conseguiu e ele venceu sua esposa.

Fonte: Arquivo da pesquisa, 2017.

Imagem 10: Relato de impressões do vídeo sobre Oscar Schmidt 02.



Oscar Schmidt - memórias 26/04/17
O fato dele ter continuado a lutar depois de ficar na mesma luta dele contra o câncer. O fato dele ter continuado a lutar e não desistir de jogar basquete.

Fonte: Arquivo da pesquisa, 2017.

Dando continuidade ao trabalho, foram dados aos alunos os textos com as entrevistas com a psicóloga Karoline Brilhante em que se discute o assunto Baleia Azul. Antes da leitura das entrevistas, algumas intervenções foram feitas

para os alunos apreendessem a estrutura do gênero entrevista, questionando com eles quais eram as marcas textuais que denotavam o gênero entrevista.

Os alunos conseguiram visualizar que o texto é composto por perguntas e respostas. Depois, foram escolhidos duas alunas para fazer o papel de entrevistado e entrevistador no texto da Baleia Azul.

Imagem 11: Simulação de entrevista.

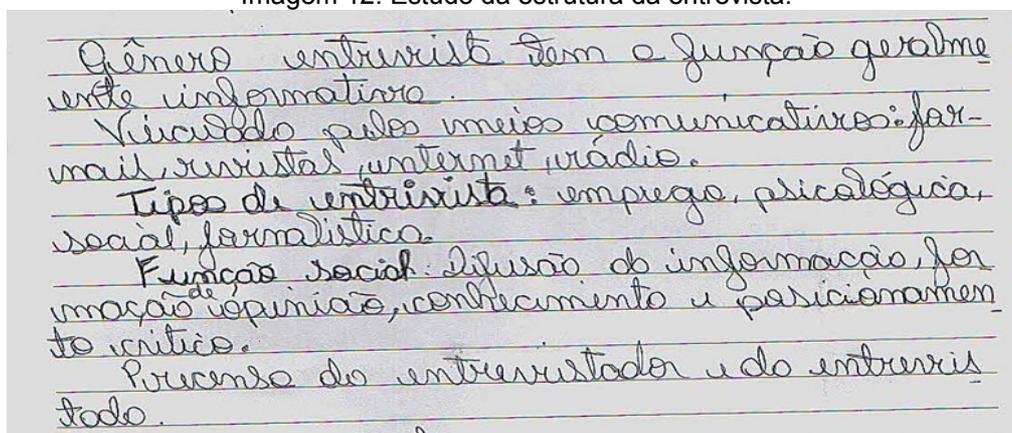


Fonte: Arquivo da pesquisa, 2017.

O tema da Baleia Azul surgiu no primeiro encontro com a turma e porque o aluno insistiu muito no assunto, foi dito que o tema seria estudando em outra oportunidade e que eles pesquisassem em casa com os pais para saber o que os genitores pensavam sobre o assunto. Questionados sobre as respostas dos pais ao assunto, foi relatado que para alguns pais, o problema era falta do que fazer, curiosidade, depressão, coisa de retardado, foi ponderado com os alunos que os jovens estão sujeitos a uma série de fatores que podem influenciar no comportamento.

Na continuação da aula, passou-se ao estudo do conteúdo entrevista.

Imagem 12: Estudo da estrutura da entrevista.

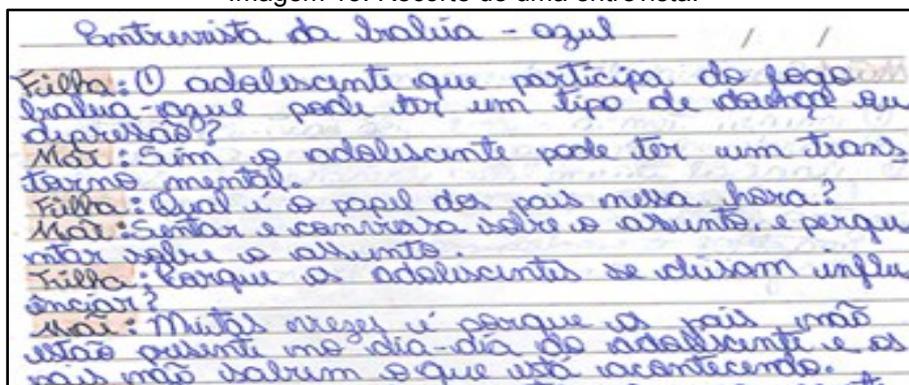


Fonte: Arquivo da pesquisa, 2017.

Esta aula foi expositiva com o apoio do quadro foram destacados os principais pontos do gênero entrevista, mostrando para os alunos que a entrevista é um texto oralizado que pode ser transcrito. Essa aula teve o objetivo de dar ferramentas para que os alunos pudessem aprenderem a estrutura do gênero entrevista.

Uma aluna conseguiu compreender, perfeitamente, a estrutura da entrevista e a tarefa de entrevistar os pais com competência. Inclusive, elaborou perguntas pertinentes ao tema.

Imagem 13: Recorte de uma entrevista.



Fonte: Arquivo da pesquisa, 2017.

Ainda, nesta aula, os alunos encenaram um trecho do Auto da Compadecida de Ariano Suassuna para que pudessem entender as diferenças entre textos que são escritos para serem oralizados (teatro, apresentação de jornais) e textos da oralidade que são convertidos para a escrita (entrevistas em revistas) e para finalizar o módulo alguns alunos gravaram vídeos contando suas histórias de vida.

Imagem 14: Gravação de relato.



Fonte: Arquivo da pesquisa, 2017.

Módulo III- Sapezal terra que vi crescer.

Essa aula teve a finalidade de levar os alunos a compreendessem os processos identitários em que estão inseridos. As atividades de aula foram realizadas no Museu João Bertotto que é um espaço que abriga parte da história da cidade de Sapezal/MT e dos pioneiros. Para esta aula foi convidado o pioneiro senhor Nivaldo Bertotto para que contasse suas memórias sobre a fundação do município de Sapezal. Este convite se deu pelo fato de o museu ter sido criado em homenagem a João Bertotto, pai de Nivaldo Bertotto, ambos pioneiros. O museu foi criado pela Lei nº 978/2011 de 2011, denominado Museu Municipal-João Bertotto que é anexo à Biblioteca Municipal.

Imagem 15. Contação de histórias 01.



Fonte: Arquivo da pesquisa, 2017.

A contação de memórias foi dividida em duas partes. Na primeira, o Senhor Nivaldo contou sobre as relíquias históricas garimpadas por ele no Salto Utariti em terras indígenas. Alguns dos artefatos pertenceram à Comissão Construtoras de Linhas Telegráficas comandada pelo Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon. E outras relíquias são presentes ou trocas feitas por ele com os índios da região. Dos artefatos indígenas, três são muito importantes: dois machados de pedra, sendo um da tribo Paresi e o outro da tribo Enawenê-Nawê e, ainda, uma espada de madeira presenteada por Marechal Rondon ao índio Kazueiro. Os dois machados de pedra são

presentes de honra à amizade construída por ele com alguns membros da tribo.

Imagem 16. Contação de histórias 02.



Fonte: Arquivo da pesquisa, 2017.

Já, a espada do índio Kazueiro foi adquirida por escambo com um botijão de gás. Na segunda parte da contação, o pioneiro pediu para que os alunos lessem um relato sobre a fundação do município de Sapezal que conta a história de Sapezal que está ligada à história da Arquidiocese de Diamantino com a missão jesuíta no Utiariti de 1935 a 1985, os alunos também fizeram a leitura de um trecho da história da Freira/Irmã Maria Tarcilia da Silveira que está sepultada nas proximidades do Salto do Utiariti.

Imagem 17: Leitura das memórias do Senhor Nivaldo Bertotto.



Fonte: Arquivo da pesquisa, 2017.

E por fim, um relato escrito pelo Senhor Nivaldo sobre as memórias dele referente à colonização de Sapezal foi lido e no correr da leitura foram feitas considerações. O evento foi registrado pelos alunos em vídeo, áudio e fotografias. E segue um trecho, transcrito da carta escrita pelo Senhor Nivaldo Bertotto que foi lida para os alunos.

(...) Quando vim em outubro de 1977, falava, vi a beleza das árvores, apesar de tortas todas floridas IPE BRANCO, ROXO, AMARELO, JABOTICABA, são os caules brancos de flores, Santa Bárbara, todas amareladas e os lírios do campo todos em flor, Caju do cerrado e hoje não existe mais devido a devastação. Se Pedro Álvares de Cabral tivesse chegado por Mato Grosso, com certeza ele gritaria com mais força: TERRA À VISTA.

Módulo IV- De onde eu vim

O objetivo dessa aula foi proporcionar que os alunos conhecessem a multiculturalidade presente na cidade de Sapezal. E para isto, no primeiro momento, os discentes saíram a campo para pesquisar, indo de sala em sala coletando os dados sobre as origens dos alunos.

Imagem 18: Coleta de dados.

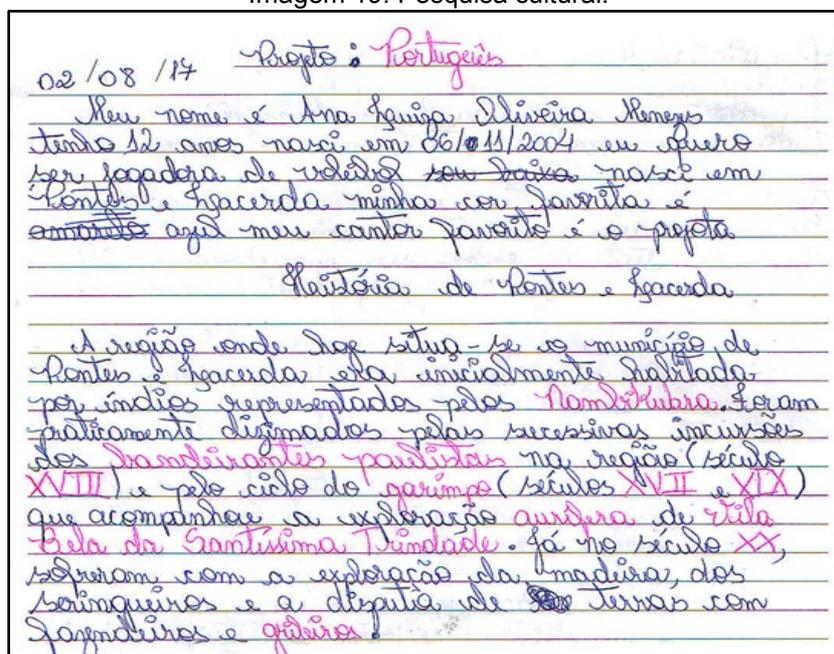
Nome	Estado
Sapezal	9 (MT)
Ji Parana	2 (RO)
Campo Verde	(MT)
Alagoas	2 (MA/GO)
Altoflora	1 (MT)
Linópolis	(MT)
Alfredo	1 (MT)
Orlândia	2 (Cuiabá)
São Gabriel do Oeste	1 (MS)
Lualaba	1 (MT)
Leilima	
Leilima	1 (RO)
Poxe e Jacuá	1 (MT)
Rondonópolis	1 (MT)
Opaciu	1 (Alagoas)
Fátima de São Francisco	1 (Sergipe)
Itaipava	1 (RJ)
Sapa	1 (SP)

Fonte: Arquivo da pesquisa, 2017.

Fica registrado que alguns professores ficaram irritadiços com a entrada dos alunos em sala para coleta de dados. Um dos alunos relatou que um professor bateu a porta na “cara” dele.

Após a pesquisa, os alunos leram dois textos que contam a história de Sapezal e em seguida foram ao laboratório de informática para começar o letramento digital pesquisando sobre o estado de origem de cada um. Nesta pesquisa deveria constar: crenças, costumes, culinária, tradições, festas e história. Esse trabalho serviu para mostrar aos alunos quais estados compõem a cultura de Sapezal e tirem de si os preconceitos compreendendo que a diversidade deve ser respeitada.

Imagem 19: Pesquisa cultural.



Fonte: Arquivo da pesquisa, 2017.

O texto acima é uma das pesquisas que foram feitas e passadas para o caderno do aluno. Percebem-se as marcas de *Wikipédia* no texto marcado em vermelho os *hyperlinks*.

Depois de terminada a pesquisa, os alunos foram trabalhar com a ferramenta *Microsoft Word*, então começaram os problemas, pois muitos alunos não conheciam o programa. Foi dificultoso atender os 34 alunos que estavam com dúvida.

Imagem 20: Tabela das origens 01.

Tabela das regiões de origem dos alunos da escola
Eneli Firmo Bandeira Scapinello.

Origem: Estado	Quantidade de Alunos
Mato Grosso	34
Rondônia	19
Mato-Grosso-do-Sul	01
Alagoas	15
Maranhão	02
Piauí	02
São Paulo	01
Sergipe	01
Paraná	05
Minas Gerais	01
Santa Catarina	01
Rio de Janeiro	01
Cidade de Sapezal	32
Total de Alunos:	115

Fonte: Arquivo da pesquisa, 2017.

A próxima tarefa foi transformar os dados da tabela do *Word* em gráfico no programa *Excel*, foi muito trabalhoso, teve-se que ir de aluno a aluno ensinando como lidar com o programa, mas os resultados foram satisfatórios. Alguns adolescentes haviam cursado informática, porém não lembravam mais de como usar a ferramenta. É importante informar que estudo dos gêneros tabelas e gráficos estão inseridos, neste semestre, nos conteúdos programáticos do 7º Ano E, no entanto, um dos objetivos do ProfLetras é aliar o estudo de gêneros com letramento digital, o que coincidiu, pois, recentemente, na escola foi inaugurada a sala com recursos de multimeios.

Imagem 21. Tabela de origens 02.



Fonte: Arquivo da pesquisa, 2017.

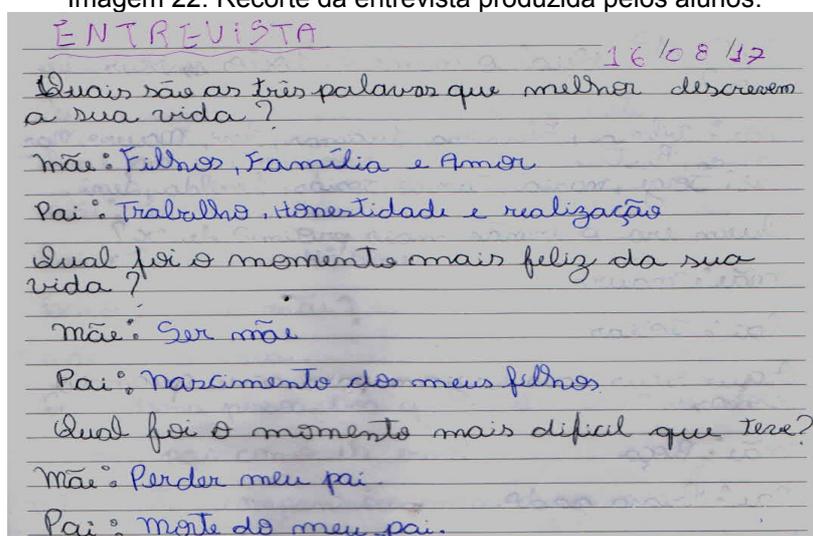
Módulo V- As memórias deles!

Nessa aula, foi retomado o conceito de entrevista discutindo e escrevendo no caderno um pouco mais de conteúdo sobre a estrutura desse gênero. Chegou o momento de entrevistar para colher as memórias que serão transformadas em vídeo pelos alunos. Para lembrar a composição do gênero, os alunos leram um texto em que Clarice Lispector é entrevistada pela TV Cultura em 1978.

Em seguida, foi trabalhada a estrutura da entrevista como escolha do tema, elaboração do roteiro, título e revisão, mas devido à falta de tempo hábil na elaboração das perguntas, foram retiradas do [site https://familia.com.br/9168/68-perguntas-para-entrevistar-seus-pais-e-criar-sua-historia-de-familia](https://familia.com.br/9168/68-perguntas-para-entrevistar-seus-pais-e-criar-sua-historia-de-familia) sessenta e oito perguntas prontas para criar uma história de família. Os alunos copiaram no caderno e levaram de tarefa para fazer com os pais. Citamos, apenas, as primeiras perguntas, as demais estarão em anexo. Todas as perguntas são endereçadas aos pais dos alunos.

- 1- Quais são as três palavras que melhor descrevem sua vida?
2. Qual foi o momento mais feliz que teve?
3. Qual foi o momento mais difícil de sua vida?
4. Qual a pessoa que mais lhe influenciou?

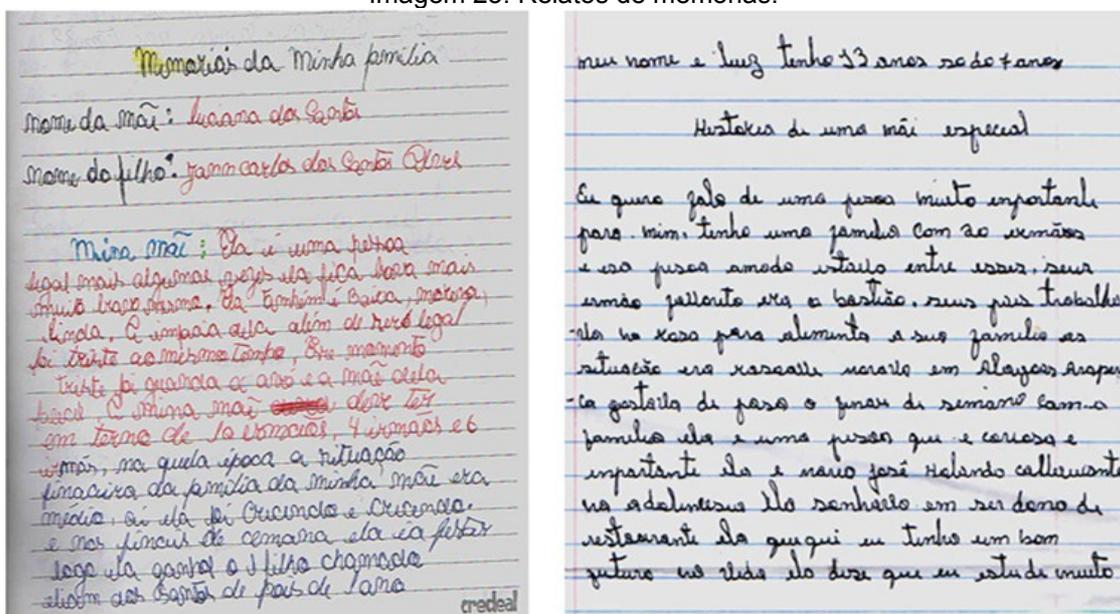
Imagem 22: Recorte da entrevista produzida pelos alunos.



Fonte: Arquivo da pesquisa, 2017.

Alguns pais reclamaram que a entrevista ficou longa demais, entretanto muitos alunos disseram que gostaram muito porque puderam conhecer um pouco mais da história de vida da família. Após o término da entrevista, os alunos escreverem sobre as memórias familiares para ter subsídios no momento da gravação do vídeo que será apresentado aos pais ou responsáveis. Nesse módulo, houve um momento para relembrar o tempo com fotografias de família a critério e escolha do aluno. Muitos apresentaram em sala fotos de infância e dos pais.

Imagem 23: Relatos de memórias.



Fonte: Arquivo da pesquisa, 2017.

Na gravação dos vídeos-memórias, houve muitos problemas e emoções também. Não havia local adequado na escola para produzir as gravações. De modo que foi solicitado à coordenação que liberasse a sala dos professores para a improvisação um estúdio. E assim foi feito.

Uma das alunas ficou responsável pela gravação e os alunos foram gravando em sequência. Porém, alguns discentes se sentiram tímidos para gravar, outros emocionados demais com a fala do colega que estava gravando e, por isso, alguns desistiram de gravar. Houve muito choro entre alunos e professora.

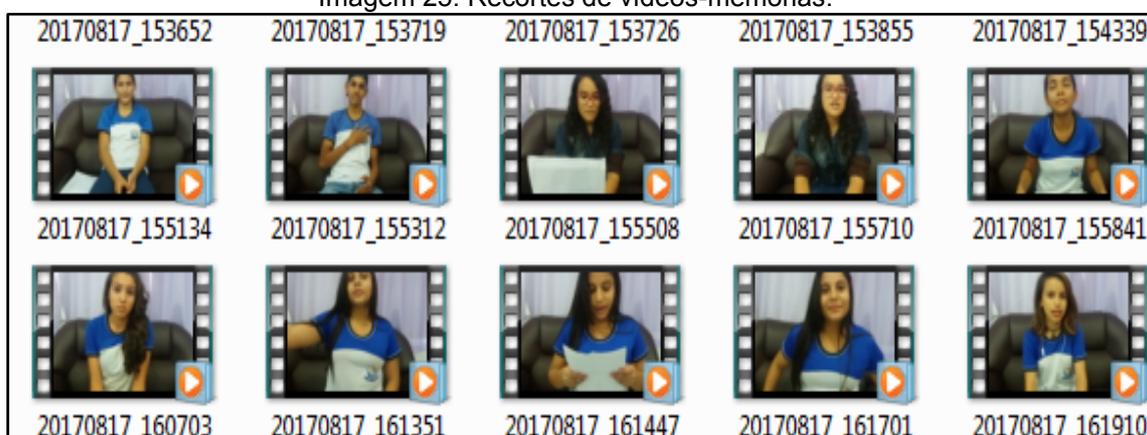
Imagem 24: Alunos gravando vídeos-memórias.



Fonte: Arquivo da pesquisa, 2017.

A intenção primeira dessa atividade era de que os alunos gravassem os textos que eles haviam elaborado contando as memórias familiares, mas a emoção tomou conta e os alunos fizeram homenagens, principalmente, às mães. Não foram orientados num sentido diferente, pois era um momento íntimo deles.

Imagem 25: Recortes de vídeos-memórias.



Fonte: Arquivo da pesquisa, 2017.

Alguns alunos ficaram muito nervosos e tiveram que gravar várias vezes e ainda houve aluno que não quis fazer a atividade e não foi insistido para que fizesse. Todos os vídeos estão disponíveis na página web <http://memoriando.com.br>.

Além disso, neste módulo, foi trabalhado o letramento digital com a utilização do *Power Point* pelos alunos. A tarefa consistiu em elaborar uma

apresentação do que havia sido estudado no projeto pedagógico até aquele momento.

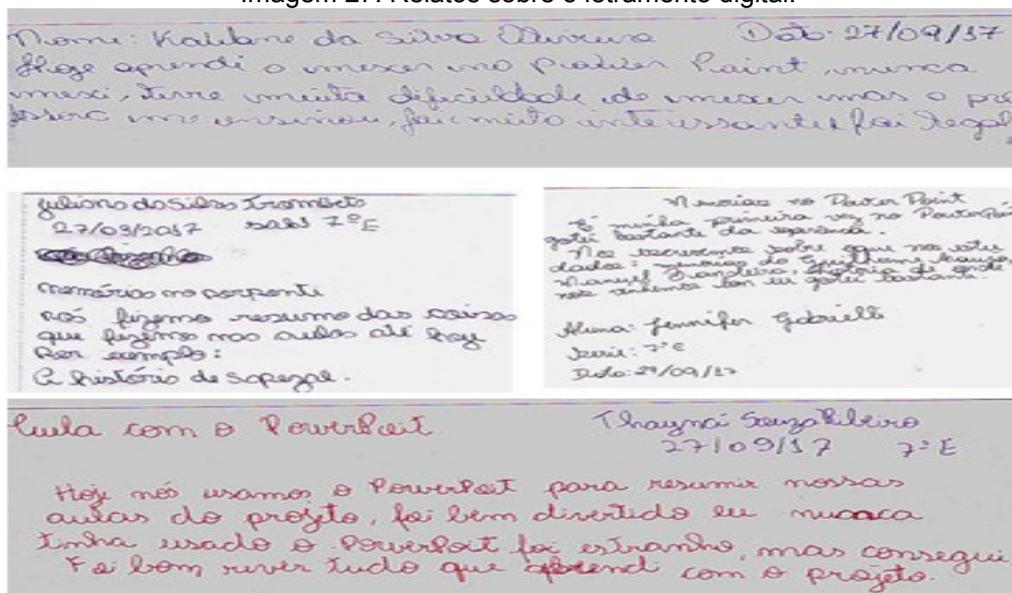
Imagem 26. Alunos produzindo no *Power Point*.



Fonte: Arquivo da pesquisa, 2017.

Novamente, muitas dificuldades enfrentadas pelos alunos que desconheciam o programa e precisaram de muita ajuda para realizar a tarefa. Foi uma aula que a turma elogiou bastante.

Imagem 27: Relatos sobre o letramento digital.



Fonte: Arquivo da pesquisa, 2017.

Todos os alunos conseguiram desenvolver a tarefa de criar um documento em *Power Point* contando sobre o processo de aprendizado no decorrer do projeto.

Módulo VI- Memórias com Anne Frank, Zélia Gattai e Daniel Munduruku.

Começamos o módulo com a leitura dos textos *O diário de Anne Frank*; “*Parecida, mas diferente*” de Zélia Gattai; “Tempo de infância” e “A raiva de ser índio” de Daniel Munduruku. Nesse momento, vários alunos se propuseram a ler.

Imagem 28: Leitura de textos.



Fonte: Arquivo da pesquisa, 2017.

Após a leitura, usou-se a lousa para pontuar os trechos mais importantes dos textos lidos. Dos aspectos linguísticos foram trabalhados as formas verbais do pretérito perfeito e imperfeito e seus usos. Foram feitas, também, considerações sobre o contexto histórico-social da produção das memórias presentes nas narrativas que foram estudadas pelos alunos.

Nas leituras destacou-se que as memórias das pessoas podem ser transformadas em textos literários. Ademais, frisou-se que não era intenção de Anne Frank que seu diário se transformasse em livro literário, mas que pela situação histórica em que ela escreveu, o diário ganhou uma dimensão literária.

Nesta aula, estudou-se a estrutura do gênero diário e relato de memórias. Depois os alunos copiaram da lousa as questões referentes aos textos e responderam, conjuntamente, apreendendo elementos importantes presentes nos textos.

Os alunos ficaram impactados com os textos da Anne Frank e de Daniel Munduruku e sugeriram que fossem elaboradas mais aulas sobre a história de vida dos autores. Nessa aula, os discentes conseguiram perceber os temas da escravidão, da guerra e intolerância nos relatos lidos. Pelo interesse demonstrado pelos alunos, esse módulo foi expandido em mais duas aulas com a apresentação de dois vídeos sobre vida de Anne Frank e Daniel Munduruku.

Muitos atentos no momento da exibição dos vídeos e de vez em quando fazia expressões de sofrimento e dor pela vida, principalmente, de Anne Frank. Questionaram o motivo de ela estar vivendo aquela situação. Nesse momento, foi importante mostrar um pouco do que foi o Holocausto. Desse modo, foram três vídeos nesse dia de aula. Nesse dia, não se pode usar a sala de multimídias, porque estava ocupada pelos assessores da Educação e, assim, os vídeos foram exibidos em sala utilizando o *Datashow*.

Imagem 29: Exibição dos vídeos.



Fonte: Arquivo da pesquisa, 2017.

É interessante registrar que o relato de Zélia Gattai foi praticamente esquecido pela turma e o que os marcou foi a história de Anne Frank. Após a exibição dos vídeos, foi sugerido aos alunos que escrevessem relatos sobre a experiência da aula.

Imagem 30: Recortes de relatos.¹⁰

Relatório sobre o diário de Anne Frank

A história de Anne Frank é muito interessante e inacreditável como uma adolescente conseguiu viver tanto tempo sem poder trabalhar, com medo de ser levada para os campos de concentração e ser morta.

É incrível como ela conseguiu descrever o que estava passando em um diário.

O Holocausto foi realmente terrível e incrível como eles conseguiram matar tantas pessoas inocentes, apenas por serem judeus etc.

É uma pena que ela tenha sido morta, mas acho muito bom que seu pai que sobreviveu tenha juntado as histórias dela e obrigado todos para ser publicada em um livro.

O livro "o diário de Anne Frank" parece muito interessante e realmente gostaria de comprá-lo.

Foi muito dependente em a documentação, pois não sabia que tinha sido tão cruel.

1- Relate sobre a sua experiência com as aulas sobre Anne Frank e Daniel Munduruku?

Bom, eu acho que a vida da Anne Frank não foi nada fácil, pois ela ficou 2 anos escondida sem fazer um só quebra-cabeça, ela ficava morrendo de medo todos os dias de ser encontrada no esconde-tudo e matada ela e a família dela.

Daniel Munduruku a vida dele também não foi nada fácil, pois ele sofreu de racismo por ser índio, ele não nasceu na aldeia ele nasceu na cidade, mas quando ele ficou adulto ele voltou para a aldeia pois lá era onde ele amava viver, lá ninguém o criticava.

Fonte: Arquivo da pesquisa, 2017.

Ainda nesta aula, os alunos deveriam relatar uma experiência marcante para a família deles, porém nem todos aderiram à proposta de produção textual. Segue abaixo alguns recortes dos relatos escritos pelos alunos.

¹⁰ Recortes de relatos sobre a experiência com os textos de Anne Frank e Daniel Munduruku.

Imagem 31: Relatos de experiências marcantes.

2- Escreva uma experiência marcante de sua vida ou de sua família e relate.
Foi quando o meu vô, paierno faleceu, que por ser de eu não ser muito próxima dele pois ele morava em outra cidade foi difícil aceitar que eu nunca mais ia poder vê-lo todos os meus parentes ficaram em choque foi o dia mais triste da minha vida e provavelmente de todos os meus parentes também.

29 Escreva uma experiência marcante de sua vida ou de sua família e relate.
No dia 19.07.2017 cheguei na cidade Espedal com as minhas família aqui só um amigo de minha mãe e também viamos com mais duas famílias que moram perto de mim foi muito triste ter que deixar minha família para trás principalmente meus dois irmãos mais velhos e meu Pai vim para cá com minha mãe, meu padasto e meu irmão mais novo. Quando cheguei na escola só com uma colega foi muito ruim mais depois fui me acostumando com o lugar na escola nada é fácil mais depois se acostuma com aquilo.
Chorei muito, chorei muito até hoje chorei porque meus dois irmãos não sabem mais tudo na vida passa só na vida a morte. Hoje tenho muitos amigos e agradeço a Deus por ter colocado eles no meu caminho, minha família que amamos amigos como eles.

Fonte: Arquivo da pesquisa, 2017.

Módulo VII- É bem Mato Grosso.

O intuito deste módulo foi de apresentar à cultura do Mato Grosso aos alunos do projeto, pois a memória de um povo é preservada através de suas manifestações culturais. Por isso, contactou-se o professor de Cultura Matogrossense solicitando a participação da turma em uma de suas aulas sobre expressões culturais de Mato Grosso no que foi, prontamente, atendida.

No dia da aula, a turma se dirigiu até o centro cultural onde as atividades de cultura são desenvolvidas. A Secretaria de Educação cedeu o ônibus para levar os alunos. No local, o professor apresentou aos alunos o projeto artístico desenvolvido por ele e seus alunos. Em seguida discorreu sobre os instrumentos de música usados para dançar Siriri, Cururu e Rasqueado, em seguida pediu aos seus alunos que mostrasse os principais passos de dança de Siriri, Cururu e o Rasqueado Cuiabano para a turma do 7º Ano E. Na sequência, o professor sugeriu que a turma aprendesse alguns passos de dança como os alunos dele.

Imagem 32: Dançando Siriri.



Fonte: Arquivo da pesquisa, 2017.

Após a interação, o professor Edson convidou os alunos para participar do projeto dele que é aberto à comunidade, muitos demonstraram interesse em participar.

Imagem 33: Foto com o grupo É bem Mato Grosso.



Fonte: Arquivo da pesquisa, 2017.

Para finalização desta atividade foi pedido relato de experiência sobre a aula. Segue abaixo dois textos sobre o assunto.

Imagem 34: Relato de experiência.

Relato sobre o grupo de dança e Bem Mato Grosso
Foi divertido e interessante ver o Bem Mato Grosso dançando, e conhecer uma dança típica de Mato Grosso foi uma experiência muito boa.
Eu não quis dançar, mas foi legal ver os outros dançando.
Nome: Thayná Sousa Bilela

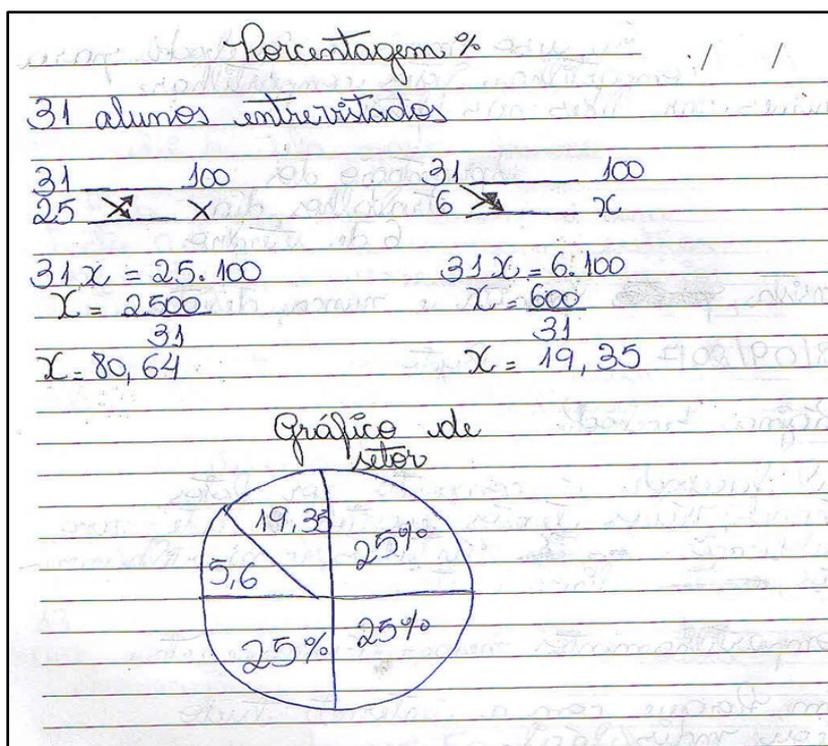
É Bem Mato Grosso
O grupo de dança é Bem Mato Grosso é muito legal, divertido, todas interagem os instrumentos e a roupa são bem legais além de todos que participam do grupo são bem legais a dança parece ser fácil mas não é ela é bem difícil a história é bem legal eu morei no Mato Grosso há muito tempo e nunca vi um grupo tão animado como o que conheci hoje.
Nome: Ana Luiza Série: 7º ano E

Fonte: Arquivo da pesquisa, 2017.

A partir da leitura dos textos acima é possível comprovar que os resultados foram os esperados, os alunos conseguiram aprender e interagir com a aula proposta. Destaca-se que, apesar da participação e euforia dos alunos, poucos quiseram escrever sobre a experiência. Somente duas alunas entregaram a atividade de escrita.

Módulo VIII- O Facebook na escola.

Com a finalidade de permitir o conhecimento e acesso às redes sociais, iniciou-se o módulo com uma pesquisa no *Google* sobre o termo *Facebook* do qual foi feito um resumo no caderno de atividades. Em seguida, eles fizeram um levantamento dos alunos da turma que eram usuários da rede social *Facebook*.



Fonte: Arquivo da pesquisa, 2017.

Após agradecimentos à professora de Matemática pela colaboração, deu-se prosseguimento à aula de letramento digital com questionamento aos alunos sobre os possíveis usos da rede social Facebook.

Imagem 38: Usos do Facebook 01.

Os possíveis usos do Facebook.

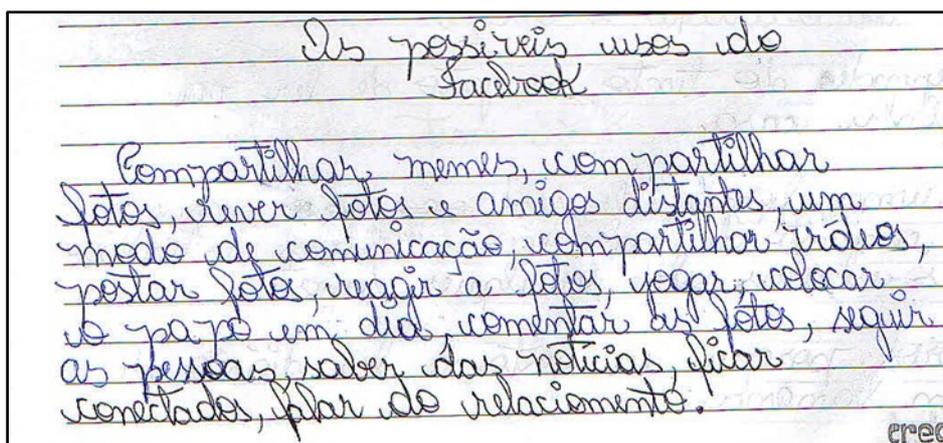
- o Compartilhamento.
- o Comunicação com as pessoas.
- o Compartilhar fotos, vídeos.
- o Pegar as fotos, críticas as fotos.
- o Escutar músicas, diversão, mostrar comentários, colocar o papo em dia.

Eu não uso o Facebook.

Fonte: Arquivo da pesquisa, 2017.

O recorte acima traz o enunciado do aluno que não é permitido à inserção na rede social.

Imagem 39: Usos do Facebook 02.



Fonte: Arquivo da pesquisa, 2017.

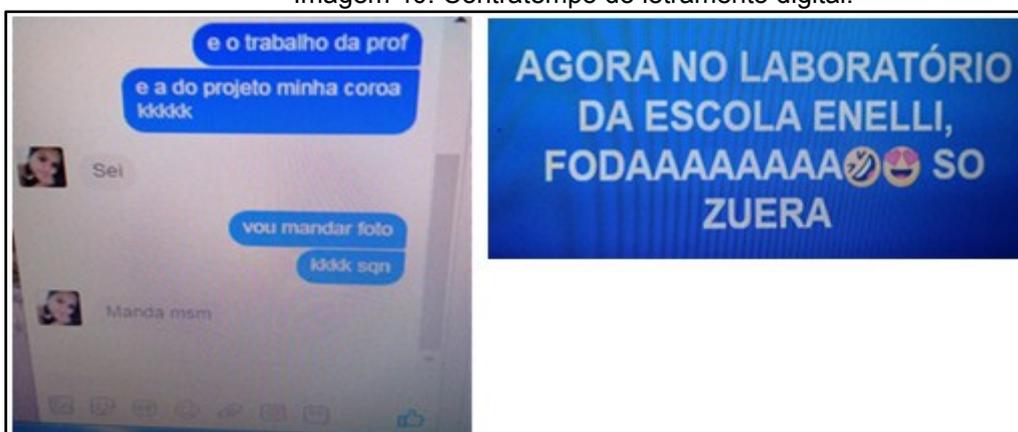
Pelas respostas dos alunos, percebemos que eles têm clareza quanto aos usos específicos que fazem da rede que está relacionado com a vivência dos adolescentes como postar fotos e comentar fotos.

Ainda nesta, aula alguns alunos quiseram construir o perfil no *Facebook* e puderam contar com a ajuda dos colegas para realização dessa tarefa.

Alguns percalços no uso do *Facebook* na escola.

A partir do uso do *Facebook* na escola aconteceram algumas situações registradas, aqui, por meio de *print* das postagens dos alunos. No primeiro *print*, a mãe de uma das alunas suspeitou se a aula era mesmo do projeto e verificando a conversa *online* de mãe e filha, percebe-se que a aluna precisa relembrar a progenitora do projeto.

Imagem 40: Contratempo do letramento digital.



Fonte: Arquivo da pesquisa, 2017.

Já o segundo *print*, foi tirado por alguém da escola é uma postagem feita pelos alunos do projeto no *Facebook*. E tanto os alunos quanto a professora do projeto foram orientados pela direção e coordenação sobre os problemas que a postagem poderia causar.

Entretanto, fazendo a leitura do que significa aula *fodaaaaa* e *zuera* no contexto de fala do aluno, percebe-se que eles quiseram dizer que a aula foi ótima. Só que na leitura dos pais dos alunos a interpretação poderia ser muito diferente e a escola ainda teria que responder por isso.

Vê-se que no discurso da aluna os sentidos perpassam o sujeito e que cada sujeito faz a leitura de acordo com sua posição e a postagem em questão dá espaço a outros planos de interpretação. O ato da censura imposto pela escola reverbera ecos de outros discursos que quase ocorre quando o professor ousa propor algo novo que desestabiliza a “ordem” do cotidiano escolar.

Uma pausa para avaliação.

A avaliação de aprendizagem dos conteúdos foi uma exigência da escola que determinou que fosse atribuída uma nota contando como avaliação mensal de Língua Portuguesa para todos os alunos que participaram do projeto. Para isso, foi elaborada uma verificação de aprendizagem com vinte e cinco questões abordando todo o conteúdo trabalhado no projeto. Para exemplificação as questões quatro e oito.

Imagem 41: Recorte da verificação da aprendizagem.

4- De que forma nossas aulas contribuíram para que pensasse sobre o papel da memória na sua vida?

Isso me fez pensar em meu passado e em meu futuro, me lembrar as dificuldades que tenho vindo com mais um timidez, o das aulas no meu verdadeiro ensino familiar; e grande vontade de me fazer voltar ao passado e viver tudo de novo só que com intensidade.

8- As aulas no laboratório de informática contribuíram para seu ensino- aprendizagem? Escreva sobre isso.

Sim, por causa de todo conteúdo aplicado e tudo que foi ensinado pois não há pessoa que nunca tenha visto (liberdade) me surpreende e foi como um trabalho como eles se interagem.

Fonte: Arquivo da pesquisa, 2017.

Módulo IX- A memória do outro.

O propósito desta aula foi de conhecer as comunidades indígenas presentes no município de Sapezal-MT para através de intercâmbio aprender a respeitar a diversidade cultural. E, também, ouvir as memórias contadas pelos povos ancestrais do município no intuito de evitar que qualquer forma de preconceito seja cometida contra as nações indígenas presentes na escola. Nesse contexto, o município de Sapezal atende as etnias Nambikwara e Paresí. Das aldeias, os alunos indígenas saem muito cedo para a cidade para frequentarem as escolas da rede municipal e estadual dando prosseguimento aos estudos.

O traslado da turma até a aldeia foi feito no ônibus cedido pela prefeitura em companhia da professora de História, Neize F. de Souza, que desenvolve um projeto com os alunos e comunidade indígena. Entretanto, o objetivo dos alunos do projeto do mestrado foi de ouvir e conhecer as memórias do povo Nambikwara.

Ao chegar à aldeia Três Jacu, os alunos foram recebidos na Escola Indígena Wakalitesu pelos professores Nambikwara pelo pajé.

Imagem 42: A dança da festa da Menina Moça.



Fonte: Arquivo da pesquisa, 2017.

As crianças indígenas estavam todas vestidas com a indumentária de festa. E na sequência os professores indígenas apresentaram aos alunos do

projeto o artesanato Nambikwara e sua importância para permanência da cultura deles.

Imagem 43: Momento de interação.



Fonte: Arquivo da pesquisa, 2017.

Depois a professora indígena leu uma história do povo dela e em seguida o pajé discorreu sobre a relevância da cultura deles para os mais jovens da tribo. Frisou que os jovens não podem deixar a cultura Nambikwara morrer.

Imagem 44: O pajé Valdemar Nambikwara.

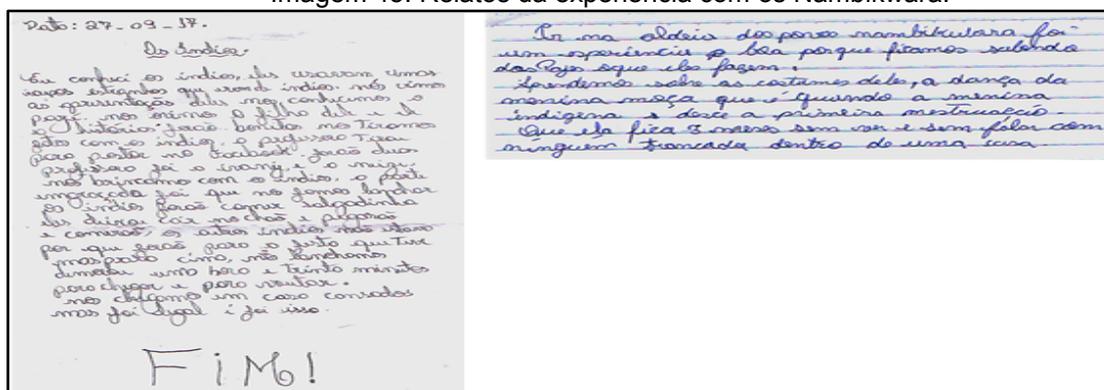


Fonte: Arquivo da pesquisa, 2017.

Em seguida, o professor e seus alunos cantaram e dançaram o ritual da Menina-Moça para os alunos assistirem. E a aula terminou com um lanche fraterno. Para finalização desta atividade foi proposto que os alunos

escrevessem relato de memórias sobre a experiência de visitar a nação Nambikwara.

Imagem 45: Relatos da experiência com os Nambikwara.



Fonte: Arquivo da pesquisa, 2017.

Módulo X- Hipertexto na sala de aula.

A leitura hipertextual é uma realidade para os jovens, sobretudo àqueles que têm acesso à internet e possuem aparelhos de tecnologia digital. No contexto da escola pública, a exclusão digital, ainda é uma constante, nem todos os alunos participantes do projeto possuem smartphones ou computadores em casa. Desse modo, oportunizar a reflexão crítica sobre os usos dessas ferramentas é papel da escola, uma vez que, nesta instituição há a possibilidade de acesso a rede de Internet.

Porém, um laboratório com vinte cinco computadores não tem como atender a demanda de mais de mil e vinte cinco alunos. O acordo, com a direção era de que nas quartas-feiras e quintas-feiras, a sala de informática ficaria disponível para os alunos do projeto. Todavia, não foi possível manter a tratativa, pois os horários de usos do laboratório chocaram com de outros professores. Foi o que aconteceu no dia da aplicação do módulo.

A saída foi pedir ajuda à coordenadora da Universidade Aberta do Brasil (UAB), que cedeu um dos laboratórios da instituição. Esse arranjo só foi possível porque o a universidade fica próxima à escola em o projeto é aplicado.

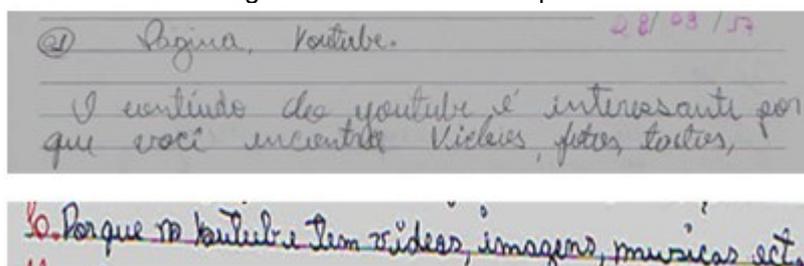
O laboratório da UAB é muito bom, com quarenta e cinco computadores funcionando e com Internet mais veloz que da escola. Os alunos ficaram felizes em poder usar um computador cada um. Aproveitou-se, também, a

oportunidade para apresentar a universidade para eles, pois muitos desconheciam que há em Sapezal, a possibilidade de cursar o nível superior em uma instituição pública de ensino.

A ideia da aula foi refletir com os alunos a diferença de leitura entre texto impresso e virtual. E se em algum momento, eles haviam pensado sobre essas diferenças. Pensando nisso, elaborou-se um pequeno questionário com quinze perguntas referente à leitura do texto digital questionando-os sobre os conceitos de hipertexto, hiperleitor, *link*, *hiperlink* e as principais diferenças entre o texto digital e o impresso.

No primeiro momento, foi sugerido aos alunos que escolhessem uma página web da preferência deles e observassem a composição da página. Registra-se que as páginas abertas de interesse dos alunos foram o *Youtube* e *Facebook*. Depois, conjuntamente com a professora, foram respondendo ao questionário proposto refletindo sobre as principais mudanças no processo de leitura entre o texto impresso e o digital. E para finalizar a aula foi proposto um pequeno relato sobre a aprendizagem do conteúdo ensinado.

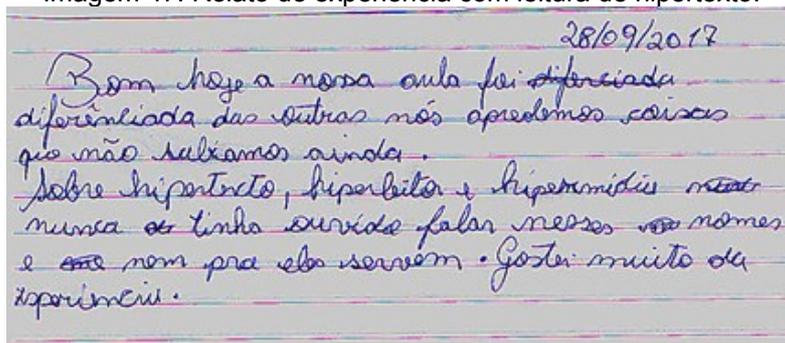
Imagem 46: Recortes de respostas.



Fonte: Arquivo da pesquisa, 2017.

Refletindo sobre as respostas, percebeu-se que os alunos se interessam mais pelo texto digital, especialmente, por ele ser multimodal e para a geração digital é muito mais atrativo, pois nessa plataforma de leitura é possível convergir diversos gêneros textuais dando à leitura dinamicidade, velocidade e a oportunidade de escolher a sequência de leitura. Todavia, os jovens internautas não conseguem refletir sobre essas novas formas de leitura sem a mediação do professor, assim como fica demonstrado no pequeno relato abaixo.

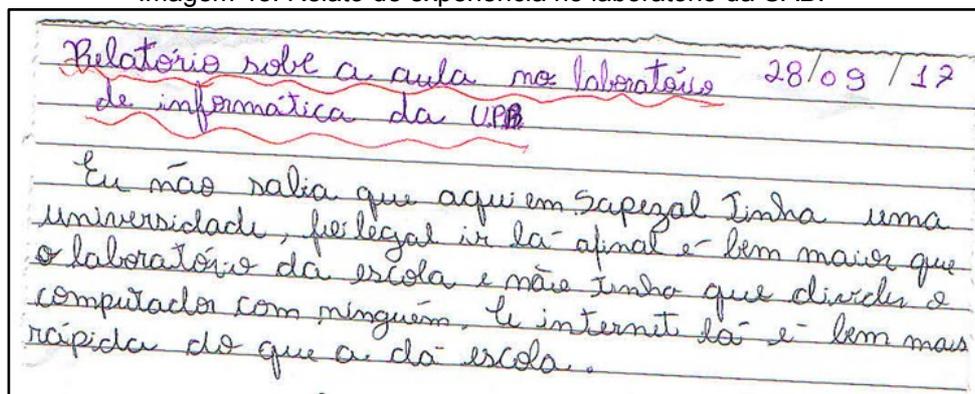
Imagem 47: Relato de experiência com leitura de hipertexto.



28/09/2017
Bom hoje a nossa aula foi diferenciada diferenciada das outras nós aprendemos coisas que não sabíamos ainda.
Sobre hipertexto, hiperbita e hipermidia não nunca eu tinha ouvido falar desses nomes e eu nem pra ela escrever. Gostei muito da experiência.

Fonte: Arquivo da pesquisa, 2017.

Imagem 48: Relato de experiência no laboratório da UAB.



Relatório sobre a aula no laboratório de informática da UAB 28/09/17
Eu não sabia que aqui em Sapezal tinha uma universidade, foi legal ir lá afinal eu lembro mais que o laboratório da escola e não tinha que digitar e computador com ninguém, e internet lá e lembro mais rápida do que a da escola.

Fonte: Arquivo da pesquisa, 2017.

No próximo relato, nota-se a descoberta do espaço universitário pelo aluno que ao descrever o ambiente é capaz de tecer uma crítica comparando as duas instituições no que se refere às ferramentas e acesso à internet.

Módulo XI- <http://memoriando.com.br>.

Este módulo foi o mais complicado de realizar, pois era imperativo que o laboratório de informática estivesse em pleno funcionamento, o que não aconteceu. Com o objetivo de oportunizar ao aluno um momento de autoria aliada ao letramento digital foi proposto que as atividades de escrita de relatos de memórias fossem escritas na página web <http://memoriando.com.br>. Este era para ser um momento de surpresa para os alunos que veriam em primeira mão um site construído, especialmente, para que todo trabalho desenvolvido por eles durante o projeto estivesse a um *click*.

Porém, surgiram muitos problemas e que obrigou a remarcação da aula por três vezes. Na primeira vez, à sala do laboratório de informática estava sem acesso à internet, a coordenação agiu prontamente para dar solução ao problema, no entanto o técnico de informática da prefeitura estava em outro evento e não pode ir à escola viabilizar o acesso à internet. Foram duas horas no laboratório esperando pelo reparo que não aconteceu. Da segunda vez, o mesmo problema, o laboratório estava sem acesso à internet, desistimos do encontro. Na terceira, com a mesma situação de falta de acesso à internet, sem tempo hábil para remarcar novamente, foi solicitado à coordenação para liberar o único computador da sala dos professores, a coordenadora permitiu desde que fossem de cinco em cinco alunos para não tumultuar a sala e assim foi feito.

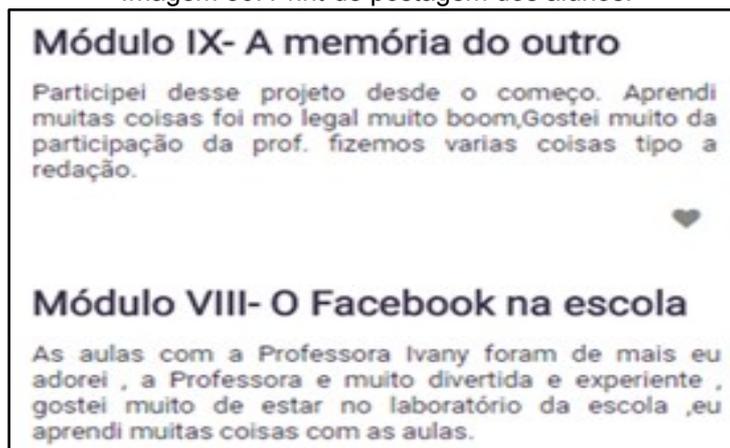
Imagem 49: Na sala dos professores.



Fonte: Arquivo da pesquisa, 2017.

Com apenas um computador e muitos alunos não foi possível realizar o módulo conforme o planejado. Dessa forma, foi feita a opção de mostrar o *site* aos grupos de alunos e sugerido que cada grupo escrevesse um *post* em qualquer um módulo trabalhados. Ficou combinado com os alunos que em outro momento, como tarefa de casa, eles escreveriam os relatos que era a proposta da aula. Mesmo com todos esses percalços foi gratificante perceber as reações dos alunos ao ver que suas atividades estão postadas no *site* para acesso da escola e comunidade. Muitos ficaram orgulhosos e outros se sentiram envergonhados.

Imagem 50: *Print* de postagem dos alunos.



Fonte: Arquivo da pesquisa, 2017.

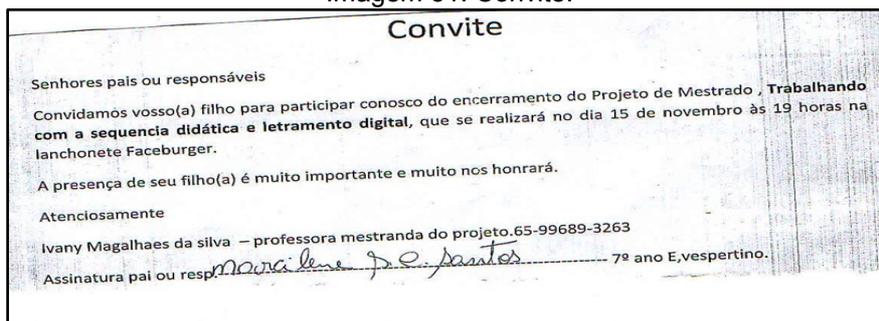
Em relação a esse módulo fica a sensação de impotência de não conseguirmos atingir os objetivos esperados.

Módulo XII- Memórias em noite de *Faceburger*.

E, com o sentimento de saudades, foi anunciado o último módulo do projeto que finda com uma comemoração apropriada. Uma noite de hambúrgueres na lanchonete *Faceburger*. A escolha do local pelos alunos foi apropriada até no nome fantasia do estabelecimento. Ficou combinado que serão (30) trinta convites sendo vinte cinco (25) alunos, pois já está findando o ano letivo e muitos alunos migraram de Sapezal para suas regiões de origem, mais (5) cinco adultos, incluindo professores, coordenação, direção da escola e secretária de educação. O evento ficou marcado para o dia 15 de novembro às 19 h.

No dia 14 de outubro, na escola, a coordenação elaborou um convite em que os pais deveriam assinar para que os alunos pudessem participar do evento. Segue abaixo um modelo de convite devidamente assinado.

Imagem 51: Convite.



Fonte: Arquivo da pesquisa, 2017.

Por sugestão do proprietário da lanchonete, ficou a critério dos alunos a escolha do lanche e refrigerante porque adolescente costumam ser exigente com alimentos e nem tudo que há da composição do lanche é do gosto deles. Por isso, foi elaborado um cardápio em os alunos podiam escolher o lanche que quisesse completo ou não, e se, não, teria que dizer o que seria retirado da composição do lanche. Na sequência um exemplo de escolha.

Imagem 52: Cardápio.



Fonte: Arquivo da pesquisa, 2017.

Dos 25 alunos convidados apenas 15 foram ao evento e algumas mães me telefonaram para confirmar se realmente era verdade que a professora iria pagar lanches para os alunos. Alguns alunos também comentaram que muitos pais não deixaram os filhos irem por não acreditar que realmente era de graça o evento.

Além disso, foram convidados formalmente representantes da Escola Municipal Profa. Eneli Firmo Bandeira Scapinello e da Secretaria de Educação Municipal. São eles: secretária de Educação, diretor, professoras, coordenadoras e orientadora pedagógica.

Dos convidados da SEMECE compareceram uma professora e orientadora pedagógica. Convidados externos foram o patrocinador da comemoração e assessor de imprensa da Câmara Municipal que cobriu o evento.

Os proprietários da lanchonete prepararam toda decoração para receber os alunos e postaram as fotos do evento no *Facebook* da empresa. Deixaram, também, uma garçonete para atender somente aos alunos. E, ainda, foi disponibilizada a TV do local para que por meio de *slides*, o projeto fosse visualizado pela sociedade que ali se encontrava.

Os alunos que foram estavam todos muito bonitos e vestidos para festa. Quando chegaram ficaram encantados com a decoração e o atendimento. No final, foi feito um pequeno agradecimento aos envolvidos no projeto e logo em seguida, os alunos foram encaminhados para casa, encerrando o projeto.

O objetivo do fechamento das atividades foi de apresentar à comunidade o percurso do trabalho desenvolvido pelos alunos e dar encerramento das atividades. O material será transformado em DVD que será doado para as famílias dos alunos envolvidos no projeto, bem como disponibilizar exemplares do DVD com orientações didáticas do projeto de memórias, caderno de atividades; relato de experiência do projeto para SEMECE, Escola Municipal Profa Eneli Firmo Bandeira Scapinello, Biblioteca Pública e Museu João Bertotto. Além disso, é parte do projeto que se tenha um produto que fique disponível para a comunidade. Como produto do trabalho desenvolvido optamos pela página Web <http://memoriando.com.br> produzido pela empresa CSW SOLUÇÕES WEB que consta no site <https://clickwebdesignertga.com.br>. Na sequência, registro de alguns momentos do evento de finalização do projeto.

Imagem 53: Evento de finalização do projeto.



Fonte: Arquivo da pesquisa, 2017.

4 EFEITO DE FECHO

A realização dessa intervenção pedagógica atesta a importância de trabalhar Língua Portuguesa por meio da sequência didática na intenção de promover os multiletramentos e letramento digital com os alunos, pois na consecução desse trabalho percebeu-se que as estratégias pedagógicas adotadas foram bem recebidas pela turma do 7º Ano D, da Escola Municipal Profa. Eneli Firmo Bandeira Scapinello, que correspondeu participando ativamente das sequências didáticas sugeridas.

Desse modo, faz-se necessário destacar que o trabalho com a SD permitiu que os alunos entendessem e apropriassem do gênero relato e suas diversificações com mais eficácia, pois o estudo sistematizado e sequencial contribuiu para o sucesso no ensino e aprendizagem, tornando-o mais atrativo para os discentes.

Os estudos desenvolvidos no Mestrado Profissional em Letras-ProfLetras possibilitou compreender que a academia é lugar para buscar novas teorias que sejam capazes transformar a prática docente em sala de aula. Nesse sentido, coadunou para que os alunos tivessem acesso às novas propostas de aprendizagem por intermédio das novas teorias sobre sequência didática, multiletramento, análise de discurso e letramento digital. Todas foram usadas na intervenção pedagógica com o intuito de proporcionar aos alunos à competência comunicativa para que através destes recursos, eles possam se constituir sujeito de seus discursos.

Além disso, foi dada também aos alunos a oportunidade para que narrassem suas memórias por meio do gênero relato favorecendo aos discentes a reflexão sobre o próprio processo histórico em que estão inseridos. E além da escrita de relato simples sobre memórias familiares, escreveram, ainda, relatando as experiências com a cultura indígena e Mato-Grossense. Ademais, aprenderam sobre a diversidade textual que compõem o gênero relatar estudando a composição de cartas, entrevistas, contos, diários, poemas, pesquisas e postagem nas mídias sociais.

Outro fator relevante para o desenvolvimento desse projeto foi a criação do primeiro laboratório de informática da escola, visto que sem esse aporte tecnológico seria impossível a realização do trabalho, entretanto, a maior importância foi que os alunos puderam ter acesso ao letramento digital ambiente escolar, por meio de atividades didáticas com o uso do *Word, Pov Point, Google, Youtube, Wikipédia, Facebook*, produção de vídeo-memória e página *web*, talvez, seja esse o maior proveito dos discentes na aplicação desta intervenção pedagógica.

Na seara da Educação as ligações afetivas e a troca de conhecimento entre professor e alunos, é para além dos muros da escola, por isso, não um fecho para o projeto de intervenção pedagógica porque os frutos a serem colhidos ultrapassam gerações. Assim, a escola é chão fértil para o novo que, neste momento, já se faz velho e, por isso, deve ter sempre as portas abertas para que outras possibilidades de renovação e implementação teórica.

REFERÊNCIAS

DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCNEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. et al. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. São Paulo: Pontes, 12. ed. 2015.

_____. **Papel da memória**. In: ACHARD, P. (et al). **Papel da memória**. Campinas, SP: Pontes, 1999.

GOMES, L. F.. **Hipertexto no cotidiano escolar**. São Paulo: Cortez, 2011.

ROJO, R.; MOURA, E. **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola, 2012.

_____. Barbosa, Jacqueline P. **Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos**. São Paulo: Parábola, 2015.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 1985.

WEBGRÁFICOS

Fragilidade da memória. Disponível em: <http://educarepersone.blogspot.com.br/2009/07/porque-e-fragil-memoria-dos-homens-e.html>. Acesso em: 20 mar. 2017.

Poema. Disponível em: <https://poesiainfantilblog.wordpress.com/2016/04/13/porquinho-da-india-manuel-bandeira-2/>. Acesso em: 20 mar. 2017.